



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL

FRANCISCA MARCIA GABRIELLE ALVES FREITAS

ROLÊ SOCIOLÓGICO: APRENDENDO SOCIOLOGIA COM A CIDADE

FORTALEZA
2023

FRANCISCA MARCIA GABRIELLE ALVES FREITAS

ROLÊ SOCIOLÓGICO: APRENDENDO SOCIOLOGIA COM A CIDADE

Dissertação apresentada Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre de Ensino em Sociologia. Área de concentração: Práticas de Ensino e Conteúdos Curriculares.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Willams Ribeiro Lopes.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F936r Freitas, Francisca Marcia Gabrielle Alves Freitas.
Rolê Sociológico : Aprendendo Sociologia com a cidade. / Francisca Marcia Gabrielle Alves Freitas
Freitas. – 2023.
167 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação,
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. Francisco Willams Ribeiro Lopes .

1. Intervenção Pedagógica. 2. Ensino Médio. 3. Sociologia. 4. Cidade. I. Título.

CDD 301

ROLÊ SOCIOLÓGICO: APRENDENDO SOCIOLOGIA COM A CIDADE

Dissertação apresentada Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre de Ensino em Sociologia. Área de concentração: Práticas de Ensino e Conteúdos Curriculares.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Willams Ribeiro Lopes.

Aprovada em: 27/04/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Williams Ribeiro Lopes (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profª. Dra. Danyelle Nilin Gonçalves
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profª. Dra. Michely Peres de Andrade
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Aos meus queridos alunos. Que a vida de
vocês tenha entusiasmo.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Cleide Alves, por ter me apresentado ao mundo da educação. Por sempre ter me incentivado a estudar, permitindo que eu me dedicasse somente a isso. Obrigada por nunca ter me deixado desanimar, ter sonhado junto comigo e por ser a melhor professora que já tive.

Ao meu companheiro, Pedro José Santini Costa, fiel torcedor e incentivador dessa empreitada, a quem pude compartilhar meus sonhos, dificuldades e anseios. Obrigada pelo apoio incondicional. Obrigada por acreditar em mim quando nem eu mesma podia fazer, por me ajudar lendo e relendo esse trabalho. O processo de escrita foi menos cansativo por saber que podia compartilhar esse caminho com você.

À Família Alves, em nome do meu sobrinho e afilhado Tomás José Alves e da minha irmã Cícera Cyntia Alves, por compreenderem minhas ausências e sempre acreditarem no meu potencial.

Ao meu querido irmão, Carlos Eduardo Almeida, por estar sempre ao meu lado.

Ao meu querido orientador, professor Francisco Willams Ribeiro Lopes, a quem tenho uma imensa admiração. Muito obrigada por acreditar e incentivar esse projeto, pela dedicação na leitura dos trabalhos, pela paciência, acolhimento, trocas e sabedoria. O caminho se tornou mais leve por saber que estava sob sua orientação.

Aos meus queridos alunos e às minhas queridas alunas que participaram dessa experiência em 2019, aos que se inscreveram na eletiva Rolê Sociológico de 2021 e 2022. Vocês são junto comigo os(as) protagonistas desse trabalho. Esse momento é nosso! Obrigada por abraçarem a proposta e viverem essa aventura comigo.

A todos os membros da EEMTI Capelão Frei Orlando, em nome da diretora Maria Idayana Bezerra Santiago e dos coordenadores Pedro Marcelo Lima de Oliveira e Daniel Martins, por terem aberto as portas para que eu pudesse realizar meu trabalho como professora de Sociologia e pelo incentivo para a realização do mestrado.

À professora Danyelle Nilin Gonçalves e ao professor Alexandre Jerônimo Correia Lima, que fizeram ricas e importantes considerações na banca de qualificação.

A todos os professores e funcionários que fazem parte do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional da UFC, em nome da secretária Genilria, pela dedicação, ensinamentos, acolhimento e trocas.

À turma de 2021 do ProfSocio, por terem tornado essa jornada mais leve.

Às amigas que ganhei nas Ciências Sociais: Fernando, Janaína e Isabel. Nunca terei

palavras para descrever o quanto sou feliz pelo nosso encontro. Obrigada por todos os momentos de escuta, risadas e lágrimas, mesmo distante.

À Mayara Gomes Oliveira, professora e amiga que me apoiou e incentivou diretamente. Muito obrigada por ter sido uma parceira durante a execução do Rolê Sociológico em 2022.

À Verônica Moudiany Martins Barbosa, obrigada por sua amizade, pela generosidade nos momentos de acolhimento e escuta. A você todo meu carinho e admiração.

Ao Daniel Martins Braga, que além de um grande coordenador escolar foi um grande amigo e chefe de torcida para que eu me tornasse mestra. Obrigada pelas caminhadas que tantas vezes foram palco de troca, escuta, incentivo e amizade. A você meu carinho e admiração, que continue a incentivar tantos outros docentes à formação continuada.

Aos meus amigos e amigas, muito obrigada por me animarem e acreditarem que esse momento chegaria.

Ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e aos Pibidianos da Universidade Federal do Ceará (UFC), bolsistas de 2016, em nome da professora Danyelle Nilin Gonçalves, por contribuírem diretamente com minha formação docente.

À secretária escolar da EEMTI Capelão Frei Orlando, Maria Lúcia, por ter me ajudado com os trâmites relativos ao transporte escolar.

A toda equipe da CREDE 07, em nome do professor Paulo Alexandre Queiroz, pelo acolhimento e apoio para com a minha pesquisa, especialmente no momento de solicitação dos transportes para as aulas de campo.

Para todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desse trabalho.

Ao universo, por me permitir estar viva.

Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento. (FREIRE, 2016, p. 47).

RESUMO

Este trabalho analisa como as aulas de Sociologia nos espaços urbanos podem se tornar um recurso pedagógico que desenvolve o pensar sociológico nos estudantes da educação básica. Trata-se da elaboração, realização e avaliação de uma Intervenção Pedagógica denominada Rolê Sociológico, formada por um conjunto sequencial de atividades baseadas na didática desenvolvida por Gasparin (2020) para promover a reflexão crítico-científica nos estudantes sobre os processos sociais que envolvem as vivências nos espaços urbanos da cidade onde residem. O objetivo geral deste trabalho é apresentar como a cidade pode ser um ambiente fértil durante o processo de aprendizagem do “modo sociológico de pensar”. Os objetivos específicos desta pesquisa são: possibilitar aos estudantes a identificação de como pensar a sociedade a partir da cidade; proporcionar uma maior reflexão e questionamento do seu cotidiano social, de modo que os estudantes participem enquanto sujeitos do processo de ensino e aprendizagem e fortalecer o debate sobre as intervenções pedagógicas e o ensino de Sociologia no Ensino Médio. Para o desenvolvimento deste trabalho foram utilizados alguns instrumentos metodológicos: a pesquisa bibliográfica, o grupo focal e a aplicação de questionários. Esta intervenção possui três experiências prévias, feitas nos anos letivos de 2019, 2021 e 2022, todas em uma Escola de Ensino Médio em Tempo Integral. Em 2019, as limitações encontradas estavam relacionadas ao tempo de aula da disciplina de Sociologia, bem como a própria falta de legitimidade dela dentro da escola. Em 2021, foi planejada no âmbito do Mestrado Profissional em Sociologia e executada em meio ao ensino remoto, modalidade possível diante da pandemia do novo coronavírus. Tal modalidade possui diversas limitações que afetaram diretamente no desenvolvimento desta intervenção: não há interação face-a-face; nem todos os alunos possuem um bom provedor de internet, um aparelho celular ou notebook de qualidade ou até mesmo um local adequado para realização dos estudos. Apesar disso, possibilitou aos estudantes desenvolvimento do estranhamento e da desnaturalização em relação à cidade e, conseqüentemente, o modo sociológico de pensar. A última versão ocorreu em 2022, presencialmente, no espaço de uma disciplina eletiva. Nela foi observada a mudança de postura dos estudantes em relação à cidade, pois a partir do estranhamento, desnaturalização e desenvolvimento do modo sociológico de pensar demonstravam compreensão das problemáticas, interações e relações sociais estabelecidas nos espaços urbanos. A apatia dos estudantes nas salas de aula foram dificuldades percebidas e consideradas no processo de (re)construção do Rolê Sociológico. A saída para essas problemáticas foi encontrada ao fortalecer o envolvimento dos estudantes em sala de aula,

incentivando sua proatividade a partir das rodas de conversas com os convidados. Apesar dessas limitações, foi identificado que é possível aprender Sociologia com a cidade, compreendendo-a a partir dos conflitos e relações sociais estabelecidos nos espaços urbanos. A experiência, além de fortalecer o pertencimento dos estudantes à cidade, também fortalece a identidade pedagógica da disciplina de Sociologia na escola.

Palavras-chave: intervenção pedagógica; ensino médio; Sociologia; cidade.

ABSTRACT

This study analyzes how Sociology classes in urban spaces can become a pedagogical resource that develops sociological thinking in basic education students. It involves the development, implementation, and evaluation of a Pedagogical Intervention called "Rolê Sociológico", which consists of a sequential set of activities based on the didactics developed by Gasparin (2020) to promote critical-scientific reflection among students on the social processes that involve experiences in the urban spaces where they reside. The general objective of this work is to present how the city can be a fertile environment during the process of learning the "sociological way of thinking". The specific objectives of this research are: to enable students to identify how to think about society from the city; to provide greater reflection and questioning of their social daily life, so that students participate as subjects in the teaching and learning process; and to strengthen the debate on pedagogical interventions and the teaching of Sociology in high school. For the development of this work, some methodological instruments were used: bibliographic research, focus groups, and questionnaires. This intervention has had three previous experiences, carried out in the class of 2019, 2021, and 2022, all in a Full-Time High School. In 2019, the limitations encountered were related to the limited class time for the Sociology discipline, as well as its lack of legitimacy within the school. In 2021, it was planned within the scope of a Professional Master's degree in Sociology and executed in the context of remote teaching, a modality made possible due to the new coronavirus pandemic. This modality has several limitations that directly affected the development of this intervention: there is no face-to-face interaction; not all students have a good internet provider, a quality cell phone or notebook, or even a suitable place to study. Despite this, it enabled students to develop estrangement and denaturalization regarding the city and, consequently, the sociological way of thinking. The last version took place in 2022, in-person, in the context of an elective course. In it, a change in the students' attitude towards the city was observed, as, through estrangement, denaturalization, and the development of the sociological way of thinking, they demonstrated an understanding of the problems, interactions, and social relationships established in urban spaces. The apathy of students in classrooms was perceived as a difficulty and considered in the process of (re)constructing the "Rolê Sociológico". The solution to these problems was found by strengthening the students' involvement in the classroom, encouraging their proactivity through conversations with invited guests. Despite these limitations, it was identified that it is possible to learn Sociology with the city, understanding it from the conflicts and social

relationships established in urban spaces. The experience not only strengthens the students' sense of belonging to the city but also strengthens the pedagogical identity of the Sociology discipline in the school.

Keywords: pedagogical intervention; high school; Sociology; city.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização da cidade de Canindé	45
Figura 2 – Abertura da Festa de São Francisco em 2019	46
Figura 3 – Ex-votos depositados na Casa dos Milagres em Canindé	48
Figura 4 – Localização da Praça dos Mestres saindo da Escola.....	62
Figura 5 – Campo 1: Ida a Praça dos Mestres.....	63
Figura 6 – Cartaz de divulgação da aula com o convidado Augusto César Magalhães Pinto	64
Figura 7 – Localização da Praça da Basílica, Praça Tomás Barbosa e Biblioteca Municipal Cruz Filho.....	65
Figura 8 – Campo 2: Biblioteca Municipal Cruz Filho.....	66
Figura 9 – Campo 2: Praça da Basílica.....	67
Figura 10 – Campo 2: Praça Tomás Barbosa.....	67
Figura 11 – Campo 3: Praça da Basílica na Festa de São Francisco.....	68
Figura 12 – Localização do Museu Regional São Francisco.....	69
Figura 13 – Campo 4: Museu Regional São Francisco.....	69
Figura 14 – Atividade de campo.....	70
Figura 15 – Cartaz de divulgação da aula com a convidada professora Mayara Gomes Oliveira.....	71
Figura 16 – Atividade Final: Proposta de Intervenção “Caminhos para a valorização dos espaços urbanos de	73

Canindé.”	
Figura 17 – Parte interna da Basílica de São Francisco. Registro capturado por um estudante no I Rolê Sociológico, em 2019.....	140
Figura 18 – Parte externa da Basílica de São Francisco. Registro capturado por um estudante no I Rolê Sociológico, em 2019.....	141
Figura 19 – Estudantes e professora realizando entrevistas na Praça da Basílica. Registro capturado por um estudante no I Rolê Sociológico, em 2019.....	142
Figura 20 – Estudantes entrevistando vendedor ambulante na Praça da Basílica. Registro capturado por um estudante no I Rolê Sociológico, em 2019.....	142
Figura 21 – Estudante entrevistando romeira na Casa dos Milagres. Registro capturado por um estudante no I Rolê Sociológico, em 2019.....	143
Figura 22 – Estudantes conversando com funcionário do Santuário de Canindé sobre o Painei de São Francisco.....	144
Figura 23 – Cidadina caminhando pela Praça da Basílica. Registro capturado por um estudante no III Rolê Sociológico.....	145
Figura 24 – Romeira rezando. Registro capturado por um estudante no III Rolê Sociológico.....	146
Figura 25 – Estudante e professora caminhando pela Praça da Basílica. Registro capturado por um estudante no III Rolê Sociológico.....	147
Figura 26 – Estudante entrevistando vendedora ambulante. Registro capturado por um estudante no III Rolê Sociológico.....	148
Figura 27 – Estudante escrevendo sobre o Museu Regional São Francisco.....	149
Figura 28 – Estudantes a caminho do Museu Regional São Francisco.....	150

Figura 29 – Estudantes em visita ao Museu Regional São Francisco.....	151
Figura 30 – Estudante em visita ao Museu Regional São Francisco.....	152
Figura 31 – Estudantes na visita à Biblioteca Municipal Cruz Filho.....	153
Figura 32 – Roteiro de Grupo Focal realizado após a primeira versão da Intervenção Pedagógica “Rolê Sociológico”	154
Figura 33 – Questionário inicial da terceira versão do Rolê Sociológico.....	155
Figura 34 – Questionário final da terceira versão do Rolê Sociológico.....	157

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Resultados da pergunta três do questionário inicial	77
Gráfico 2 – Resultados da pergunta cinco do questionário inicial	78
Gráfico 3 – Resultados da pergunta seis do questionário inicial	79
Gráfico 4 – Resultados da afirmativa nove questionário inicial	81
Gráfico 5 – Resultados da afirmativa dez questionário inicial	82
Gráfico 6 – Resultados da afirmativa onze questionário inicial	83
Gráfico 7 – Resultados da afirmativa doze questionário inicial	83
Gráfico 8 – Resultados da variável “classe” do questionário final	85
Gráfico 9 – Resultados da afirmativa dezesseis do resultado final	90
Gráfico 10 – Resultados da afirmativa dezessete do resultado final	91
Gráfico 11 – Resultados da afirmativa dezoito do resultado final	92
Gráfico 12 – Resultados da afirmativa dezenove do resultado final	92

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CREDE	Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação
DCRC	Documento Curricular Referencial do Ceará
EEMTI	Escola de Ensino Médio em Tempo Integral
NEM	Novo Ensino Médio
PEE	Plano Estadual de Educação
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PNE	Plano Nacional de Educação
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PPGS	Programa de Pós-Graduação em Sociologia
PROFSOCIO	Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
PRP	Programa de Residência Pedagógica
SECULT	Secretaria da Cultura
SEDUC	Secretaria da Educação
UFC	Universidade Federal do Ceará

LISTA DE SÍMBOLOS

% Porcentagem

SUMÁRIO

1	QUANDO A SOCIOLOGIA ULTRAPASSA OS MUROS DA ESCOLA	17
1.1	Percursos Metodológicos	22
2	A SOCIOLOGIA VAI À CIDADE	27
2.1	A cidade como ambiente fértil para o desenvolvimento do “modo sociológico de pensar”	27
2.2	Currículo das EEMTIs: um campo fértil para o ensino de Sociologia?	32
2.3	Intervenções Pedagógicas e o ensino de sociologia	38
2.4	Produções Sociológicas sobre a Cidade e sobre Canindé	40
2.4.1	<i>Produções Sociológicas sobre o fenômeno urbano</i>	40
2.4.2	<i>Canindé: a cidade da fé</i>	44
2.4.3	<i>Produções Sociológicas sobre a cidade de Canindé</i>	49
2.5	A cidade na Sociologia Escolar: O programa Nacional do Livro Didático de 2018	51
3	ROLÊ SOCIOLÓGICO: DA AULA DE CAMPO À DISCIPLINA ELETIVA	53
3.1	Uma “aula diferente”: primeira versão do Rolê Sociológico	53
3.2	“Estar na eletiva para conhecer o lugar onde eu moro”: segunda versão do Rolê Sociológico	54
3.3	“A gente vai pra onde, tia?”: terceira versão do Rolê Sociológico	60
3.3.1	<i>Questionário Inicial</i>	75
3.3.2	<i>Questionário Final</i>	85
4	ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA	93
4.1	Sociologia Local: Um exercício do planejamento para o Rolê Sociológico ..	99
5	APRENDENDO SOCIOLOGIA COM A CIDADE: UMA DISCIPLINA ELETIVA	103
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
	REFERÊNCIAS	130
	APÊNDICE A – FOTOGRAFIAS DOS ROLÊS SOCIOLÓGICOS	140
	APÊNDICE B – GRUPO FOCAL	154
	APÊNDICE C – QUESTIONÁRIOS APLICADOS ANTES E DEPOIS	155

DA 3ª VERSÃO DO ROLÊ SOCIOLÓGICO

APÊNDICE D – PLANO DE DISCIPLINA ELETIVA MODELO SEDUC 160

CAPÍTULO 1 – QUANDO A SOCIOLOGIA ULTRAPASSA OS MUROS DA ESCOLA

Este trabalho analisa como as aulas de Sociologia sobre a cidade e em seus espaços urbanos podem auxiliar no desenvolvimento do “modo sociológico de pensar” nos estudantes da educação básica. Trata-se, portanto, da elaboração, realização e avaliação de uma Intervenção Pedagógica, denominada Rolê¹ Sociológico, formada por um conjunto sequencial de atividades que visam promover a reflexão crítico-científica nos estudantes sobre os processos sociais que envolvem as vivências nos lugares onde residem.

Assim, esta proposta favorece a utilização de sequências didáticas que utilize os espaços urbanos como ambiente pedagógico, pois tem como objetivo proporcionar uma reflexão sobre a cidade como objeto de investigação. E sobre o que por meio dela somos capazes de aprender, a partir do entendimento de que nela existem diferentes dinâmicas, vivências e ocupações, que resultam em conflitos sociais e manifestações culturais, políticas e religiosas.

Tal proposição teve três execuções anteriores, sendo uma delas no período pandêmico. Como se sabe, a pandemia do novo coronavírus afetou não somente a área da saúde, mas também a da educação, uma vez que a socialização dos(as) jovens e crianças do mundo inteiro ficaram comprometidas. Desse modo, a pandemia afetou o ensino e a construção desta intervenção pedagógica. O Rolê Sociológico proposto aqui tem características das experiências realizadas no ensino presencial e no ensino remoto.

Entender a cidade como um espaço fértil para o aprendizado sociológico proporciona uma maior aproximação entre os conteúdos dados e o cotidiano dos jovens, auxiliando na promoção e desenvolvimento do pensar sociológico. Além disso, fortalece o ensino de Sociologia no Ensino Médio, contribuindo para a construção da sua identidade escolar, pois pode possibilitar um espaço de questionamento, descoberta e construção do conhecimento alicerçado em outros espaços que não o da sala de aula. Acima de tudo, pode proporcionar um maior entendimento da sociedade em que se está inserido, o que leva a questionar as relações sociais do seu cotidiano.

As reflexões sobre a cidade, seus conflitos e relações sociais podem possibilitar um processo de ensino e aprendizagem pautado no estranhamento e na desnaturalização acerca do fenômeno urbano. Olhar o urbano do ponto de vista sociológico viabiliza uma nova visão

¹ Conforme Silva (2017) um “Rolê” ou “Rolé” é uma palavra presente na linguagem informal dos brasileiros sobretudo entre os mais jovens, caracterizando-se por se tratar de um “pequeno passeio”, uma “volta”. Sua origem está ligada à região sudeste do Brasil, especificamente Rio de Janeiro e São Paulo. Dessa forma, um “Rolê Sociológico” trata-se de um passeio pela cidade, objetivando o desenvolvimento do modo sociológico de pensar.

deste, pois “[...] a cidade se transforma em espaço para exercitar criticamente a percepção sobre cidadania e a participação enquanto ser social.” (ARAÚJO, 2014, p. 04).

Neste sentido, o objetivo geral deste trabalho é apresentar como a cidade pode ser um ambiente fértil durante o processo de aprendizagem do “modo sociológico de pensar”, que pode ser entendido, de acordo com Barreira (2014), como “[...] a tarefa de instrumentalizar os alunos com categorias analíticas e maneiras de observar o que é designado como ‘realidade social’, de modo diferente daquele utilizado costumeiramente para explicar o mundo e nele se situar”. (2014, p. 66)

Partindo do pressuposto de que é importante pensar em estratégias didático-pedagógicas para potencializar o processo de aprendizagem e tornar o ensino de Sociologia mais instigante fazendo com que este dialogue com a realidade juvenil, os objetivos específicos desta intervenção são: possibilitar aos(às) jovens estudantes a identificação de como pensar a sociedade a partir da cidade; proporcionar uma maior reflexão e questionamento do seu cotidiano social, de modo que os(as) jovens estudantes participem enquanto sujeitos do processo de ensino e aprendizagem e fortalecer o debate sobre as intervenções pedagógicas e o ensino de Sociologia no ensino médio, ampliando assim os escopos e formulações teóricas a respeito.

Dessa forma, surgiram as seguintes questões: ter a cidade como ambiente de aprendizagem que ultrapasse a sala de aula poderia aprimorar o processo de ensino e aprendizagem? É possível aprender Sociologia na cidade e com a cidade? As aulas de Sociologia tendo como referência a cidade poderão auxiliar os alunos a desenvolver o “modo sociológico de pensar”?

A ideia de promover o "modo sociológico de pensar" nos estudantes surgiu porque, ao se debruçar sobre textos sociológicos que apresentam o ensino de Sociologia ou sobre a importância de se estudar Sociologia, a primeira questão que se encontra é sobre o que é o “pensar sociológico”. Cabe salientar que ele é colocado de forma diferente por diversos autores, não havendo uma definição única, sendo que todas elas constituem um elemento importante para o ensino de Sociologia. Correia Lima (2018, p. 168), por exemplo, quando retrata sua experiência de pesquisa no ensino de Sociologia, nos abrilhanta com a ideia de que “[p]ara começar a pensar sociologicamente é preciso aceitar (em um primeiro momento) que tomar uma decisão é algo individual e social ao mesmo tempo.”

No mesmo sentido, costumo dizer aos meus alunos que estudar Sociologia vai auxiliá-los a entender a sociedade que eles estão inseridos, que nela nada é natural, embora pareça, e que nossas escolhas e decisões têm influência da sociedade, mas que nós também agimos

sobre ela. Mostro que precisamos entender como a relação entre estrutura e agentes sociais produzem preconceitos de cor, classe social, gênero e sexualidade. Ademais, compreender a cidade como ambiente fecundo para a aprendizagem contribui para a construção e o desenvolvimento do modo sociológico de pensar, pois possibilita aos jovens estudantes construir conhecimento a partir de suas próprias vivências nos espaços urbanos, compreendendo que estes possuem significados que lhes são atribuídos.

A cidade onde se desenvolve esta intervenção pedagógica é Canindé, situada no sertão central do estado do Ceará. A referida cidade possui aproximadamente 78 mil habitantes e é reconhecida internacionalmente pelo evento cultural e religioso ligado a São Francisco das Chagas, popularmente conhecido como “Romaria de Canindé” e “Festa de São Francisco”. De acordo com o projeto Move Ceará (TURISMO, 2022?), estima-se que a cidade receba três milhões de devotos por ano, intensificando a presença de romeiros principalmente no período da festa, em meados de setembro e outubro. Tal fenômeno move a cidade economicamente e culturalmente. Assim sendo, os jovens estudantes são convidados por meio do Rolê Sociológico a pensar sobre a cidade, o lugar que eles ocupam e como este lugar se modifica a partir da influência de aspectos religiosos e culturais. Pensar a sociedade, seus conflitos, constituições e mudanças a partir da cidade, dos romeiros, turistas e cidadãos e as relações que são construídas entre estes atores no espaço urbano.

Esta proposta de intervenção pedagógica foi elaborada e executada a partir de experiências de ensino em uma escola de ensino médio em tempo integral, a EEMTI Capelão Frei Orlando, com estudantes das três séries do ensino médio. O tempo e o espaço no currículo escolar utilizado para desenvolver a intervenção foi de uma disciplina eletiva. Trata-se de componentes ofertados na parte diversificada deste tipo de escola que conta com 2h/a semanais e tem suas temáticas definidas a partir dos interesses de alunos(as), professores(as) e gestão escolar.

Considerando que esta Intervenção Pedagógica foi realizada no tempo e espaço de uma Disciplina Eletiva, não se pode esquecer que a Sociologia que se está ensinando nesses espaços é uma Sociologia que não é no formato disciplinar, ou seja, não possui a mesma legitimidade de quando é ministrada como disciplina do currículo da base comum. Isto posto, faz-se necessário levantar alguns questionamentos: que tipo de Sociologia se está ensinando nas eletivas? O ensino de Sociologia é fortalecido ou fragilizado dentro das disciplinas eletivas?

Portanto, este trabalho se propõe a refletir sobre: a cidade como ambiente fértil para o desenvolvimento do “modo sociológico de pensar”; a situação do ensino de Sociologia na

parte diversificada do currículo escolar; quais as aprendizagens adquiridas a partir de uma intervenção pedagógica que toma a própria cidade como objeto de prática de investigação e palco da aprendizagem sociológica; como criar uma sequência didática que possa contribuir com professores e professoras de Sociologia que atuam em disciplinas eletivas na educação básica do estado do Ceará e quais as consequências de pensar uma aprendizagem que não aconteça apenas na sala de aula.

O interesse por este tema surgiu durante a minha formação inicial na Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará (UFC), na qual fui bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), nos anos de 2016 a 2018. Nele, as questões referentes à legitimidade e fortalecimento do ensino de Sociologia na educação básica sempre estiveram presentes em nossos planejamentos. Promovemos, durante um período de quase dois anos, atividades que tinham como objetivo principal o desenvolvimento do “modo sociológico de pensar”, como proposto por Barreira (2014). Nos momentos desenvolvidos, os(as) jovens eram incentivados a realizarem aplicações de questionários e entrevistas para reflexão sobre a temática do trabalho e escrita de biografias para pensar a história de vida e sua relação com o social. Tais experiências fizeram com que, ao tornar-me professora regente, quisesse desenvolver atividades com propostas similares.

Assim, a ideia de pensar o espaço urbano a partir da Sociologia e aprender Sociologia com ele apareceu a partir dessas experiências iniciais. Além disso, outro grupo de bolsistas do PIBID de Sociologia sob orientação do Professor de Sociologia da escola, professor Leonardo Carneiro, desenvolveu uma atividade denominada “Rolê Urbano”, em que se percorria o bairro da escola e faziam discussões sobre este espaço a partir da produção de etnografias. Em agosto de 2019, formada e atuando como professora de Sociologia, decidi replicar a ideia na escola em que estava lotada a partir de outros questionamentos, com outros objetivos e ajustes, pensando na especificidade da escola, dos(as) jovens estudantes e da cidade em questão.

Somado a isso, veio a oportunidade de inscrição no processo seletivo do Mestrado Profissional em Sociologia (PROFSOCIO). Inicialmente, submeti uma proposta de dissertação que tinha como objetivo compreender a relação entre as práticas pedagógicas dos professores de Sociologia da CREDE 07 e sua formação inicial. Após o processo seletivo, pensei que me identificaria mais com a intervenção pedagógica do que com a dissertação tradicional e resolvi pensar como a ideia do “Rolê Urbano” poderia se tornar uma intervenção pedagógica a ser realizada na educação básica.

De início, me inspirei em bell hooks (2017) que, ao entrar na sala de aula, tinha como norte pedagógico a ideia de que aquele espaço não deve ser entediante, mas sim entusiasmante e que este tédio deve ser algo a ser modificado, com a ressalva, porém, de que somente o entusiasmo por si só não é suficiente para criar um processo de ensino e aprendizagem empolgante. Em seu texto, ela desenvolve tal questão argumentando que esse espaço de entusiasmo só é possível de ser criado quando se valoriza a presença e contribuição de todos, sendo o entusiasmo um esforço coletivo gerado a partir dessa valorização. A referida autora inspirou-se em Paulo Freire, que em seu livro “À sombra desta mangueira” já alertava que a Educação deveria caminhar de modo a criar “[...] um clima na sala de aula em que ensinar, aprender, estudar são atos sérios, demandantes, mas também provocadores de alegria” (FREIRE, 2019, p. 125).

Portanto, a proposta do Rolê Sociológico nasce da vontade de desenvolver uma Pedagogia Engajada, que nos dizeres de hooks (2017, p. 25), significa um ensinar “[...] de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos”, algo que fortaleça não somente os meus alunos, mas também me fortaleça e me capacite. Assim é como vejo e compreendo o chão da sala de aula e a construção do processo de ensino e aprendizagem.

Seguindo esta linha, a proposta aqui é baseada no passo-a-passo didático desenvolvido por Gasparin (2020), que se inspira na Pedagogia Histórico-Crítica, quando considera o conhecimento prévio trazido pelos(as) jovens estudantes à escola e trabalha os conteúdos e conhecimentos em sua multiplicidade e ligação com outros conteúdos e conhecimentos.

Contudo, desenvolver uma pedagogia engajada num contexto em que a Sociologia tem a necessidade de legitimidade no espaço escolar faz com que eu me veja, por vezes, ensinando Sociologia não só para os(as) jovens estudantes, mas também para o restante da comunidade escolar – gestão, demais professores, funcionários. Refiro-me aos momentos em que preciso explicar o que era Sociologia e para que servia, tarefa superada por outras disciplinas escolares.

Apesar de ter permanecido recentemente como disciplina obrigatória na educação básica durante quase dez anos² – de 2008 até a reforma do ensino médio de 2017 -, o ensino de Sociologia ainda possui vários desafios no que diz respeito a sua legitimidade, tais como: pouquíssimos professores com formação adequada na área, a ideia comumente difundida de que a disciplina serve apenas para debater assuntos do dia (BODART, 2019). Esses desafios

² Não serão aprofundadas questões históricas do ensino de Sociologia, uma vez que não é este o objetivo deste trabalho. Contudo, há uma larga produção de reflexões sobre o tema por Cigales (2014), Oliveira (2016), Oliveira (2013), Meucci (2015) e Silva (2007).

trazem à tona reflexões de quais espaços podemos ocupar na educação básica frente à Reforma do Ensino Médio e a consequente implementação do Novo Ensino Médio (NEM), em que o ensino de Sociologia não é caracterizado como obrigatório e como “estudos e práticas” e como um componente da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, juntamente com a História, Geografia e a Filosofia.³ (BRASIL, 2017; CEARÁ, 2021).

Neste caminho, considerando a implementação do Novo Ensino Médio (NEM) em curso e a publicação do Documento Referencial Curricular do Ceará (DCRC), este trabalho também traça questões para se pensar, após esta implementação, sobre como ficará o currículo diversificado das Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral (EEMTIs) no que diz respeito ao ensino de Sociologia. Cabe pensar: Como ficará o ensino de Sociologia nas EEMTIs com a implementação do Novo Ensino Médio? Seriam as eletivas um terreno fértil para a fortificação da Sociologia no ensino médio das escolas do Ceará? Ou, ao contrário, acarretaria uma perda de identidade da disciplina, dos professores e dos alunos?

O empreendimento dessa intervenção pedagógica se justifica para que também seja possível a realização de uma reflexão crítica e objetiva da prática docente. Freire (2016, p. 40) apontava para a necessidade de aliar tal reflexão ao exercício docente: “Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.”. Nesse sentido, me reconheço como professora pesquisadora por acreditar que a pesquisa é intrínseca à prática docente, tal como diz Paulo Freire (2016), e nisto o Mestrado Profissional de Sociologia tem me proporcionado continuamente diversas reflexões críticas sobre a minha prática pedagógica.

1.1 Percursos Metodológicos

Durante a elaboração e execução da proposta de intervenção pedagógica ora apresentada houve um trabalho de pesquisa que visou dar respaldo para a construção da intervenção. Desta maneira, foram utilizados instrumentos metodológicos de elaboração, preparação, execução e análise de dados, tais como pesquisa bibliográfica, grupo focal, aplicação de questionários e consulta de materiais voltados para o ensino de Sociologia consulta de materiais voltados para o ensino de Sociologia, tais como os livros didáticos.

A pesquisa bibliográfica foi realizada em catálogos bibliográficos, tais como: o livro da Vieira (2016) “Caminhos das Ciências Sociais na UFC”, o Repositório Institucional da UFC,

³ O estado do Ceará manteve a disciplina como obrigatória no currículo com 1h/a em cada série.

o Portal EduCapes e as plataformas Google Scholar e Scielo. Desta forma, foram consultados artigos, teses e livros seguindo alguns eixos principais: à priori, foi buscado identificar reflexões sobre o desenvolvimento do modo sociológico de pensar; após isso, sobre quais trabalhos dedicam-se a execução e análise de intervenções pedagógicas, objetivando compreender o que estes consideram “intervenção pedagógica” e quais seus impactos para o ensino de Sociologia.

Junto a isso, foi realizado um levantamento sobre os estudos de Sociologia Urbana, Sociologia do Currículo e os estudos sociológicos relativos à cidade de Canindé, bem como as reflexões sobre a prática docente, ensino de Sociologia e Pedagogia Histórico-Crítica. Vale ressaltar para o(a) docente que tenha interesse em executar esta Intervenção Pedagógica que será fundamental a realização de um levantamento de estudos sociológicos sobre o lugar na qual a escola está inserida.

O grupo focal foi uma estratégia metodológica utilizada para avaliar os resultados da intervenção pedagógica. Ele se inseriu em uma fase de avaliação após a experiência de intervenção. Compreendendo que a pesquisa é um subsídio para a ação, após a execução da primeira intervenção da eletiva realizei um grupo focal com alguns jovens que estiveram presentes e interagiram durante as aulas. A realização do grupo focal na pesquisa é interessante pois,

[o] ambiente proporcionado pela organização do grupo focal permite interação entre os membros do grupo; as informações prestadas por um dos integrantes estimulam os demais a falar sobre o assunto; o debate entre eles enriquece a qualidade das informações; o fato de se encontrar um grupo de iguais dá mais segurança ao participante para expressar suas opiniões, com respostas mais espontâneas e genuínas. (GOMES, 2005, p. 281)

Levando em conta que esta técnica tem como possibilidade a percepção das preferências, atitudes e sentimentos dos indivíduos sobre uma questão específica, identifiquei esta estratégia como sendo importante após a execução da primeira versão da intervenção pedagógica, pois tornou-se possível avaliar se os objetivos haviam sido alcançados naquele momento.

Além disso, ao utilizá-la no processo de elaboração, foi possível perceber modificações e adaptações que precisavam ser feitas para potencializar a relação entre professora pesquisadora e a intervenção. Mesmo com suas potencialidades, foi identificado

que o grupo focal não seria a melhor estratégia metodológica para o final da intervenção. Contudo, ele foi utilizado como base para a construção dos questionários aplicados após a terceira versão do Rolê Sociológico.

Ao longo do processo de construção da Intervenção Pedagógica, observou-se que era preciso desenvolver uma metodologia para análise científica da intervenção pedagógica e o grupo focal (conforme havia sido aplicado após a segunda versão do Rolê Sociológico) tinha muitas limitações, como o fato de a professora da intervenção, além de observadora participante, é um sujeito protagonista do processo.

Dado o envolvimento afetivo da professora com os alunos, a utilização de um instrumental de perguntas a ser aplicado no início e outro no fim da eletiva foi a estratégia que possibilitou uma melhor análise dos dados. A partir da aplicação dos questionários seria possível mensurar qual o impacto que a eletiva teve para a percepção sociológica dos(as) jovens estudantes, como estes entraram e como saíram da eletiva.

Assim, o questionário inicial é composto por 20 perguntas distribuídas em 3 blocos: “Perfil Socioeconômico”, “Sociologia e Eletivas” e, por fim, o terceiro bloco que denomino de “Rolê Sociológico”. O intuito do primeiro questionário era compreender qual o perfil social e econômico dos estudantes matriculados na eletiva, sua relação com a cidade, com as eletivas e com o ensino de Sociologia. Dessa forma, ele foi aplicado no segundo dia de aula, após os estudantes já terem conhecido o objetivo da eletiva.

Inicialmente, planejava-se aplicar o mesmo questionário no final da eletiva. Contudo, os questionários acabaram sendo modificados, por ter sido vista uma oportunidade de aprimorá-los, visto que são instrumentos avaliativos e auxiliam tanto na avaliação da pesquisa quanto na avaliação do processo de ensino e aprendizagem. Tal melhora tinha como objetivo refinar melhor os dados obtidos, distribuir as perguntas em blocos específicos e conhecer mais ainda o perfil dos estudantes inscritos, bem como suas percepções acerca do modelo de escola, do ensino de Sociologia e da eletiva Rolê Sociológico após sua finalização. Ressalta-se que este questionário pode ser aplicado ao fim de outras eletivas e experiências escolares, feitas as devidas adaptações.

Desta forma, o questionário final é formado por 32 perguntas divididas em 5 blocos: “Perfil Socioeconômico”, tem como objetivo mapear o perfil dos(as) estudantes inscritos na

eletiva. Algumas destas perguntas foram inspiradas no “Critério Brasil”⁴. O segundo bloco, denominado “EEMTI e Eletivas”, objetiva compreender como se dá a relação dos(as) jovens com o modelo de escola de tempo integral e sua relação com as eletivas. O terceiro bloco, denominado “Ensino de Sociologia”, busca entender a relação dos(as) jovens com a disciplina de Sociologia e sua percepção sobre ela. O quarto bloco, intitulado “Rolê Sociológico”, e tem por finalidade identificar as percepções dos(as) estudantes sobre a eletiva, bem como captar aquilo que mais os chamou atenção. Além disso, tem também como objetivo compreender como se dá a relação do(a) estudante com os espaços urbanos e apreender sua percepção sobre quais lugares são mais representativos da cidade.

No último dia de aula e após a última atividade do Rolê Sociológico ser aplicada os questionários foram distribuídos, gerando um total de 20 respostas. Vale ressaltar que esta aplicação não somente é importante para a construção metodológica deste trabalho, mas também no auxílio à construção de uma prática pedagógica democrática, em consonância com uma “pedagogia engajada”, conforme hooks (2017).

Dessa forma, este trabalho é dividido em quatro capítulos, excluindo-se esta introdução e as considerações finais. O capítulo intitulado “A Sociologia vai à cidade”, trata-se do referencial teórico construído a partir da pesquisa bibliográfica e da consulta de materiais didáticos voltados para o ensino de Sociologia. Tal referencial é composto por cinco subtópicos, que tratam, respectivamente, sobre a discussão a respeito da cidade como um ambiente fértil para o aprendizado sociológico, ou seja, para o desenvolvimento do “modo sociológico de pensar”; sobre o currículo das EEMTIs e o espaço que a Sociologia ocupa; as intervenções pedagógicas e o ensino de Sociologia; as discussões sobre Sociologia Urbana e sobre a cidade de Canindé e, por fim, como as discussões sobre o urbano aparecem nos livros didáticos de Sociologia do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2018.

O capítulo nomeado “Rolê Sociológico: da aula de campo à disciplina eletiva” disserta sobre a construção da referida intervenção pedagógica a partir de suas versões anteriores. Tal capítulo é subdividido em três tópicos, que tratam detalhadamente da primeira, segunda e terceira experiência de realização e construção da intervenção pedagógica.

⁴ De acordo com a ABEP (2022), o “Critério Brasil” ou “Critério de Classificação Econômica Brasil” publicado no ano de 2022 tem 4 perguntas que tem como objetivo estimar o poder de compra das pessoas, sendo sua definição ligada à ideia de classe econômica. Neste trabalho, auxilia a compreender de quais classes os(as) alunos(as) matriculados na eletiva são, mapeando seu perfil socioeconômico com mais precisão. A utilização de tal critério se deu por este possuir um maior rigor metodológico, sendo utilizado há muito tempo em outras pesquisas, tornando-se confiável. Além disso, traz critérios mais objetivos, tornando-se mais fácil para os respondentes indicarem quantos itens possuem, por exemplo, do que propriamente a renda familiar.

O capítulo “Além dos muros da escola: reflexões sobre a prática docente” realiza uma reflexão sobre os limites e as possibilidades de execução do Rolê Sociológico e como isto implica no planejamento docente. Junto a isso, também traz o subtópico “Sociologia local: um exercício de planejamento para o Rolê Sociológico”, que apresenta o termo “Sociologia Local” e indica um passo a passo de como se planejar para a execução da proposta pedagógica.

O capítulo nomeado “Aprendendo Sociologia com a cidade: uma disciplina eletiva” trata da proposta de Rolê Sociológico nos moldes do plano de ensino de Gasparin (2020), descrevendo cada encontro e levando proposituras de textos didáticos a serem trabalhados nesses encontros.

CAPÍTULO 2 – A SOCIOLOGIA VAI À CIDADE

2.1 A cidade como ambiente fértil para o desenvolvimento do “modo sociológico de pensar”

Tendo em vista que este trabalho busca investigar como a cidade pode ser um ambiente fértil para o aprendizado, auxiliando na construção e desenvolvimento do “modo sociológico de pensar”, o objetivo da Intervenção Pedagógica Rolê Sociológico não se trata meramente de ir à cidade e ter aulas em determinados espaços, mas reconhecê-la como um espaço em que se pode construir conhecimento e, no que tange à Sociologia, aprendê-la com a cidade. Dessa forma, a cidade se transforma em um ambiente didático-pedagógico e os(as) jovens estudantes passam a vê-la e compreendê-la como um espaço que ensina, um espaço passível à construção do processo de ensino e aprendizagem e, portanto, do “modo sociológico de pensar”.

Ensinar partindo deste princípio pressupõe se interessar pelo aluno e pelos conhecimentos trazidos por este sobre a cidade, valorizando assim sua experiência e aprendendo junto com ele. Tal perspectiva converge com Freire (2013), pois a proposta é de uma educação com caráter emancipador e libertador, que provoca a autonomia estudantil, fazendo com que o jovem perceba a educação e a construção de conhecimento para além do espaço físico da escola. Além disso, valorizar o conhecimento trazido pelo estudante colabora com a construção do modo sociológico de pensar na medida em que possibilita ao aluno a compreensão de que [...] a Sociologia é a autoconsciência da realidade social [...]” (SILVA, 2013, p. 39)

Ela também auxilia não somente ao instigar o(a) jovem estudante à autonomia e a liberdade, mas proporciona ao docente uma nova postura, uma reflexão crítica sobre o processo de ensino e aprendizagem, quebrando o ciclo tradicional em que só o professor transmite o conhecimento pronto e acabado (FREIRE, 2013).

A perspectiva de considerar a cidade como um ambiente de aprendizagem é reforçada por Parente, Soares e Silva Junior (2013) no texto em que relatam sua experiência com o Projeto Percursos Urbanos⁵. A partir das aulas do projeto os autores defendem que a cidade é um espaço de conhecimento. Os autores relatam que o Projeto proporciona que os passageiros problematizem a cidade e a vejam para além de um espaço funcional e voltado para a vida

⁵ De acordo com Parente, Soares e Silva Júnior (2013) o projeto surgiu na cidade de Fortaleza em 2002, como proposta de intervenção na cidade da ONG Mediação de Saberes. Em 2004 o projeto passou a fazer parte da programação do Centro Cultural Banco do Nordeste (CCBNB), ainda em Fortaleza.

privada. Tal experiência relaciona-se com o Rolê Sociológico uma vez que o estudante consegue desenvolver uma reflexão coletiva sobre o urbano, fazendo-a embasado de discussões sociológicas, exercitando o estranhamento e a desnaturalização, vendo a cidade para além de um expectador, mas como alguém que a vivencia diariamente. Assim, desenvolve o modo sociológico de pensar e passa a ter uma atitude em que compreende racionalmente as relações entre os meios e os fins, em qualquer setor da vida social (FERNANDES, 1955).

A partir do entendimento de que a cidade também ensina, o jovem estudante pode construir com o auxílio do docente suas próprias percepções de mundo, relacionando sua história de vida com os acontecimentos da sociedade e se percebendo enquanto ser social, desenvolvendo assim o “modo sociológico de pensar”, através de uma análise metódica de fenômenos sociais. Assim, aprender com a cidade implica entender que o seu próprio cotidiano é um espaço rico para o desenvolvimento do pensar sociológico.

Desenvolver o “modo sociológico de pensar” está intrínseco à experiência do Rolê Sociológico. Trata-se de uma atitude científica que o(a) jovem educando(a) fortalece ao ter contato com a Sociologia no ensino médio e a utiliza para a compreensão da própria ciência sociológica e dos fenômenos sociais presentes no seu cotidiano.

Tal atitude científica pode ser compreendida a partir de outras categorias sociológicas. No trabalho de Wright Mills (1959), por exemplo, tal modo de pensar é encontrado a partir da definição de “Imaginação Sociológica”, ou seja, a capacidade de relacionar a sua biografia e o contexto social. Portanto, “a imaginação sociológica nos permite compreender a história e a biografia e as relações entre ambas, dentro da sociedade” (MILLS, 1959, p. 12). Potencializar a “imaginação sociológica” implica olhar a sociedade em seu contexto mais amplo, implica “[...] estranhar o familiar e desnaturalizar o que está naturalizado.” (TOCHETO, 2015, p. 103)

Nesse contexto, para responder à pergunta “por que estudar Sociologia?”, Giddens (2012, p. 35) retoma Wright Mills e o complementa, ao dizer que a Sociologia possibilita uma “[...] consciência de diferenças culturais que nos permite enxergar o mundo social a partir de perspectivas variadas [...]”. As pesquisas sociológicas, de acordo com o referido autor, também auxiliam na avaliação dos resultados de políticas públicas. Posto isso, “[...] a Sociologia pode nos proporcionar um autoesclarecimento - maior autocompreensão. Quanto mais soubermos sobre por que agimos como agimos e sobre o funcionamento geral da sociedade, mais prováveis seremos de influenciar o nosso futuro.” (GIDDENS, 2012, p. 35).

Fraga e Lage (2010) também retomam ao conceito de Mills quando argumentam que o ensino de Sociologia deve, antes de tudo, levar os alunos a pensarem sociologicamente. E esse

pensar sociológico, ao ser desenvolvido nos estudantes, tem que “[...] dotá-los de um modo de enxergar a realidade que é típico da Sociologia e, com isso, contribuir para a formação discente com algo específico para além das demais disciplinas.” (FRAGA; LAGE, 2010, p. 02). Giddens (2012), Mills (1959) e Tochetto (2015) e Fraga e Lage (2010) dialogam com Fernandes (1955) quando o autor reflete a respeito do ensino de Sociologia na educação básica afirmando que o estudante deve ser dotado de instrumentos para análise objetiva da realidade social.

Em consonância a isso, Barreira (2014) em seu texto “O ofício de ensinar para iniciantes: contribuições ao modo sociológico de pensar” desenvolve uma série de argumentações sobre o que ela chama de “pensar sociológico”. Assim sendo, a aprendizagem da Sociologia no ensino médio não existe com o objetivo de tornar os jovens mini sociólogos, mas fazê-los “[...] perceber que os acontecimentos são partes de um processo construído ao longo do tempo, dentro de processos históricos [...]” (BARREIRA, 2014, p. 68).

Convergindo com Barreira (2014), Tochetto (2015) ao discorrer sobre o pensar sociológico e o objetivo da Sociologia no Ensino Médio, propõe que em sala de aula utilizemos a problematização do senso comum como ponto de partida. Tal sugestão contribui para a construção do “modo sociológico de pensar”, possuindo uma relação direta com o conceito de imaginação sociológica. Trata-se, portanto, de construir o modo sociológico de pensar partindo das vivências dos alunos na cidade, tendo-a como palco para o aprendizado.

Dessa forma, é possível observar que determinadas atitudes fazem parte do desenvolvimento do “modo Sociológico de pensar”. O(a) estudante terá desenvolvido o “modo sociológico de pensar” quando compreender que ao observar sociologicamente o seu lugar (cidade e/ou bairro) deve afastar-se das pré-noções e estranhar seus sentimentos em relação àquele lugar, conforme lembra Émile Durkheim (2011).

Assim, conseguirá também realizar um estranhamento e, conseqüentemente, a desnaturalização dos fenômenos, compreendendo-os não como frutos de vontade divina ou determinados pela natureza, mas como uma construção social, cultural e histórica. Ao discutir sobre a relação entre narrativas autobiográficas, estranhamento e desnaturalização, Röwer, Cunha e Passeggi (2015, p. 19) inferem que

[e]stranhar e desnaturalizar são processos interligados, pois se estranhar é pôr em evidência ao perguntar “Por quê?”, desnaturalizar significa procurar compreender as interpretações e explicações sobre as relações sociais de modo não naturalizado, ou seja, compreender a historicidade dos fenômenos sociais e compreendê-los como decorrentes das razões humanas, das ações humanas, isto é, como produtos culturais-sociais. O estranhamento e a desnaturalização recaem tanto sobre os fenômenos sociais como sobre as explicações desses fenômenos, assim

proporciona estados de suspensão de saberes e procura por outras compreensões, em processos sempre dinâmicos.

Ao afastar-se de pré-noções, problematizar o senso comum, estranhar e desnaturalizar, o(a) jovem estudante conseguirá também estabelecer uma relação entre a sua biografia e a história da sua cidade: entendendo como se dão os usos dos espaços; quem tem autorização para utilizá-los; quais são as regras e normas existentes naquele(s) lugar(es); quais são as formas de classificação existentes, bem como suas fronteiras. Assim, entendendo a própria cidade como um fenômeno social fértil para o aprendizado; identificando-se como um ator social que ocupa um determinado espaço dentro do lugar em que mora.

Desenvolver todas essas atitudes não fará com que o(a) estudante se torne um(a) cientista social. Não se trata apenas de aprender conceitos, mas também de como utilizá-los para compreender a sociedade em que se está inserido, olhando-a com uma espécie de “óculos sociológico”⁶. Este é um dos objetivos desta intervenção pedagógica e deve ser o objetivo da Sociologia na educação básica.

Participando do Rolê Sociológico, ao discutirmos sobre o que é uma cidade e como se deu seu surgimento, já é possível a realização do exercício de afastar-se das pré-noções, o que acarreta também no exercício do estranhamento. Entender que o surgimento de muitas cidades de deu, dentre outras coisas, pela industrialização; entender os sentidos e significados das praças e dos espaços públicos permite entendê-los como espaços de conflitos e disputas entre diversos atores sociais. Ao identificar que a cidade é um espaço de disputa pelo poder, quando for discutido sobre a presença de vendedores ambulantes e do comércio local, é possível que o(a) estudante compreenda que determinadas configurações na cidade não nasceram espontaneamente, mas são construções sociais.

Nos momentos de aulas nos espaços da cidade, por exemplo, poderá compreender a importância dos equipamentos que existem e sua relação com a cultura e com os indivíduos daquele lugar, bem como com eles/elas mesmos(as). Ao refletir e problematizar a respeito de quem ocupa determinados espaços, o(a) estudante pode perceber-se e identificar a cidade também como palco para expressão das diferentes culturas juvenis.

Essa aprendizagem propiciada pelo Rolê Sociológico dialoga com a experiência de Meucci e Favoretto (2016) quando retratam a oficina que ministraram junto aos bolsistas do

⁶ Ao planejar as primeiras aulas de Sociologia, pesquisei dinâmicas na internet e uma das sugestões que apareceram foi a do site “Sociologia em Teste”. O site sugere uma dinâmica para a aula de introdução à Sociologia em que a compara com um óculos. Acredito que a referida metáfora se encaixe no contexto do que se discute nesse capítulo. Disponível em: <http://sociologiaemteste.blogspot.com/2012/03/dinamicas-para-o-inicio-das-aulas.html>. Acesso em 11 fev. 2023.

PIBID de Sociologia com alunos do Ensino Médio sobre seu lugar de moradia. Os autores afirmam que ela viabilizou um aprendizado para além do tradicional e enciclopédico e uma apropriação de conhecimento significativa pelos alunos, pois se viam como portadores de um conhecimento que os possibilitava entender os diferentes modos de vida dos atores sociais e como essas diferenças possuem efeitos na cidade.

A experiência de Meucci e Favoretto (2016) converge com a de Parente, Soares e Silva Junior (2013, p. 155) quando estes apresentam que ao contemplar a cidade, problematizando-a, “[...] estamos transformando o lugar habitado em espaço propício para a formulação de pensamento constante sobre o urbano.”.

Ao discutir, dentro da própria cidade, sobre seus fenômenos específicos, o(a) estudante conseguirá identificar como se deu a formação do espaço em que reside, bem como aspectos que o compõem. No caso da cidade de Canindé, por exemplo, compreender a origem da religiosidade presente na região e como isto movimenta a cidade. A proposta do Rolê Sociológico, assim, converge com o que Fraga e Lage (2010) expressam ao defenderem a utilização da pesquisa como recurso didático,

[a]s atividades que promovem a problematização e a investigação têm o potencial de tornar determinados saberes efetivamente assimiláveis pelos alunos, além de contar com o seu interesse e participação, pois rompem os limites da sala de aula e transbordam para outros espaços sociais. (FRAGA e LAGE, 2010, p.03).

Desse modo, todos estes entendimentos contribuem para a construção do “modo sociológico de pensar”, uma vez que possibilitam que o(a) estudante interprete a própria cidade e a veja como um fenômeno construído socialmente, que possui regras, formas de classificação e configurações próprias. Aprender sobre a cidade com a cidade propicia ao jovem estudante a construção de suas próprias percepções de mundo, relacionando sua história de vida com os acontecimentos da sociedade e se percebendo enquanto ser social, desenvolvendo assim o “modo sociológico de pensar” a partir da assimilação de que seu entorno é um espaço fecundo para a aprendizagem. Desenvolver o “modo sociológico de pensar” é munir os alunos de ferramentas que possibilitem observar e objetificar a sociedade em que estão inseridos.

Além disso, é importante lembrar do famoso discurso de Florestan Fernandes na Sociedade Brasileira de Sociologia (1955, p. 103), quando afirma que o ensino da Sociologia é imprescindível para a construção de uma sociedade democrática, pois possibilita ao jovem a “[...] formação de atitudes cívicas e para a constituição de uma consciência política definida em torno da compreensão dos direitos e dos deveres dos cidadãos.”. Assim, o referido autor mostra o quanto o ensino médio é uma etapa formativa, sendo mais importante “[...] a maneira

pela qual os conhecimentos são transmitidos, que o conteúdo da transmissão.” (FERNANDES, 1955, p. 95).

Nesse sentido, cabe a argumentação de que além de fortalecer o processo de ensino e aprendizagem da Sociologia na educação básica, uma proposta pedagógica que ultrapasse os limites físicos da sala de aula pode auxiliar na construção de uma identidade escolar para a Sociologia. Sendo assim, entende-se que este tipo de prática pedagógica contribui para mobilizar um processo de ensino e aprendizagem que valoriza o conhecimento trazido pelo(a) jovem estudante convidando-o a pensar a sociedade a partir da sua experiência e vivência na cidade. Durante esse processo, há o desenvolvimento do “modo sociológico de pensar”, em que o(a) estudante percebe-se enquanto ser social e identifica, também, as especificidades da Sociologia diante das outras disciplinas.

2.2 Currículo das EEMTIs: um campo fértil para o ensino de Sociologia?

A propositura de uma Intervenção Pedagógica de cunho sociológico no contexto de mudanças recentes no currículo escolar decorrentes da Reforma do Ensino Médio, da implementação da Base Nacional Comum Curricular e de novas diretrizes curriculares estaduais torna imprescindível uma reflexão sobre o currículo das EEMTI, de forma a buscar entender se este tipo de escola é um “campo fértil” para o ensino de Sociologia.

As Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral são fruto de uma política educacional implementada no ano de 2016 no estado do Ceará. Tal política tem sustentação legal a partir da Lei estadual nº 16.287, sancionada em 20 de julho de 2017. Para tal, vale destacar que as EEMTIs estão inseridas em um contexto de mudança que vem acontecendo nas políticas educacionais brasileiras nos últimos anos. Tais mudanças não estão ligadas somente ao Novo Ensino Médio (NEM) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), mas também a adoção do ensino em tempo integral. Não é à toa que tal ensino está entre as metas propostas pelos Plano Nacional de Educação (PNE) e Plano Estadual de Educação (PEE), meta nº 06 em ambos os documentos:

META 6: Oferecer educação em tempo integral em, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das escolas públicas, de forma a atender, pelo menos, 25% (vinte e cinco por cento) dos (as) alunos (as) da educação básica. (BRASIL, 2014)

Meta 6: Oferecer, até 2024, em regime de colaboração, Educação em Tempo Integral em, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das escolas públicas e instituições de educação infantil, de forma a atender, pelo menos, 25% (vinte e cinco por cento) dos estudantes da educação básica. (CEARÁ, 2016a)

As EEMTIs funcionam com um regime de 45h semanais, dividido em 9 tempos de aula por dia, ficando os jovens estudantes o dia todo na escola e realizando 3 refeições diárias. As EEMTI no Ceará possuem uma proposta curricular que divide os conhecimentos entre base comum e parte diversificada (CEARÁ, 2016b, [2018?a]), sendo esta última formada por componentes curriculares como o NTPPS⁷, a Formação para a Cidadania e Desenvolvimento de Competências Socioemocionais⁸ e as Disciplinas Eletivas.

As disciplinas eletivas, por sua vez, devem observar algumas possibilidades, dentre elas: o aprofundamento de assuntos dos componentes da base comum, estruturação de discussões a respeito de temáticas regionais, ligadas à comunidade escolar, orientando-se que tais abordagens tenham um caráter interdisciplinar ou multidisciplinar. Um detalhe importante é que cada uma delas conta com duas horas semanais de aula (2h) e pode reunir estudantes de diferentes turmas e séries, considerando as habilidades do(a) professor(a) e o interesse dos(as) alunos, uma vez que estes e estas podem escolher (SERVÍLIO FILHO, 2020).

Além disso, os componentes eletivos podem ser ministrados pelos próprios alunos, no que se denomina de “Clubes Estudantis”, que possuem uma gestão própria de um conjunto de estudantes, objetivando o estímulo ao protagonismo estudantil. Os componentes curriculares eletivos devem, de acordo com a proposta de organização curricular das EEMTIs, abordar temáticas que compunham o “núcleo de interesse” dos jovens, ampliando seu repertório sociocultural, acadêmico, estético e objetivo de mundo do trabalho.

A Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC) disponibiliza em seu site um catálogo de componentes eletivos para todas as áreas de conhecimento (CEARÁ, 2021). No

⁷ O Núcleo de Trabalho, Pesquisa e Práticas Sociais (NTPPS) faz parte de uma iniciativa de reorganização curricular na rede estadual de ensino do Ceará desde o ano de 2012. É um componente curricular integrador e indutor de novas práticas que tem como finalidade o desenvolvimento de competências socioemocionais por meio da pesquisa, da interdisciplinaridade e do protagonismo estudantil, contribuindo fortemente para um ambiente escolar mais integrado, motivador e favorável à produção de conhecimentos. Ao longo de 160 horas/ano (tendo uma carga horária semanal de 4h/a), as oficinas do NTPPS são orientadas por meio do material estruturado, Planos de Aula e Caderno do Aluno. Os projetos de pesquisa desenvolvidos a cada ano são orientados pelos professores da escola, provocando a interdisciplinaridade entre o que está sendo trabalhado no NTPPS e as áreas do conhecimento. No 1º ano do ensino médio são trabalhadas as temáticas escola e família; no 2º ano do ensino médio, a comunidade; e no 3º ano do ensino médio, o mundo do trabalho (CEARÁ, 2019?) Existem trabalhos publicados sobre a relação entre o componente NTPPS e o ensino de Sociologia no ensino médio, ver Freire, Soares e Lima (2019), Rower, Andrade e Freire (2021) Ribeiro e Rocha (2019).

⁸ A disciplina de “Formação para a Cidadania” se desenvolve dentro do âmbito do Projeto Professor Diretor de Turma (PPDT). Tal projeto está vigente desde o ano de 2008 e propõe que o docente, independentemente de sua área de conhecimento, responsabilize-se por uma determinada turma, cabendo-lhe conhecer os estudantes individualmente, para atendê-los em suas necessidades: mediando suas relações entre si e os demais membros da comunidade escolar. No que diz respeito à disciplina de Formação para a Cidadania, esta possui carga horária semanal de 1h/aula e tem como objetivo trabalhar o desenvolvimento das Competências Socioemocionais. (CEARÁ, 2018?b)

ano de 2022, o catálogo da área de Ciências Humanas trazia um total de 45 eletivas. Desse número, o catálogo sinalizava 18 eletivas ao ensino de Sociologia realizando um diálogo com outras Ciências Humanas e outras duas ligadas somente à Sociologia. Esses dados são importantes pois demonstram que o catálogo de eletivas era escasso no que diz respeito a disciplinas ligadas diretamente ao ensino de Sociologia e muitas delas trabalhavam a Sociologia a partir de uma proposta de interdisciplinaridade.

No início do ano letivo de 2023, o catálogo passou por uma atualização e foram inseridas mais eletivas na área de Ciências Humanas, que agora possui 97 eletivas (CEARÁ, 2023). Sua configuração foi modificada, não informando mais que disciplinas específicas poderiam ser abordadas em cada eletiva, sendo estas denominadas como “Unidades Curriculares”, aderindo a nomenclatura do Novo Ensino Médio (NEM), que descaracteriza as disciplinas colocando-as em áreas do conhecimento. A partir do nome de cada eletiva, da leitura das suas respectivas proposituras de planos e referências foi possível identificar nove eletivas ligadas diretamente ao ensino de Sociologia⁹, nove ligadas à Filosofia, 15 ligadas à Geografia e 33 a História. Nas 31 restantes, a Sociologia poderia ser desenvolvida a partir da interdisciplinaridade com outros saberes ou trata-se de temas que poderiam ser discutidos a partir de uma abordagem sociológica, a depender do(a) professor(a) que ministra.

É interessante observar a mudança no catálogo, que trouxe outras possibilidades ao(à) docente e à escola, sobretudo no que diz respeito à interdisciplinaridade e à discussão de “temas transversais”. Não que tal proposição seja ineficaz, não é o objetivo deste trabalho discutir isso. Contudo, faz-se necessário pensar na construção de mais proposições essencialmente sociológicas, de modo a fortalecer a identidade da Sociologia, uma vez que essa disciplina está presente no currículo e no cotidiano das escolas estaduais cearenses.

No que diz respeito ao currículo, a proposta pedagógica das EEMTIs diz o que segue:

- I - *Currículo flexível*, com vistas a oferecer *itinerários formativos diversificados* e em diálogo com os *projetos de vida* de cada estudante e articulado com o desenvolvimento de *competências socioemocionais*;
- II - *Acompanhamento individualizado de cada estudante* na perspectiva de garantir sua permanência e aprendizagem, promovendo, assim, maior equidade;
- III - Implementação de *métodos de aprendizagem baseados na cooperação*, na *pesquisa científica* como princípio pedagógico e no *trabalho* como princípio educativo;
- IV - *Maior envolvimento da comunidade e da família dos alunos* nas atividades escolares. (grifo nosso)

⁹ As disciplinas eletivas identificadas foram: Cultura Política, Formação do Povo Brasileiro, Identidade Cultural Afro-Indígena, Sociologia para o ENEM, Política Indigenista no Brasil, Cinema e Sociedade, A Sociologia vai ao Cinema, Game Sociológico e Africanidade: conhecimento e tradição.

Ao observar a proposta pedagógica curricular, é interessante destacar o que se apresenta como “*Currículo Flexível*”. Faz-se importante problematizar o que se traz de “*currículo flexível*” sob o prisma da Sociologia do Currículo. Tal destaque é importante pois a tarefa da Sociologia do Currículo é compreender os códigos presentes nos documentos oficiais, pensar a relação entre o que está prescrito nestes e o que é vivenciado no chão da escola, identificar os atores e compreender que o currículo não é neutro, e é papel da Sociologia problematizar isso.

A ideia de “*Currículo Flexível*” que aparenta ser sedutora para o processo de ensino e aprendizagem é característico do modelo de currículo por competências. As discussões sobre o currículo por competências também não são recentes. A ideia de um currículo regionalizado por áreas do conhecimento é colocada desde a época do regime militar (SILVA, 2007). Uma característica marcante deste tipo de arranjo curricular remonta à formação de um futuro trabalhador polivalente, ou um empreendedor de si mesmo, visando atender as necessidades do mercado, por isso denominado de “flexível”.

Os teóricos que se detêm a analisar a influência do neoliberalismo na escola através da inserção do currículo regionalizado por competências, advertem que tais medidas não conversam com a realidade social dos jovens estudantes, pois se trata de um conhecimento tido como “útil”. De acordo com Laval,

[...] introduzir a noção de competência na escola não contribui, necessariamente, para melhorar a relação com o saber das crianças de famílias populares: tais competências são, com efeito, sejam muito especializadas, perdendo então todo o sentido intelectual, sejam muito amplas (saber tomar a palavra, trabalhar em equipe...) o que as envia novamente a maneiras de ser implícitas, a competências socialmente herdadas. (LAVAL, 2004, p. 63)

Esse currículo representa desvantagens não somente para o ensino de Sociologia como para as demais ciências, pois agora prioriza-se aquilo que é considerado aplicável, provocando assim um empobrecimento e simplificação dos conteúdos, estando o currículo “preso” às necessidades de uma sociedade do consumo e à reorganização do trabalho no capitalismo contemporâneo (SILVA, 2007). Laval (2004, p. 3) também ressalta, em suas discussões sobre a escola neoliberal, a respeito desse aspecto da formação do “trabalhador flexível e autônomo” presentes na escola ao dizer que “O novo modelo econômico escolar e educativo que tende a se impor está fundamentado, inicialmente, na sujeição mais direta da escola à razão econômica.”

Sobre isso, Miguel e Tomazetti ao discorrer a respeito do enfoque de competências no discurso sobre o ensino médio brasileiro, ressaltam que

[...] há um destaque pela procura da versatilidade, da adaptação e pelo viés “aplicável” do conhecimento. Tal perspectiva colaboraria na superação profissional do aluno e formaria sujeitos mais preparados para encarar uma realidade laboral em contínuo desenvolvimento e, portanto, em contínua mudança. Tais características solicitam que o futuro trabalhador possua uma maior quantidade de ferramentas e a capacidade de utilizá-las em diferentes contextos, segundo a exigência da situação (MIGUEL; TOMAZETTI, 2014, p. 9).

A partir dessa perspectiva, os professores de Sociologia precisariam deixar de trabalhar a partir de suas teorias, conceitos e temas, para pensar a partir de uma outra perspectiva, a das competências, que pressupõem uma aplicação prática do conhecimento. Laval já alertava o quão limitante para o processo de ensino e aprendizagem tal currículo é

[...] Essa “lógica da competência”, dando mais prioridade às qualidades diretamente úteis da personalidade empregável do que a conhecimentos realmente apropriados, mas que não seriam necessariamente e imediatamente úteis economicamente, comporta um sério risco de desintelectualização e de desformalização do processo de aprendizagem (LAVAL, 2004, p. 63).

Os componentes eletivos, enquanto parte diversificada do currículo são influenciados pelo modelo das competências e demandam uma aplicabilidade prática, deixando a Sociologia, por exemplo, de ser apresentada em sua totalidade, em seu formato disciplinar. Quando a disciplina é apresentada a partir de competências, pode ocasionar um processo em que as identidades disciplinares não são evidenciadas, fazendo com que os jovens não se apropriem dos fundamentos científicos de cada disciplina, interrompendo e dificultando o processo de criação de identidade não somente da disciplina, mas do docente e dos alunos (SILVA, 2007).

Essa reflexão é ressaltada por Ileizi Silva no texto em que a autora traz questões fundamentais para pensar o ensino de Sociologia, ao discorrer acerca do lugar da Sociologia nos currículos.

Esse discurso consagrou o individualismo pedagógico, a desqualificação das disciplinas tradicionais e das ciências de referência. Psicologizou o processo de ensino-aprendizagem e valorizou os procedimentos de motivação em detrimento dos procedimentos de ensino de alguma coisa para alguém. O professor ganha um papel para além de técnico, um papel de “entretendedor”, como se fosse um apresentador de auditório. O professor mais animado, mais alegre e criativo passa a ser o “bom” professor [...] (SILVA, 2007, p. 416).

A presença de componentes eletivos considerados característicos da Sociologia não significa necessariamente um ganho de legitimidade e consolidação do ensino de Sociologia na escola. Isso corrobora com a tese desenvolvida por Silva (2020) ao falar sobre o ensino de

Sociologia na BNCC, mesmo que haja uma Sociologização dos componentes eletivos, assim como ocorre com as Competências e Habilidades da BNCC de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CHSA) isso não necessariamente auxilia no fortalecimento da identidade do ensino de Sociologia na educação básica (SILVA, 2020).

Nesse sentido, a discussão atual sobre currículo perpassa um conflito entre dois modelos curriculares: de um lado, o currículo por competências e, do outro lado, um currículo científico organizado em disciplinas. Falar de currículo é compreender que este é um território em constante disputa (ARROYO, 2020). É notório que se tem uma tensão em torno do currículo, uma vez que no cenário nacional o que está posto é um currículo por competências, centralizado, representado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ficando a cargo dos estados a divisão e a oferta por disciplinas. No Ceará, com a homologação do Documento Referencial Curricular do Ceará (DCRC), ficou evidente que a Sociologia permanecerá como disciplina obrigatória, diferente de outras unidades federativas que perderam carga horária dessa disciplina.

Assim, de acordo com Silva (2007), o currículo por competências pode ficar mais “sociologizado”, transversal e regionalizado, porém não tendo muito espaço para a Sociologia como ciência, fortificando assim um individualismo pedagógico. Em decorrência disso, tem-se a desvalorização das disciplinas, transformando-as em áreas do conhecimento.

Isto posto, pode-se afirmar que o cenário atual nas EEMTIs é de um “*currículo híbrido*”, ou seja, um arranjo curricular que possui características tanto de um currículo por competências quanto de um currículo científico/por disciplinas. Isso resulta em disputa, tornando perceptível que falar de currículo é falar de conflito e poder.

Nesse sentido, Silva (2007) nos lembra que apesar das limitações, o currículo em que a Sociologia encontra menos dificuldades e mais espaço é o currículo científico/por disciplinas, uma vez que este permite acesso a todo um conhecimento acumulado ao longo da história, promovendo uma maior reflexão sobre o que é especificidade da Sociologia e como esse conhecimento teórico pode se interligar e se relacionar a realidade social dos jovens estudantes do ensino médio. Contudo, considerando o cenário de “currículo híbrido” que temos no estado do Ceará, faz-se urgente pensar em materiais e práticas pedagógicas a serem desenvolvidas no âmbito das disciplinas eletivas, nas EEMTIs, questionando-se: que lugar o ensino de Sociologia pode ocupar no currículo deste modelo de escola?

2.3 Intervenções Pedagógicas e o ensino de Sociologia

Para subsidiar a elaboração, realização e avaliação do Rolê Sociológico, busquei conhecer as discussões sobre as intervenções pedagógicas em forma de sequência didática e seu impacto no processo de ensino e aprendizagem de Sociologia, priorizando as produções executadas no âmbito do Mestrado Profissional em Sociologia. A partir de busca no repositório do Portal EduCapes, local onde ficam armazenadas os trabalhos do ProfSocio, selecionei três trabalhos: Servílio Filho (2020), Zaganini (2020) e Figueirêdo (2020). Tais produções foram trazidas para discussão por terem alguma relação com esta intervenção pedagógica e apresentarem contribuições significativas ao ensino de Sociologia.

Servílio Filho ao analisar os resultados da sua intervenção pedagógica sobre a utilização de filmes de super-heróis para ensinar Sociologia, analisa que

[o] resultado significativo da intervenção surge da experiência de proporcionar aos estudantes explorar a Sociologia e deixar que ela confira sentido ao seu mundo, surgindo como ferramenta científica por excelência para a investigação de qualquer objeto social. (SERVÍLIO FILHO, 2020, p. 194)

O referido autor também reconhece as fragilidades do ensino de Sociologia e do quanto tais limitações implicam diretamente na execução de sua intervenção. Para ele, apesar de os resultados positivos de uma intervenção pedagógica contribuírem para um despertar para o saber sociológico por parte dos estudantes, ela sozinha não é capaz de mudar uma estrutura que atribui significados controversos à Sociologia na escola (SERVÍLIO FILHO, 2020). Tal reflexão dialoga com as minhas vivências no início da carreira, quando o Rolê Sociológico era só uma “aula diferente” baseada em algumas experiências exitosas de colegas professores. Lembro-me de, ao propor a aula, ter que explicar todo o sentido pedagógico, mostrando a importância de todo o planejamento ser realizado para o ensino de Sociologia.

Em complemento a essas discussões, Figueirêdo (2020), ao analisar os efeitos da sua intervenção pedagógica, que trata de um projeto de intervenção social com base no desenvolvimento sustentável a qual nomeou de “prefácio”, afirma que este contribuiu para que fosse possível

[...] intervir nessa realidade política imposta, afinal, ele se construiu a partir de processos de reflexividade, onde todos os atores envolvidos puderam intervir para mudar uma realidade educacional e social. Por conseguinte, foi possível identificar que apesar dos limites educacionais apresentados, com a inserção dos alunos na comunidade, conseguiram problematizar as realidades sociais teoricamente. A Sociologia não se restringiu ao espaço escolar, tampouco, às imposições legais de organização. (FIGUEIRÊDO, 2020, p. 128)

Para este autor, sua intervenção pedagógica conseguiu auxiliar na construção de um processo de ensino aprendizagem que se deu extrapolando os limites físicos da escola e que levou em consideração a vida das pessoas. Tal conclusão possibilita uma fortificação da importância do rolê sociológico: aprendizagem para além do chão da sala de aula.

Assim como Servílio Filho (2020) e Figueirêdo (2020), o trabalho de Zaganini (2020) constitui-se uma referência quando o assunto é intervenção pedagógica. Mais ainda porque a referida professora também elaborou a proposta como base a pedagogia histórico crítica.

Tomando como instrumento de intervenção pedagógica a sequência didática histórico-crítica, sob a ótica da Sociologia, pode-se pensar e operar uma mudança no paradigma escolar. Tal mudança, no entanto, se efetiva na medida em que o aluno constrói e expressa sua concepção filosófica de mundo, isto é, sua visão conceitual. Não obstante, a origem social do educando e a consciência desta origem são requisitos indispensáveis para esta guinada de paradigma. É da natureza da Sociologia abrir-se para as mudanças, analisá-las e testá-las. O conhecimento contextual do estudante ante a cultura acadêmica não deve ser negligenciado, a ponto de o academicismo reduzi-lo a mera opinião totalmente dispensável e não digna de atenção. (ZAGANINI, 2020, p. 20-21)

A autora coloca que a intervenção didática a partir da Sociologia que se baseia na pedagogia histórico-crítica pode promover uma mudança no paradigma escolar, que passa a considerar a origem e os conhecimentos que os jovens estudantes trazem à escola. Além disso, observa que a sequência didática como intervenção pedagógica favorece “[...] a observação, percepção, compreensão e questionamento sobre a realidade cotidiana, possibilitando aos estudantes participarem como sujeitos da sua formação e do processo de ensino e aprendizagem.” (ZAGANINI, 2020, p.130).

A pesquisa desenvolvida por Zaganini (2020), em especial, contribui com esta pesquisa por utilizar como base didática a Pedagogia Histórico-Crítica. Desse modo, essas pesquisas se cruzam por compreender que, trabalhar a partir da Pedagogia Histórico-Crítica implica

[...] a necessidade de se compreender a educação no seu desenvolvimento histórico-objetivo e, por consequência, a possibilidade de se articular uma proposta pedagógica cujo ponto de referência, cujo compromisso, seja a transformação da sociedade e não sua manutenção, sua perpetuação. (SAVIANI, 2021, p. 80).

Entender a educação e o processo de ensino e aprendizagem no sentido proposto por Saviani (2021) não significa necessariamente achar que somente isso irá modificar toda uma estrutura social, como bem lembrado na pesquisa de Servílio Filho (2020). Contudo, quanto

mais se constroem intervenções pedagógicas, quanto mais se reflete criticamente sobre a prática pedagógica e quanto mais se dialoga com as culturas juvenis, mais se contribui para as discussões sobre o ensino de Sociologia. Conseqüentemente, podem ser elementos potenciais no fortalecimento da disciplina e na sua luta por permanência na educação básica.

Os três trabalhos se entrelaçam quando mostram ser possível fortalecer o processo de ensino e aprendizagem da Sociologia na educação básica a partir de intervenções pedagógicas construídas pensando no fortalecimento da disciplina e vendo os(as) jovens como atores em todo o processo. Embora sejam trabalhadas temáticas diferentes e contenham objetivos específicos diferentes, as leituras possibilitam a compreensão de como se dá a aplicação de uma intervenção pedagógica na prática, fazendo refletir sobre os seus limites e possibilidades. Em função disso, fortalece o entendimento do quanto é importante ao docente a reflexão crítica de sua prática, muitas vezes impossibilitada devido à rotina intensa. Isso porque uma intervenção pedagógica não é somente uma “aula diferente”, e os trabalhos de Servílio Filho (2020), Zaganini (2020) e Figueirêdo (2020) mostram isso, uma vez que seu ponto em comum incide no fato de auxiliarem na construção de um ensino comprometido, que converse com as culturas juvenis.

2.4 Produções Sociológicas sobre a Cidade e sobre Canindé

2.4.1 Produções Sociológicas sobre o fenômeno urbano

Durante o processo de construção desta Intervenção Pedagógica foi buscado um aprofundamento nas discussões ligadas à Sociologia Urbana, pois o Rolê Sociológico tem como especificidade a aprendizagem sociológica nos espaços urbanos da cidade onde a escola está situada. Inicialmente, a partir da consulta aos planos de ensino¹⁰ de Sociologia Urbana do curso de graduação em Ciências Sociais da UFC, foi possível ter acesso a referências consideradas básicas: o texto clássico de Georg Simmel “A metrópole e a vida mental”; as diversas pesquisas desenvolvidas pelo sociólogo José Guilherme Cantor Magnani e também as pesquisas da socióloga Irllys Barreira.

Uma primeira referência ligada à Sociologia Urbana foi o texto de Barreira e Lima (2013) “Subversões do olhar: evidências temporais de uma microssociologia dos espaços urbanos”. Neste texto, as autoras têm como objetivo explorar aquilo que chamam de “estudos urbanos” e como este escopo temático aparece nas teses e dissertações defendidas pelo

¹⁰ Numa tentativa de ter mais contato com essas referências, foi procurado estar presente nas discussões da disciplina optativa ofertada aos estudantes da graduação “Sociologia Urbana”. Por questões ligadas ao trabalho, não foi possível acompanhar toda a disciplina. Contudo, foi importante para ter um acesso mais aprofundado às discussões da Sociologia Urbana, desde Georg Simmel, aos autores da Escola de Chicago.

Programa de Pós-graduação em Sociologia (PPGS) da UFC entre o período de 1990 e 2010. Este texto, portanto, auxilia o acesso a referências diretas da Sociologia Urbana e sua leitura foi basilar para conhecer a forma como a cidade é abordada em diversos estudos sociológicos.

As autoras identificam, dentro das produções analisadas, uma separação das investigações: pesquisas feitas na cidade e pesquisas feitas sobre a cidade. Ao longo do texto, analisam como a cidade foi tornando-se ponto de referência nos estudos sociológicos ao longo do tempo. Os trabalhos mostram uma mudança de enfoque, sobretudo a partir dos anos 90, pois a cidade passa a ser pensada não somente como unidade, mas a partir de uma microsociologia: as suas praças, suas praias, seu aeroporto etc. (BARREIRA; LIMA, 2013). Também trazem influências dadas pela Antropologia - a partir do conceito de cultura - e pela Geografia - a partir do conceito de território - como o foco voltou-se para as discussões sobre o uso dos espaços e trabalhos que tomam os bairros como referências.

Este texto é fundamental para o desenvolvimento de pesquisas sobre o urbano, pois auxiliam a compreensão mais aprofundada de como o campo de estudos sobre a cidade foi se constituindo ao longo do tempo, quais suas relações com outras áreas do conhecimento, que discussões foram acontecendo e quais conceitos foram elaborados. Neste trabalho, foi possível conhecer a influência das pesquisas desenvolvidas por José Guilherme Cantor Magnani, pois as sociólogas mencionam a importância deste autor para os estudos urbanos.

Para fins desta pesquisa, foram selecionados dois textos escritos por Magnani. O texto “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole” de 1996, auxilia a compreender como se desenvolveu o campo de estudos de Sociologia e Antropologia Urbana, bem como seus estudos sobre a cidade de São Paulo. Além deste, o texto “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana” de 2002 que se constitui como uma das principais referências para este trabalho.

Ele traz uma perspectiva ligada aos estudos urbanos que denomina de “de perto e de dentro”, que pressupõe a compreensão dos “[...] padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas de múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos.” (MAGNANI, 2002, p. 17). Essa proposta auxilia no desenvolvimento do Rolê Sociológico, pois a partir do momento em que se olha a cidade a partir da perspectiva “de perto e de dentro”, compreende-se a cidade para além de uma unidade (BARREIRA; LIMA, 2013). Tal abordagem é interessante de se trabalhar com os jovens da educação básica pois estes podem compreender a cidade e as relações estabelecidas na cidade a partir de diversas esferas como religião, trabalho e cultura.

Junto a isso, Magnani (2002) identifica e descreve neste texto uma “família de categorias” para se pensar o espaço urbano: pedaço, mancha, trajeto e circuito. Como, por exemplo, o pedaço como sendo um local onde se desenvolve uma “sociabilidade básica”, um espaço entre o privado (casa) e o público. Mancha, como sendo um espaço mais amplo, não tem o estabelecimento de laços mais próximos, formado por equipamentos que concorrem entre si e, ao mesmo tempo, se complementam. Os trajetos como “[...] fluxos recorrentes no espaço mais abrangente da cidade e no interior das manchas urbanas.” (MAGNANI, p. 23, 2002). E a ideia de circuito como sendo um uso do espaço urbano que possibilite sociabilidade em vários pontos da cidade.

Pensar essas categorias a partir das vivências dos estudantes é uma maneira de mostrar que a Sociologia pode auxiliá-los na compreensão do mundo em que vivem. Dessa forma, as leituras dos trabalhos de Magnani, sobretudo este último, foram importantes para construção desta intervenção pedagógica. É possível, pois, fazer com que os jovens compreendam a cidade como categoria sociológica a partir dos conceitos de Magnani: Qual é o seu *pedaço*? Quais *trajetos* podem ser identificados no seu bairro? Que *circuitos* existem na cidade de Canindé? Estes questionamentos foram fundamentais para a construção de uma das aulas da intervenção.

Tanto os trabalhos de Magnani (1996, 2002) quanto o de Barreira e Lima (2013) situam, direta ou indiretamente, as contribuições do sociólogo clássico Georg Simmel. Portanto, faz-se necessário mostrar aqui as contribuições do seu texto “As grandes cidades e a vida do espírito”, escrito em 1903.

Uma das características mais marcantes do texto de Simmel é que o autor analisa as diferenças entre a vida no interior versus a vida na cidade. No início do século XX, o referido autor já percebia o impacto da modernidade na vida dos indivíduos, defendendo que a vida urbana forja um homem diferente, que reage com mais racionalidade ao invés do coração, racionalidade esta que, segundo o autor, é uma proteção (SIMMEL, 2005).

Na cidade grande, o indivíduo tem uma maior “liberdade”, podendo ser quem ele deseja ser, uma vez que as relações sociais são mais pautadas na rapidez e na lógica monetária. A metrópole, de acordo com este autor, cria o “anônimo”: “[...] A cidade grande moderna, contudo, alimenta-se quase que completamente da produção para o mercado, isto é, para fregueses completamente desconhecidos, que nunca se encontrarão cara a cara com os verdadeiros produtores.” (SIMMEL, 2005, p. 579).

Seguindo essa lógica moderna, monetária, que estimula também a pontualidade, calculabilidade e exatidão na vida social, os indivíduos acabam por desenvolver o que o autor chama de “atitude blasé”,

[...] A essência do caráter blasé é o embotamento frente à distinção das coisas; não no sentido de que elas não sejam percebidas, como no caso dos parvos, mas sim de tal modo que o significado e o valor da distinção das coisas e com isso das próprias coisas são sentidos como nulos. Elas aparecem ao blasé em uma tonalidade acinzentada e baça, e não vale a pena proferir umas em relação às outras. Essa disposição anímica é o reflexo subjetivo fiel da economia monetária completamente difusa. (SIMMEL, 2005, p. 581).

A atitude blasé, ou atitude de reserva, não significa que o indivíduo seja “sem coração”, mas que esteja desenvolvendo uma proteção para reagir aos inúmeros estímulos dados pela cidade moderna.

A discussão proposta por Simmel pode gerar inúmeros questionamentos em sala de aula na educação básica, como por exemplo: esta atitude se desenvolve somente nas grandes metrópoles? Essa lógica racionalizada está presente na cidade de Canindé? Tantas outras questões podem surgir em uma sala de aula do ensino médio. As discussões propostas por Simmel, no início do século XX, são importantes para entender o fenômeno urbano hoje, mesmo que com outras configurações.

Em complemento ao que é debatido por Barreira e Lima (2013), Magnani (1996; 2002) e o clássico Simmel (2005), é fundamental levantar reflexões em torno das discussões propostas por Castells (1998) e Lefebvre (2011) no que diz respeito ao direito à cidade. Esses intelectuais compõem o que chamamos de “Nova Sociologia Urbana”, que se constitui como um conjunto de autores que criticaram a abordagem da Escola de Chicago¹¹ sob a justificativa de que esta era reducionista e simplificadora do fenômeno urbano.

A cidade para estes autores remonta a uma materialização da luta de classes, sendo uma

forma de agregação humana no espaço da urbanidade que, em última instância, é a condição social mais compatível com as exigências do capital avançado. A urbanidade será então apresentada não mais como objeto de planejamento ou como ambiente passivo de coleta de dados empíricos, mas como condição social indispensável à reprodução ampliada do Capitalismo Monopolista de Estado. (SOUZA, 2005, p. 81).

¹¹ A Escola de Chicago integra o “início” da Sociologia Urbana. Nada mais é do que uma escola de pensamento que nasce em Chicago e diz respeito a uma abordagem sociológica desenvolvida por um conjunto de pesquisadores que objetivavam analisar o impacto da urbanização. Para fins de recorte deste trabalho, foi escolhido não trabalhar com a Escola de Chicago nas aulas da Intervenção Pedagógica.

Dessa forma, o Estado possui um papel dentro da cidade capitalista, um papel ligado diretamente à reprodução das desigualdades em decorrência dos interesses do capital. Ao discutir “direito à cidade”, Lefebvre (2011) defende que a cidade é pauta e palco de manifestações. Para o referido autor, as classes dominantes com sua força sobre o poder público moldam o espaço urbano de acordo com seus interesses, isolando os trabalhadores, ficando estes isolados do que a cidade oferece. A ideia de “direito à cidade” discute que esta pode ser um espaço rico de trocas e encontros, de pleno desenvolvimento dos indivíduos e que deve combater esta lógica pautada nos interesses do sistema capitalista. Portanto, de acordo Gomes (2018), bem como para Manuel Castells e Henri Lefebvre,

[...] o desenvolvimento urbano só pode se dar pela prática política, mas essa prática tem no Estado seu centro e objeto. Portanto, a análise da questão urbana não prescinde [...] da análise de como os conflitos sociais se articulam, por meio de movimentos sociais, com vista a interferir na estrutura político-administrativa do Estado. (GOMES, 2018, p. 496)

Além disso, pensar o conceito de direito à cidade aliado ao direito de ir e vir, que tem ligação direta com as desigualdades de gênero, raça e classe fazendo com que os(as) estudantes compreendam que os cidadãos não experienciam a cidade da mesma maneira. Tais vivências estão ligadas a uma série de violências físicas e verbais vivenciadas pelas pessoas, na medida de suas diferenças de classe, gênero, orientação sexual, geracional, entre outras (CARNEIRO, 2020).

O referencial teórico até aqui apresentado sendo debatido em uma sala da educação básica com a devida transposição didática permite levantar questões ligadas à como são construídos os usos dos espaços da cidade, ou seja: quem pode ter acesso às políticas públicas de urbanização da cidade? Os espaços urbanos suprem a necessidade social ou servem apenas para reproduzir a lógica capitalista? Desse modo, utilizar os conceitos e categorias da Sociologia Urbana nas aulas do Rolê Sociológico, juntamente com os(as) outros(as) autores(as), tem muito a contribuir com o modo sociológico de pensar.

2.4.2 Canindé: a cidade da fé

Para além da discussão conceitual sobre cidade, proposta pelo rico escopo da Sociologia Urbana, faz-se necessário situar o(a) leitor(a) deste trabalho a uma cidade específica: Canindé. De que cidade estamos falando? Por que ela é perpassada por uma festa religiosa? O que caracteriza essa festa? Qual é, efetivamente, a relação entre a cidade e a festa? Para aqueles que são de Canindé é habitual identificar as particularidades da cidade,

Figura 2 – Abertura da Festa de São Francisco em 2019



Fonte: PARÓQUIA (2019).

Dessa forma, muitos aspectos da cidade estão diretamente ligados a religiosidade, tais como: economia, turismo, lazer e cultura. O nome “Canindé” tem origem no tupi e significa “arara azul”. Tem ligação direta a partir dos povos originários que habitavam a região, os povos indígenas Canindés e Jenipapos. Sobre a formação da cidade e a ocupação do território canindeense, Silva Neto (2017, p. 02) afirma que “[à]s margens do rio Canindé desenvolveu-se um núcleo de povoamento, que traz como marca fundante a elevação de uma capela em devoção a São Francisco, que logo de início se reverbera através da ocorrência de milagres atribuídos à intervenção do santo de Assis.”

A pesquisa desenvolvida por Lima (2020) converge com as discussões de Silva Neto (2017) quando ambos tratam da formação histórica da cidade de Canindé. As contribuições dessas pesquisas a esse tópico auxiliam na aproximação do(a) leitor(a) à cidade de Canindé. Ao abordar a modernização do Santuário de Canindé, Lima (2020) remonta a sua origem histórica. De acordo a referida autora, existem muitas versões quanto à origem do nome da cidade. É sabido, porém, que a influência da religiosidade católica na cidade vem desde a catequização do sertão. Assim, a ligação da cidade com a crença em São Francisco das Chagas tem relação com as missões realizadas pelos frades capuchinhos e a devoção de muitos fazendeiros portugueses ao referido santo.

Não à toa, Lima (2020) conta que o então fazendeiro Francisco Xavier de Medeiros em 1775 teria começado junto aos moradores a construção de uma capela a São Francisco de

Assis, capela que foi concluída apenas em 1796. Segundo pesquisas feitas por ela, a tradição popular conta que milagres já teriam ocorrido durante a construção da capela, atraindo assim vários fiéis. Assim, ainda no início do século XIX há um acelerado desenvolvimento da igreja católica na região, fazendo com que a cidade crescesse influenciada justamente pela igreja, devido às visitas de romeiros que geravam movimentação econômica. A partir desse crescimento e modificação do seu espaço com obras ligadas à igreja, em 1914 Canindé foi elevada à categoria de “cidade” (LIMA, 2020).

No que tange à presença de romarias, a autora nos informa que não há dados exatos sobre quando se iniciaram as primeiras romarias à Canindé. Acredita-se que tenham iniciado no fim do século XVIII, já com a propagação dos relatos de milagres que aconteciam na região

Tendo seus pedidos atendidos, vinham pagar suas promessas principalmente trazendo óbolos, e até fazendo novas súplicas. Com frequência em forma de agradecimento traziam ex-votos, dinheiro, gado, e até terras para doar ao santo. Esses romeiros além de irem a Canindé pagar promessas também iam por tradições familiares, para renovar sua religiosidade por meio de penitências a cada ano. Não nos é novidade que fugindo da seca e procurando melhores condições de trabalho, muitos cearenses emigraram para outros estados, desde a Amazônia até São Paulo, e junto com eles levaram a devoção a São Francisco do Canindé, disseminando assim, o culto por todo o país. [...] (LIMA, 2020, p. 25)

Ainda nos dias de hoje há a prática da utilização do ex-voto. Os ex-votos são objetos oferecidos ao santo como forma de agradecer a graça alcançada. A igreja tem um espaço chamado “Casa dos Milagres” e nele há um local onde se colocam os ex-votos, que podem ser representados por partes do corpo feitas de madeira, fotografias, cabelos, roupas marrons (Figura 3). Em meados do século XX, de acordo com Lima (2020), conta-se que chegavam a Canindé cerca de 80 mil fiéis a partir das romarias.

Figura 3 – Ex-votos depositados na Casa dos Milagres em Canindé



Fonte: Acervo da autora (2019).

A romaria é uma característica forte da cidade, algo que ocorre durante o ano inteiro, mas que se intensifica no período da Festa de São Francisco¹³, entre os meses de setembro e outubro. Elas são formadas por pessoas de todo o país, sobretudo de estados da região Nordeste, tais como Piauí e Maranhão. A Festa de São Francisco dura dez dias, geralmente acontecendo de 24 de setembro a 04 de outubro, mudando apenas em ano eleitoral, com uma programação voltada para missas durante o dia e a novena durante a noite, a qual toda noite é homenageado um estado da região Nordeste e todo ano tem um tema diferente. Lima (2020, p. 32) destaca que “[...] normalmente ele [o tema] se associa ao momento social vivido na comunidade religiosa, principalmente aos temas da Campanha da Fraternidade¹⁴ de cada ano, o que pode gerar reflexão ou mesmo conflitos, principalmente nas encenações que ocorrem em todas as noites de novena.”

A movimentação na cidade em relação a São Francisco ocorre durante o ano todo, mas se intensifica durante o período da Festa. Dessa forma, há uma maior arrecadação do comércio local no que diz respeito à hospedagem, higiene, alimentação, vendas de artigos

¹³ Ainda de acordo com Lima (2020), o primeiro novenário teria iniciado em 1806, sendo realizadas procissões com imagens do santo pela cidade e o novenário sendo realizado na Basílica.

¹⁴ De acordo com o portal de notícias G1, A Campanha da Fraternidade surgiu em 1964 como uma proposta da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) à Igreja Católica para celebrar a Quaresma.

religiosos dentre outros. Assim, a festa acaba sendo para muitos cidadãos o evento de onde se origina a principal fonte de renda. Não à toa, os preços dos produtos acabam aumentando durante o período de festa, como bem constatado por Lima (2017).

Além disso, a estrutura dela também é posta em xeque no período mais intenso de visitação dos fiéis, uma vez que mexe com a infraestrutura não só dos espaços religiosos, mas da cidade como um todo. Há um maior acúmulo de lixo, de movimentação de pessoas, sobretudo no Centro, além também de uma maior preocupação com a distribuição de água. A intensa movimentação de pessoas e do comércio local influencia na construção dos calendários letivos das escolas públicas e privadas do município. Em geral, nos 5 últimos dias de festa, não há aulas nas escolas justamente pela dificuldade de locomoção na cidade e por também haver uma maior quantidade de pessoas tirando sua fonte de renda a partir do comércio local. Enfim, a cidade se transforma antes, durante e depois do período festivo.

Assim, pode-se perceber que não se trata de uma festa religiosa realizada em uma pequena comunidade, mas de algo maior, que influencia o dia a dia, as relações de trabalho, culturais e econômicas da cidade. Dessa forma, explorar todos esses aspectos históricos e pensá-los também a partir da Sociologia fortalece a eletiva Rolê Sociológico.

2.4.3 Produções Sociológicas sobre a cidade de Canindé

Paralelo à consulta dos referenciais básicos da Sociologia Urbana e dos estudos sobre a história da cidade, busquei também conhecer os estudos sociológicos produzidos sobre a cidade de Canindé. Esta busca foi realizada no repositório institucional da UFC¹⁵, no livro “Caminhos das Ciências Sociais na UFC”, escrito por Vieira (2016), e, posteriormente, em sites como Scielo e Google Scholar.

Durante a busca, a partir do livro de Vieira (2016), foram encontrados dois trabalhos que discutem o aspecto religioso, portanto mais voltados para a Sociologia da Religião;¹⁶ um trabalho que se volta para a questão da Sociologia do Trabalho, a partir dos vendedores ambulantes e das bancas de feirantes presentes na cidade de Canindé¹⁷; e, por fim, um

¹⁵ No repositório institucional da UFC, ao pesquisar pela palavra “Canindé”, são encontradas pesquisas ligadas à História e à Geografia. Por essa razão, foi escolhido focar no livro de Vieira (2016) para pesquisar trabalhos sobre Canindé desenvolvidos nas Ciências Sociais.

¹⁶ As dissertações “Canindé: a caminhada prometida (um estudo sobre romarias)”, de Mário de Souza Martins, defendida em 1983; “Caminhos e trilhas no Vale do Amanhecer cearense: as cidades de Canindé e Juazeiro do Norte”, de Merilane Pires Coelho, defendida em 2006.

¹⁷ A tese “Caminhos do sagrado: um estudo sobre os vendedores itinerantes em centros de romaria no estado do Ceará”, de Débora Kátia Maia Pinto, defendida em 2009.

trabalho voltado para Sociologia Rural¹⁸. Referente a esta busca, o trabalho que possibilita mais interlocução com a Sociologia Urbana e a proposta do Rolê Sociológico foi a tese de Pinto (2009): “Caminhos do sagrado: um estudo sobre os vendedores itinerantes em centros de romaria no estado do Ceará”.

O trabalho de Pinto (2009) destaca-se por buscar analisar a participação dos vendedores ambulantes em três centros de romaria no estado do Ceará, sendo um deles Canindé. A autora evidencia, dentro do aspecto da religiosidade, o simbolismo presente nos ex-votos e em quem os produzem. De acordo com a autora, a religiosidade que move os devotos para Canindé impulsiona também os vendedores ambulantes e os feirantes. Ela discute a ideia de “festa” e sua ligação direta com o “trabalho”, uma vez que a festa é demarcada como o período de trabalho para os vendedores ambulantes. Assim, a romaria trata-se de um fenômeno religioso que também traz características econômicas, sociais e políticas que atravessam as dinâmicas sociais produzidas na cidade.

Esta pesquisa embasa a proposta de intervenção pedagógica quando discute as categorias “festa”, “trabalho”, “ex-votos” e religiosidade. No que tange à cidade, poder-se-ia classificar o trabalho de Pinto (2009), conforme os termos propostos por Barreira e Lima (2013), como sendo uma investigação feita na cidade. Portanto, o trabalho de Pinto (2009) configura-se como um dos referenciais teóricos utilizados para embasar as discussões sociológicas sobre a cidade de Canindé em sala de aula.

A partir do Google Scholar e da plataforma Scielo, as principais referências encontradas estavam ligadas à História, Geografia, Comunicação Social e ao Turismo. Dez textos dessas áreas foram consultados, mas para o intuito deste trabalho foram priorizados textos das Ciências Sociais.

Ligados às Ciências Sociais, os artigos que tratavam de discutir algumas categorias ligadas à religiosidade, tais como romaria, festa e ex-votos, eram, a saber: “Rito, festa e romaria: notas e textos de apoio” de Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes (1987); “Romarias: devoção e diversão” de Maria Paula Jacinto Cordeiro (2009) e “O símbolo e o ex-voto em Canindé” de Marcelo João Soares de Oliveira (2003). Tais leituras serviram de apoio e complemento à leitura da tese de Pinto (2009).

Dessa forma, o Rolê Sociológico priorizou a produção das Ciências Sociais sobre a cidade de Canindé e chegou a discussões que envolvem questões culturais, religiosas e sobre trabalho que se inter-relacionam ao espaço urbano. Ou seja, há o entendimento de que a

¹⁸ A tese “O engodo do novo mundo rural: reflexões a partir de Canindé-Ce”, de Paulo Roberto Fontes Barquete, defendida em 2003.

Sociologia Urbana é a base teórica, o chão, o eixo principal, e a partir dela será possível criar laços com outras temáticas sociológicas abordadas nas pesquisas sobre a cidade de Canindé.

2.5 A cidade na Sociologia Escolar: O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2018

A consulta ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e, especificamente, aos livros didáticos de Sociologia para saber como as temáticas relativas à cidade, enquanto categoria sociológica é apresentada, foi de extrema importância. Para fins de análise, o recorte feito aqui foi a partir dos livros do PNLD de 2018, pois são os que ainda estão em circulação na escola básica, uma vez que a Reforma do Ensino Médio e os novos livros do PNLD de 2021, ainda estão em fase inicial de implementação (BRASIL, 2017).

Em 2018, cinco livros foram aprovados pelo PNLD (BRASIL, 2018) são eles:

- “Sociologia em Movimento” da Editora Moderna;
- “Sociologia para Jovens do século XXI” da Imperial Novo Milênio;
- “Tempos modernos, tempos de Sociologia” da Editora do Brasil;
- “Sociologia Hoje”, da editora Ática;
- “Sociologia” da editora Scipione.

No livro didático “Sociologia” da editora Scipione (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2016), não há capítulo destinado ao estudo da Sociologia Urbana. Contudo, existem outras temáticas que podem auxiliar na construção do Rolê Sociológico: há um capítulo sobre cultura e outro sobre trabalho. Tais designações são importantes pois, no contexto em que o Rolê Sociológico é desenvolvido, tais aspectos foram evidenciados nos trabalhos sobre a cidade de Canindé. Assim como o livro da editora Scipione, o livro da Editora Ática, “Sociologia Hoje” (MACHADO; AMORIM; BARROS, 2016), traz uma discussão pontual sobre a cidade ao falar do desenvolvimento da Sociologia e da Antropologia no Brasil. Neste livro não existe um capítulo destinado à discussão sobre a cidade, sendo abordada de forma diluída.

No livro didático “Tempos Modernos, Tempos de Sociologia” (BOMENY *et al*, 2016), há o capítulo sete, denominado “A metrópole acelerada”, que trata da Sociologia Urbana. Trazendo a abordagem de Georg Simmel e relacionando a temática da cidade com o cinema, o capítulo trata sobre mobilidade urbana, ritmo acelerado nas grandes metrópoles e os desafios de se viver em uma grande cidade. Porém, não há menção às demais literaturas que

tratam a cidade. Ou seja, não se traz outros estudos da Sociologia Urbana como, por exemplo, as discussões sobre direito à cidade.

Neste mesmo caminho, tem-se o livro “Sociologia para jovens do século XXI” (OLIVEIRA; COSTA, 2016), que em seu capítulo 17, de nome “Espaços de dor e de esperança: a questão urbana”, traz uma abordagem voltada para o planejamento urbano, fazendo um panorama sobre o contexto histórico de desenvolvimento das cidades. Além disso, discute acerca do conceito de “segregação socioespacial” e problematiza o conceito de “favela”. Por fim, discute a relação entre políticas urbanas para megaeventos, trazendo como exemplo principal a Copa do Mundo.

O livro didático da editora Moderna, “Sociologia em Movimento” (SILVA *et al*, 2016) também reserva um capítulo específico para a discussão sobre a cidade, sendo este o capítulo 13 “Sociedade e Espaço Urbano”. Nas discussões, o livro se assemelha muito ao “Sociologia para Jovens do século XXI”, pois também aborda a cidade como palco de conflitos e a segregação socioespacial, dedicando uma parte do capítulo para falar de violência urbana. Também reflete sobre os usos dos espaços públicos e os megaeventos. O diferencial do livro “Sociologia em Movimento” perante aos outros é que há uma discussão mais detalhada no que tange ao desenvolvimento teórico da Sociologia Urbana: traz as contribuições de Georg Simmel, dos autores da Escola de Chicago e da Nova Sociologia Urbana.

Dessa forma, é possível perceber que dos cinco livros do PNLD 2018, três tratam especificamente da questão urbana (BOMENY *et al*, 2016; OLIVEIRA; COSTA, 2016; SILVA *et al*, 2016), seguindo quase que a mesma lógica de discussão. Nos outros dois, a discussão sobre a cidade mostra-se mais fluida e superficial (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2016; MACHADO; AMORIM; BARROS, 2016). Fazer esta análise é importante para descobrir quais materiais já existentes e que os(as) docentes têm disponíveis para subsidiar sua prática pedagógica.

CAPÍTULO 3 - ROLÊ SOCIOLÓGICO: DA AULA DE CAMPO À DISCIPLINA ELETIVA

Considerando todo o levantamento bibliográfico e a metodologia proposta, apresento neste tópico algumas experiências desenvolvidas durante o processo de construção da proposta de intervenção: três versões do Rolê Sociológico, com suas limitações e possibilidades. Descrevê-las possibilita o entendimento de como se deu a construção da eletiva e a importância da reflexão sobre a prática pedagógica para o planejamento docente e o processo de ensino e aprendizagem.

3.1 Uma “aula diferente”¹⁹: primeira versão do Rolê Sociológico

No ano letivo de 2019, ao lecionar sobre o desenvolvimento da Sociologia no Brasil com estudantes de 1ª série da EEMTI Capelão Frei Orlando, lembrei-me da execução do “Rolê Urbano”, ação desenvolvida em uma escola de Fortaleza por integrantes do PIBID de Sociologia no espaço de uma disciplina eletiva. Pesquisando sobre como fazer uma aula de campo, achei a matéria “Rolê Sociológico: aula de campo de Sociologia” escrita em 2017 por Roniel Sampaio Silva no blog Café com Sociologia. Ela propõe uma aula de campo, que pode se adaptar ao tema que o(a) docente trabalha em sala de aula, na qual os estudantes devem durante e após a ação, aprender a dominar o instrumento do diário de campo e discutir a noção de estranhamento.

A partir dessas lembranças e pesquisas, modeliei o Rolê Sociológico que eu executaria na escola em questão. Vale ressaltar que essa experiência é anterior ao PROFSOCIO. Assim, naquele momento o objetivo da aprendizagem era compreender como se dá a construção do conhecimento sociológico a partir de um fenômeno social próximo dos estudantes: a Festa de São Francisco. Após escrever um plano de aula em que tracei os objetivos e os conteúdos a serem trabalhados, levei a proposta para a coordenação escolar. A proposta foi bem recebida e questionamentos sobre a execução do trabalho foram levantados: como vai levá-los? Conseguiu o apoio de algum outro professor? Por que na festa de São Francisco? Não vai ser perigoso eles levarem celular para tirar foto? E se acontecer um assalto? Como você vai organizar tudo o que foi realizado depois? Onde a Sociologia entra especificamente?

¹⁹ Quando o primeiro Rolê Sociológico foi organizado, muitos alunos - e professores da escola - comentavam que a professora de Sociologia estaria promovendo uma “aula diferente”.

Respondi as perguntas e tudo o que eu precisava era de uma aula extra com os alunos que demonstraram interesse em participar da aula de campo.

Foi então que, nesse ano, levei 12 alunos a campo durante a Festa de São Francisco, juntamente com dois colegas professores que se prontificaram a me auxiliar. Para os estudantes que participaram, foi muito produtivo e enriquecedor. Em conversas informais, constatei que além de terem alegado perder a timidez, começaram a ver a cidade em que residem de uma outra forma.

Infelizmente, não pude finalizar a atividade como planejado devido a algumas limitações, tais como o fato de na condição de professora temporária ter apenas 6h semanais e o tempo de aula da Sociologia no ensino médio ser de 1h aula (50 minutos). Em consequência disso, optei por propor uma eletiva no ano seguinte, mas devido a pandemia do novo coronavírus e o ensino remoto, ficamos impossibilitados. Desse modo, o Rolê Sociológico teve uma pausa. Até que, em 2021, ao ser aprovada no Mestrado Profissional em Sociologia, resolvi dar continuidade à experiência, buscando ainda pensá-la como poderia ser realizada no contexto de ensino remoto.

3.2 “Estar na eletiva para conhecer o lugar onde eu moro”: segunda versão do Rolê Sociológico

No ano letivo de 2021, já com o projeto pré construído durante o primeiro semestre letivo do mestrado, resolvi aplicar uma versão da eletiva no molde que era possível: ensino remoto. Não é novidade que esta modalidade de ensino possui inúmeras limitações - que combinadas ao fato de estarmos em meio a uma pandemia que afeta não somente a área da saúde, como também a educacional - torna-se um fator que dificulta o processo de aprendizagem. Não há interação face-a-face; nem todos os jovens possuem um bom provedor de internet, um aparelho celular ou notebook de qualidade; nem todos possuem sequer um local adequado para realização dos estudos. Todos esses fatores foram limitações para a execução da eletiva.

Na escola em questão, as disciplinas eletivas durante o ensino remoto tinham baixa adesão de presença dos jovens. Somado às limitações já explicitadas, torna o trabalho ainda mais desafiador. Tive uma média de 15 estudantes participando em cada aula da eletiva, que

acontecia através da plataforma Google Meet, todas as terças-feiras pela manhã²⁰. Ao todo, havia 40 alunos matriculados e alguns diziam acessar à gravação em momentos posteriores.

Mesmo com essas limitações e contando com o auxílio de alguns estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Sociais que acompanhavam as aulas durante seus estágios docentes, a intervenção foi executada. Tivemos um total de seis encontros, com duração de aproximadamente 1 hora cada. Na primeira aula, foi apresentada a proposta da eletiva e a experiência do primeiro Rolê Sociológico. Além disso, discutiu-se também sobre as vivências dos jovens estudantes em relação à cidade. Na segunda e terceira aula, discutimos sobre a perspectiva sociológica clássica sobre a cidade, construída por Georg Simmel (2005). No quarto encontro, focamos na percepção construída pelos sociólogos Manuel Castells (SILVA *et al*, 2016) e Henri Lefebvre (2011).

No quinto encontro, focamos no que foi denominado de “Sociologia Local”. Foram discussões voltadas para aspectos sociológicos ligados à Festa de São Francisco: romaria, festa, ex-votos e os sentidos do trabalho. Esse foi o encontro que compareceu mais alunos e que a interação foi maior em comparação às demais, uma vez que foi debatido sobre a origem da Festa e um pouco da história da cidade, os significados dos ex-votos, além de falarmos sobre os vendedores ambulantes e seu trabalho durante o período de romaria. Os estudantes sentiram-se à vontade para expor não somente suas vivências pessoais, como também a de familiares e vizinhos que têm seu sustento a partir da realização da romaria. Juntou-se à discussão também o fator pandemia e como interfere não somente na busca pelas condições de sobrevivência, mas também nas vivências dentro da cidade.

No sexto encontro, foram apresentados alguns instrumentos metodológicos utilizados pelas Ciências Sociais para investigação da realidade social, tais como: entrevistas, questionários e diário de campo. Tal exposição foi o pontapé para finalização da eletiva e proposição da atividade final, já que se encaminhava para o período de romaria (não haveria aula durante quase duas semanas)²¹. No que tange à execução do produto final, quem participava assiduamente das aulas remotas entregou a atividade final.

Assim sendo, com o intuito de avaliar a experiência e também a aprendizagem, foi realizado um grupo focal com oito estudantes. O critério para participar do grupo focal foi a

²⁰ No ano letivo de 2021, muitos feriados caíram justamente nas terças. Outro fator que também contribuiu para as limitações desta versão.

²¹ A atividade final, por sua vez, consistiu em um exercício de estranhamento na qual os estudantes eram incentivados a realizarem uma entrevista com algum familiar ou vizinho mais velho sobre as mudanças e permanências na cidade de Canindé em relação à Festa de São Francisco. Os estudantes foram orientados a entregarem esta entrevista de modo livre: podendo escrever um texto corrido, trazer fotos ou desenhos etc.

presença nas aulas remotas da eletiva. A turma era composta por 40 alunos, mas a baixa adesão às aulas remotas em geral e, sobretudo nas eletivas, faziam com que em média 15 alunos participassem por aula.

Nesse sentido, a partir da frequência escolar foram observados os nomes dos jovens que mais estavam presentes nos encontros e assim estes foram convidados a participar. A ideia era deixar o grupo focal misto, com a mesma quantidade de meninos e meninas. Mas os meninos convidados não puderam ir (a realização do grupo focal foi presencial, na biblioteca da escola). Isso fez com que fossem chamadas mais meninas (público de maior presença na eletiva) e estas se fizessem presentes também no grupo focal, que foi realizado em dezembro de 2021, logo após o fim da Intervenção Pedagógica e início dos últimos processos avaliativos. Como dito, no total participaram oito jovens, sendo um menino e sete meninas com idades de 16 e 17 anos²². De início, foi explicada como seria a dinâmica do grupo focal e sobre a importância da participação dos estudantes para melhor captação dos sentidos da eletiva por parte dos jovens.

Ao serem questionados sobre a motivação para participar da eletiva, todos mencionaram que estavam nas aulas para “conhecer o lugar onde moram”, “conhecer a temática” e por apresentarem afinidade com a professora. Em seguida, foi-lhes questionado qual aprendizado foi novo, ou seja, o que não sabiam e que passaram a conhecer. As respostas estavam ligadas ao “conhecer o lugar onde moro”, “o aprendizado maior foi sobre a nossa cultura e nossa religião.”. Três falas que chamaram atenção retrataram o que segue:

Eu nasci aqui, mas eu não fazia ideia de como era a questão religiosa aqui. Eu não sabia nem que existia esse negócio de ex-votos. Aí a partir das aulas que eu fui compreendendo melhor que tinha essa casa [Casa dos Milagres], porque as pessoas fazem os ex-votos, o comércio dos ex-votos... que nessa casa deixavam algumas peças...e foi bem interessante assistir às aulas. (Jovem 5, grifos nossos)

Então... eu nasci e fui criada aqui, né. Mas eu não sabia a história de Canindé, nem a parte religiosa também. E quando a tia falou sobre os ex-votos [na aula] me fez lembrar que tem alguma coisa minha lá [na Casa dos Milagres] por causa de uma promessa que a minha mãe fez. E eu achei interessante relembrar. E depois ela me falou da história e foi muito interessante porque puxou várias outras histórias da cidade, que aconteceram na Festa de São Francisco, essas coisas... Foi muito interessante saber como era antigamente e como tá agora, né? (Jovem 1, grifo da autora).

Apesar de eu não ser católica, é muito importante eu conhecer a minha cidade, né? Não é sobre religião, é sobre conhecer onde eu moro. E isso é muito importante... Isso faz parte da sua identidade. Não é só morar em tal canto, não é só isso... é você conhecer onde você mora, como tudo começou e isso é muito interessante. Eu acho que isso é muito importante. (Jovem 5, grifo da autora)

²² O roteiro desenvolvido para esta ação encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

Estas falas foram importantes para o desenvolvimento e análise desta intervenção pois rememora um aspecto importante discutido nesta pesquisa: o desenvolvimento do modo sociológico de pensar. As três falas têm em comum o fato de as estudantes terem conseguido estranhar particularidades da sua cidade a partir do ponto de vista sociológico: quando se menciona, por exemplo, o significado dos ex-votos; quando, ao falar da Casa dos Milagres, se lembra de uma promessa feita na infância e até então incompreendida; quando se reforça a importância de conhecer o lugar onde mora e relacionar isso com o aspecto da identidade²³.

Quando estes estudantes foram questionados sobre o que o Rolê Sociológico tem de diferente das outras atividades que a escola realiza, uma estudante ressaltou o que chamou de “liberdade para fazer as coisas” e outro estudante disse que foi a “abordagem diferente”. As demais estudantes consentiram quando uma aluna disse o que segue:

Sobre a atividade mesmo. A tia deixou a gente “livre” para fazer como a gente quisesse. A gente foi buscar assim respostas e conhecer... Tipo dá uma liberdade pra não fazer sempre o mesmo: tipo pegar uma questão e responder. Você vai procurar algo a mais, entendeu? (grifo da autora).

O “procurar algo a mais” e a “abordagem diferente” estão dentro da proposta desta intervenção, pois ao deixar que os estudantes manifestem seu aprendizado livremente, dentro das orientações dadas, o estudante desenvolve autonomia para buscar e para construir conhecimento a partir da sua própria realidade. O ensinar precisa ter ligação com o entusiasmo.

Ao serem questionados sobre uma característica da Sociologia no Rolê Sociológico, os estudantes apontaram a pesquisa, a discussão sobre identidade, “o diálogo”, “a diversidade”, “liberdade de ir buscar”, “não ter uma resposta exata”. Tais características convergem com a proposta, pois mostram que esta intervenção, apesar das inúmeras limitações, conseguiu despertar um entusiasmo pelos conteúdos sociológicos. Estes dados apontam que foi possível o desenvolvimento do modo sociológico de pensar embasado em uma educação dialógica e emancipadora.

A pergunta sobre qual aula chamou mais atenção e o porquê foi a que mais gerou epifanias. Como esperado, foi unânime nas respostas dos estudantes que as aulas que mais lhe chamaram atenção foram as que o assunto primordial eram aspectos específicos da cidade de

²³ Estes alunos tiveram uma discussão sociológica sobre identidade no ano letivo de 2020, na 1ª série. Coincidentemente, o conteúdo de NTPPS da 2ª série discute identidade. A hipótese, aqui, é de que essa aluna em questão conseguiu relacionar todas as discussões anteriores às da intervenção pedagógica.

Canindé: sua história, as significações dos ex-votos, a discussão sobre religiosidade e trabalho: “É impossível dizer que... que *a principal aula a que marcou mais, não foi a que a gente conheceu mais sobre a nossa cidade. Porque eu creio que pra todo mundo afetou bastante o coração.*” (Jovem 04, grifo nosso)

Então, como a Jovem 04 falou foi muito importante pra gente que não sabia. E quem já sabia agora tem um conhecimento maior. Mas acho que... *foi nessa mesma aula [que a Jovem 04 citou] ... a parte que mais me pegou, foi quando falou da Casa dos Milagres e dos ex-votos. No caso a lembrança do ex-voto e o que aconteceu pra ter sido marcante pra mim e pra minha mãe. Além de saber mais sobre a cidade... A religiosidade... e tipo... conhecer como tudo começou e como tá agora. Acho que forma a gente, né?* (Jovem 01, grifo nosso)

Também foi ressaltada uma aula sobre teoria sociológica, especificamente a aula em que foi discutido sobre Manuel Castells e Henri Lefebvre e o direito à cidade. Nessa aula em questão, falamos sobre o entorno da Estátua de São Francisco²⁴ e sobre o acesso àquele local: Quem tem acesso e quem lucra com aquele local? A quem interessa a falta de infraestrutura no entorno da estátua?

Eu acho que aquela aula... me esqueci o nome do menino [o estagiário]. *Aquele menino porque ele falou da estátua. Eu percebi que apesar da cidade ser religiosa, não tem toda uma estrutura para acolher os romeiros pra eles ficarem aqui e pra eles terem um local pra ir, fazer os comércios, vender as fitinhas...* Ele falou que não é só uma questão de eles virem pra cá, mas de ter um lugar pra eles adorarem o que eles acreditam. (Jovem 05, grifo nosso)

Ainda na pergunta sobre que aula mais chamou atenção e o porquê, foi identificado que os(as) estudantes formularam uma nova maneira de ver o conteúdo, pois uma estudante apontou o que segue:

Pegando aí o que ela falou, essa aula aí que teve a reportagem né, que é bem antiga... se não me engano é de 2012... ela é tipo assim, foi uma sensação tipo assim: *nossa, é a nossa cidade passando lá? Que a gente desvaloriza tanto. Que é algo tão bonito e a gente não valoriza. E pessoas de fora precisam vir e aí é que a gente vai falar tipo assim, “ah, essa é a minha cidade” meio que só em épocas do ano a gente valorizar. Então acho que assim, o principal ponto das aulas de Sociologia né, do rolê foi a gente aprender a valorizar aquilo que é nosso, porque a gente mora aqui. Muitas pessoas vem de muito muito longe pra vim pra cá e a gente tem acesso a essas coisas e a gente não vai, não valoriza... tipo assim... trata como se fosse “ah, é uma praça”, “ah é só isso, não tem significado” ... então acho que o que mais marcou foi essa aula mesmo sobre a reportagem, que você vê assim de fora e “nossa, olha essas pessoas que vem tão de longe indo a pé lá pra sua cidade”... e você vê que o quanto é importante pra elas, que são de fora e o quanto a gente não valoriza... que somos de dentro. Então eu acho assim que *o que eu aprendi foi a valorizar a minha própria cidade e exatamente isso mesmo, a valorizar o que tem né. As coisas que tem aqui né, que são muito bonitas... até a Praça dos dos Mestres que é tão bonita né? Cheia de homenagens. Até tem gente que passa e diz “ah, quem é essa mulher?” Não conhece. E isso é importante porque é daqui de Canindé. É uma coisa importante pra**

²⁴ Vale ressaltar que como as aulas se davam a partir do ensino remoto e em um contexto de pandemia, não podíamos fazer visitas e aulas de campo. Desse modo, todas as discussões sobre os espaços urbanos de Canindé eram feitas a partir da utilização de imagens.

conhecer. Então eu acho que foi muito marcante pra mim essa aula. (Jovem 6, grifo da autora)

Estes trechos caracterizam-se como um exemplo do que Gasparin (2020) nomeia como *Catarse*, pois a estudante manifestou o conhecimento adquirido com as aulas, demonstrando assim uma nova postura teórico-mental. Ao dizer que “aprendeu a valorizar sua cidade”, considera-se que esta estudante esteja iniciando a construção de uma nova postura prática.

Ao serem questionados sobre as aulas que menos chamaram atenção e o porquê, os estudantes de imediato citaram o fato de ter sido remota. O fato de ser remoto, por si só, já é limitante. Contudo, além disso, foram apontados outros aspectos que dificultaram a aprendizagem, a saber: problemas com conexão de internet, problemas em casa e o fato de o dia das aulas ter coincido com muitos feriados. Foi questionado o que poderia melhorar a execução da eletiva mesmo em um contexto de ensino remoto, e os estudantes apontaram que a participação da turma - que, como dito, não era alta - poderia melhorar. O jovem 01 complementou: “Principalmente se a gente tivesse falado, né? *Se a gente tivesse ajudado a tia a dar aula.*” O que esta estudante caracterizou como “ajudar a dar aula” é possível conectar com as reflexões propostas por Paulo Freire (2013) quando o autor afirma que o diálogo é a prática da educação como prática da liberdade. Para além das problemáticas estruturais e ligadas ao período pandêmico, possivelmente a falta de participação no momento da aula se dava, sobretudo, por sentirem-se desmotivados com o ensino remoto.

Por fim, quando questionados sobre o que iriam levar de aprendizado da Eletiva, os estudantes ressaltaram, sobretudo, o conhecer o lugar onde moram e os significados atribuídos socialmente a aspectos que para eles eram desconhecidos: “Assim, *eu consigo entender muito melhor a cidade que eu moro, que eu vivo. Eu não me sinto mais excluída*, como muitas vezes já me senti por não saber nada... de onde eu morava.” (Jovem 03, grifo da autora).

Uma característica da cultura. A questão dos ex-votos. Quando eu era pequeno eu passava por lá e eu via e pensava: meu deus do céu, o que é isso? Será que é de verdade? Aí quando eu fui pra eletiva eu descobri que tem um sentido, um significado. E me ajudou a entender mais o lance da cultura da cidade. (Jovem 02, grifos da autora).

Estes trechos mostram, mais uma vez, um exemplo prático do desenvolvimento do modo sociológico de pensar. Iniciando-se por estranhar e desnaturalizar aquilo que até então era corriqueiro e que hoje passa a ser visto a partir do olhar sociológico. Além disso, de

conseguir relacionar suas trajetórias individuais e histórias de vida com a sociedade de uma maneira mais ampla (MILLS, 1959).

Como já dito anteriormente, a realização deste grupo focal possibilitou perceber os limites e as possibilidades desta pesquisa e da aprendizagem de Sociologia no Ensino Médio. Possibilitou a execução prática de uma educação dialógica, que considera o jovem como parte do processo. Estabelecer uma relação dialógica é reconhecer que os jovens têm sempre algo a acrescentar na formatação da prática pedagógica e incluí-los nesse diálogo considerando-os sujeitos de todo o processo de ensino e aprendizagem, desde sua construção até após a sua realização.

Ouvi-los e considerá-los parte igualmente importante do processo faz com que se quebre a lógica comum nas instituições escolares, de “[...] concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los” (FREIRE, 2013, p. 65). Para o referido autor, “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”, isso significa que o conhecimento precisa fazer sentido para os(as) jovens. Nesse sentido, ouvir suas indagações e sugestões sobre a eletiva foi fundamental em sua construção, pois torna-se possível também “[...] discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação ao ensino dos conteúdos.” (FREIRE, 2016, p. 31).

Por fim, esta segunda experiência viabilizou e fortificou a reflexão sobre o ensinar Sociologia para além da sala de aula. Quando se leva a ideia de que é possível aprender Sociologia “no meio da rua”, ultrapassando os muros da escola, problematiza e quebra o ideário de que só é possível apreender as coisas na escola, seguindo toda uma “etiqueta” que dociliza corpos. Além disso, fortifica a disciplina na escola, faz-se refletir sobre o seu objetivo e funções pedagógicas para o processo de ensino e aprendizagem.

3.3 “A gente vai pra onde, tia?”²⁵: terceira versão do Rolê Sociológico

A terceira versão do Rolê Sociológico aconteceu em formato de disciplina eletiva no segundo semestre do ano letivo de 2022. Os encontros foram alternando-se entre aulas em campo e em sala de aula. Inicialmente, planejei 14 encontros: quatro em campo e dez em sala de aula. Em campo realizaria reflexões a partir de alguns espaços públicos da cidade e em sala discussões baseadas em teorias, conceitos e temas de Sociologia Urbana e sua relação a cidade de Canindé. Para conseguir levar os estudantes a campo, contei com o apoio da

²⁵ Todas as quartas-feiras esta pergunta era feita por pelo menos um dos(as) jovens alunos(as) matriculados na eletiva.

professora de Geografia, Mayara Gomes Oliveira. Os espaços urbanos escolhidos para as aulas de campo foram definidos por serem populares na cidade e por estarem diretamente ligados a categorias, conceitos e temas sociológicos que são discutidos pela disciplina eletiva, tais como: lazer, praça, sociabilidade, cultura e trabalho.

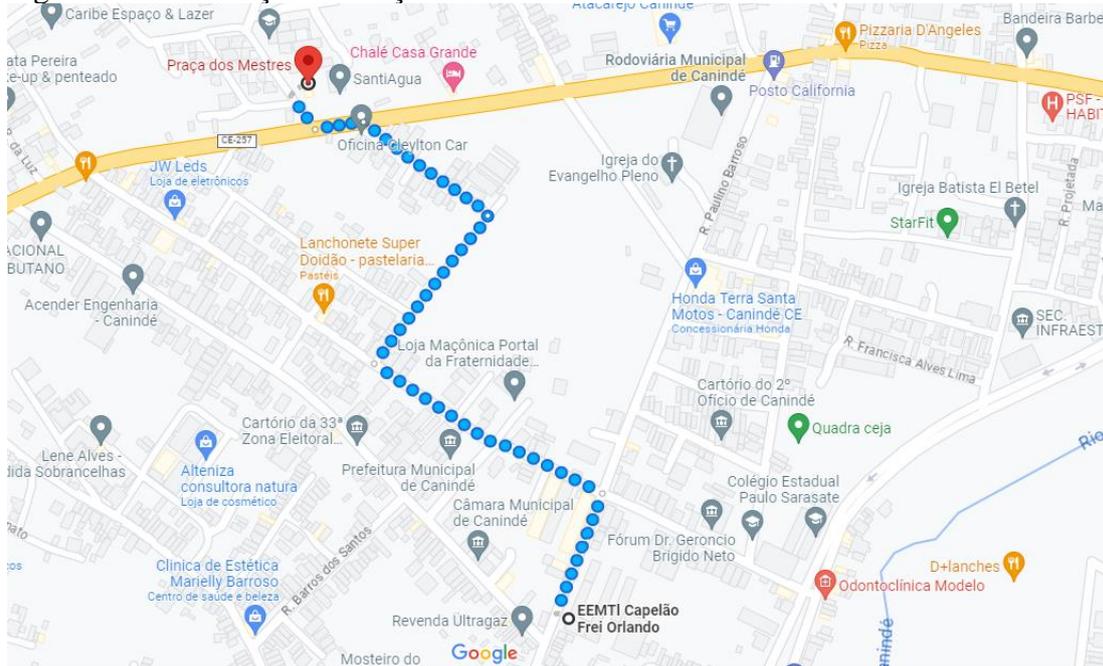
Na prática, tivemos alguns eventos escolares (provas externas e formações docentes) que fizemos com que tivéssemos nove encontros, sendo cinco em sala de aula e quatro em campo. Apesar da minha frustração por termos tido menos encontros que o planejado, as aulas de campo foram muito produtivas e nos encontros de sala de aula conseguimos ter boas discussões teóricas, mas sem o aprofundamento que havia sido pensado inicialmente.

Na primeira aula, a história e a proposta da eletiva foi apresentada aos estudantes. Apresentar todo o cronograma proposto e ouvir as percepções iniciais dos(as) alunos(as) foi importante, pois permitiu observar as reações dos(as) alunos(as) e ouvi-los(as). Neste mesmo dia também foram iniciadas as discussões teóricas, conversando sobre o que era uma cidade, como surgiram e quais suas principais características. Este momento gerou muita participação dos(as) estudantes e eles começaram a relacionar o debate com aspectos característicos da cidade de Canindé, por exemplo, o uso das praças e o significado socialmente atribuído a elas; o lazer e como as juventudes utilizam os espaços públicos. Além disso, foi falado sobre como a Sociologia estudava a cidade, apresentando a Sociologia Urbana e o sociólogo Georg Simmel.

A segunda aula foi em campo (Figura 4). Os(as) alunos(as) foram direcionados de ônibus escolar à Praça dos Mestres²⁶(Figura 5). Além de conhecer a praça em si, adentramos nos espaços que a formam e discutimos sobre os sentidos e os significados atribuídos a ela. Conversamos com um funcionário da prefeitura que é o responsável pela Praça, seu funcionamento e as atividades desenvolvidas. Junto a isso, sentamo-nos na praça e conversamos sobre os significados destas e seu surgimento. Nesta atividade, foi fundamental o estudo de trabalhos sociológicos desenvolvidos a partir de Praças, como o realizado por Lopes (2013).

²⁶ A referida praça foi inaugurada no dia 28 de julho de 2019 e o nome trata-se de uma homenagem aos “Mestres da Cultura” da cidade de Canindé. Conta com o funcionamento de órgãos públicos municipais, como o Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), ligado a Secretaria de Esporte e Cultura de Canindé (Canindé,2023).

Figura 4 – Localização da Praça dos Mestres saindo da Escola.



Fonte: Google Maps (2023).

Além disso, também falamos sobre o significado do nome “Praça dos Mestres” e a ligação dessa praça com o conceito de Patrimônio Cultural Imaterial, discutindo sobre a iniciativa da Secretaria de Cultura do estado do Ceará (SECULT/CE)²⁷ e a ideia de preservação do patrimônio. Ao fim desta aula, os(as) alunos(as) foram convidados a responder o primeiro questionário da eletiva.

²⁷ O projeto é proposto a partir das leis estaduais 13.351 de 2003 e 13.842 de 2006 que tem como objetivo a valorização da cultura popular a partir da preservação e reconhecimento desta pelas histórias de vida e contribuições de personalidades dos municípios cearenses, considerados “tesouros vivos” da cultura popular do referido estado. No município de Canindé, tem-se 4 mestres(as) da cultura, são eles(elas): Getúlio Colares Pereira, o sineiro da Basílica de São Francisco (in memoriam); Maria Odete Martins Uchoa, importante personalidade no desenvolvimento da medicina popular do município; Deoclécio Soares Diniz artista que trabalhou com esculturas e santeiro (in memoriam) e Dina Maria Martins Lima – Dona Dina, vaqueira e aboiadora.

Figura 5 – Campo 1: Ida a Praça dos Mestres



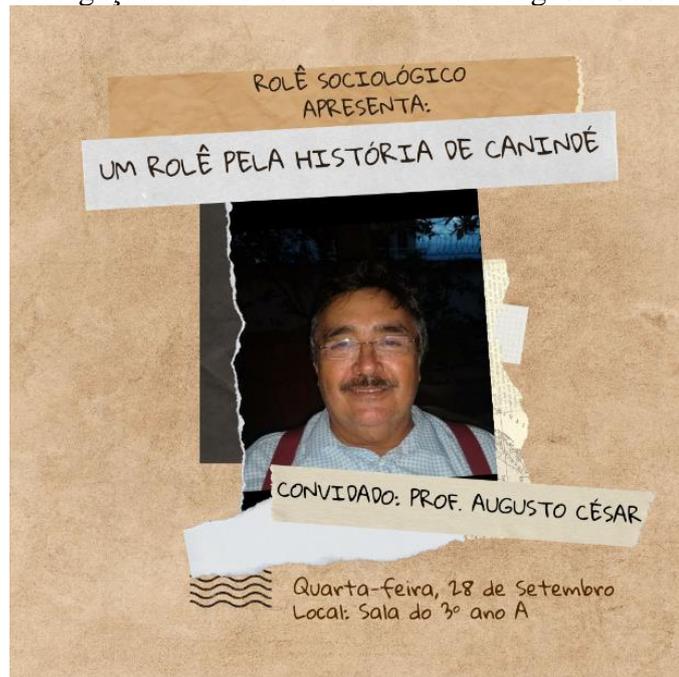
Fonte: Acervo da autora (2022).

A terceira aula aconteceu na escola com a presença de um convidado e tinha como objetivo uma discussão a respeito da história de Canindé. Contamos com a presença de um memorialista, que podem ser definidos como

[...] indivíduos que se dedicam ao ofício de recolha das memórias, que por sua vez, no domínio da escrita, ascendem ao campo do que seja a história do grupo onde estão inseridos, na grande maioria pelo natalício, projetado a um local, com circunscrições definidas, e por sua vez percorrendo uma trajetória, que acaba por ser validada por instituições inseridas dentro destes locais. (SILVA NETO, 2017, p. 01).

Assim, um memorialista não necessariamente é um historiador. Mas alguém que preserva e valoriza informações importantes para a história oral, contribuindo para a valorização de uma identidade local. O memorialista convidado em questão chama-se Augusto César Magalhães Pinto (Figura 6). Natural de Canindé e servidor público do Tribunal de Justiça do Estado do Ceará, é uma figura conhecida na cidade, principalmente por sua obra “Viagem pela história de Canindé”. Comumente chamado em escolas e outras instituições para falar sobre Canindé, a presença do memorialista levantou questionamentos da turma em relação à história da cidade. Neste dia, outros alunos que conheciam o memorialista me pararam nos corredores, inúmeras vezes, perguntando se poderiam ir à aula da eletiva. O convidado falou sobre a presença de povos originários e povos africanos, da relação da cidade com a religiosidade e das mudanças que ocorreram ao longo do tempo.

Figura 6 – Cartaz de divulgação da aula com o convidado Augusto César Magalhães Pinto

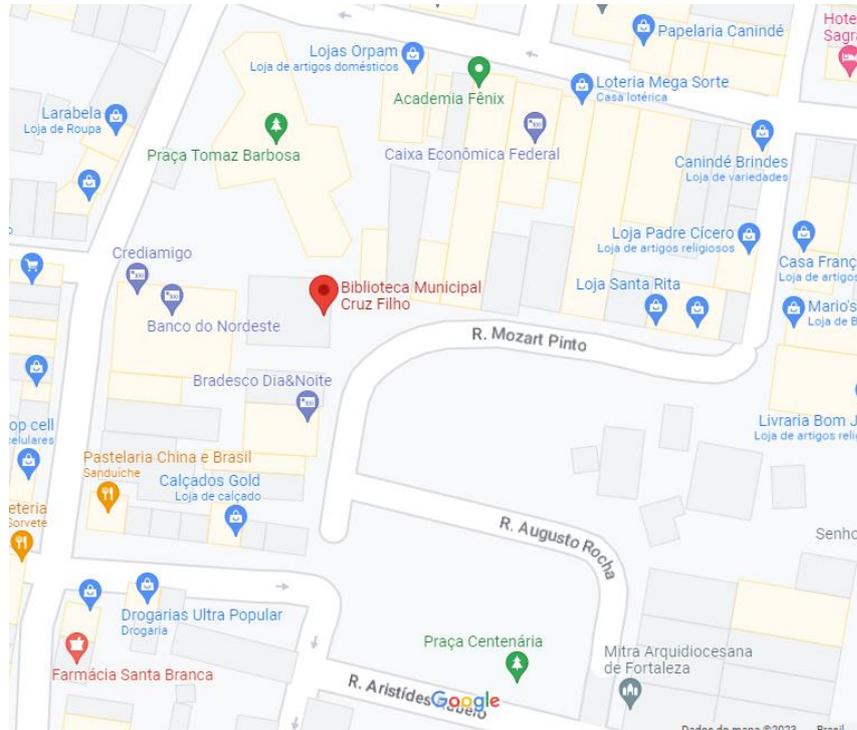


Fonte: Acervo da autora (2022).

Na quarta aula, fomos visitar o espaço da Biblioteca Municipal Cruz Filho, Praça da Basílica e Praça Tomás Barbosa²⁸. Esta aula de campo tinha como objetivo a compreensão da importância da praça na construção da cidade e para a sociabilidade dos(as) moradores. Antes de sairmos, os(as) alunos foram divididos em pequenas equipes (duplas ou trios) que se encaminhariam para um dos três espaços objetivando observá-los e conversar com os indivíduos que ali estavam, buscando saber sobre a expectativa para a Festa de São Francisco e os elementos que compõem as praças. Abaixo (Figura 7) está a foto do mapa com a localização exata dos lugares visitados. A Praça da Basílica está descrita como “Praça Centenária”.

²⁸ A Biblioteca Municipal Cruz Filho foi fundada em 1984 na cidade de Canindé e seu nome homenageia o poeta canindeense José da Cruz Filho (SOBRADO, [entre 2005 e 2023]). A referida Biblioteca fica na própria Praça da Basílica e no mesmo entorno da Praça Tomás Barbosa. A Praça da Basílica é a praça matriz da cidade, é onde fica a Basílica de São Francisco, um dos principais pontos de turismo religioso e de circulação deromeiros e cidadãos, por se localizar no Centro. Já a Praça Tomás Barbosa fica ao lado da Biblioteca, também no centro. Sendo a praça onde mais se há trocas comerciais e circulação de vendedores ambulantes que trabalham com venda de artigos religiosos no geral.

Figura 7 – Localização da Praça da Basílica, Praça Tomás Barbosa e Biblioteca Municipal Cruz Filho.



Fonte: Google Maps (2023).

Ao chegarmos nos referidos espaços, primeiro fomos à Biblioteca Municipal Cruz Filho (Figura 8), a fim de conhecer o espaço e saber como ele funciona. Ainda na entrada da biblioteca, os comentários recorrentes eram “não sabia nem que tinha biblioteca aqui”, “tô muito emocionada por estar aqui”, “não sabia que podia entrar aqui, estudar aqui”. Quando a servidora perguntou se alguém já tinha visitado, muitos alunos responderam que não. Tais fatos demonstram a importância do desenvolvimento desta eletiva, uma vez que proporciona também que o(a) jovem ocupe espaços urbanos.

Figura 8 – Campo 2: Biblioteca Municipal Cruz Filho



Fonte: Acervo da autora (2022).

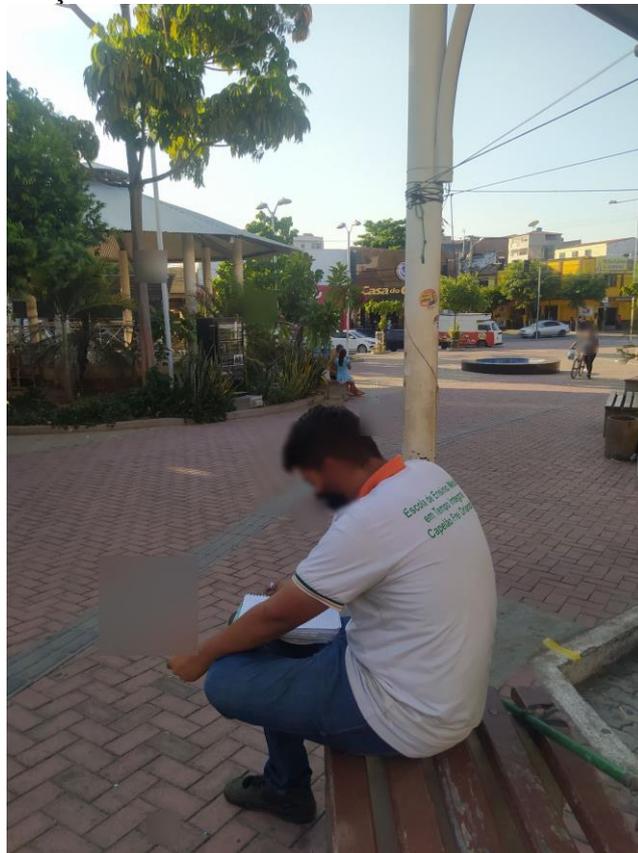
Após a visita interna à Biblioteca, continuamos com as divisões feitas na escola. Os(as) alunos(as) foram orientados a realizarem pequenas entrevistas, em forma de conversa informal, com os comerciantes e vendedores ambulantes que rodeavam a Praça da Basílica (Figura 9) e a Praça Tomás Barbosa (Figura 10). O objetivo da atividade era que os(as) jovens identificassem como o trabalho dessas pessoas é influenciado pela Festa de São Francisco.

Figura 9 – Campo 2: Praça da Basílica



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 10 – Campo 2: Praça Tomás Barbosa



Fonte: Acervo da autora (2022).

A aula cinco aconteceu durante a Festa de São Francisco na Praça da Basílica (Figura 11). Ela não tinha presença obrigatória, pois a escola estava de recesso. Muitos(as) alunos(as) não aderiram à aula por estarem trabalhando no período de Festa, de modo que apareceram nove estudantes. Dividi os(as) estudantes em duplas e pedi para observarem as diferenças na Praça da Basílica durante a Festa em relação à Praça antes da Festa. Algumas estudantes também conversaram com romeiros, comerciantes, vendedores ambulantes e funcionários do Santuário. Esta aula e as percepções dos(as) alunos(as) sobre ela foram importantes para o desenvolvimento das aulas teóricas, gerando mais engajamento dos(as) estudantes ao conhecimento que estava sendo produzido no âmbito da eletiva.

Figura 11 – Campo 3: Praça da Basílica na Festa de São Francisco



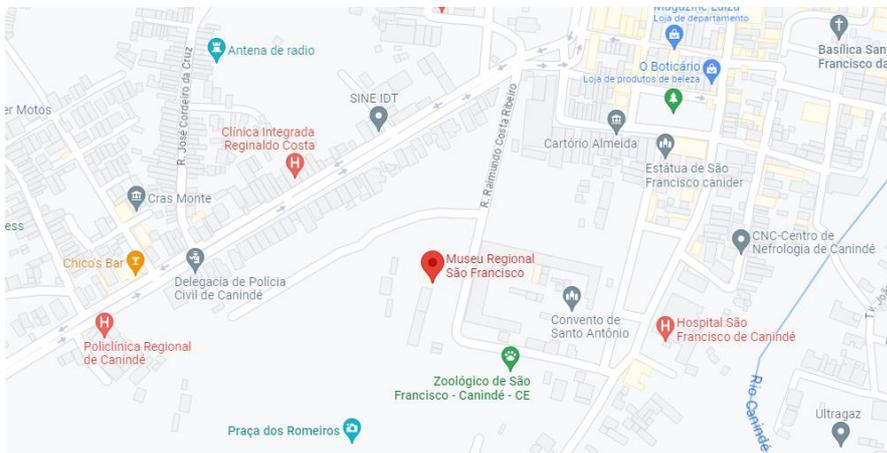
Fonte: Acervo da autora (2022).

A aula seis aconteceu na sala de aula, sendo dividida em dois momentos: inicialmente, discutiríamos sobre todos os espaços até então visitados e, posteriormente, conversaríamos a respeito das contribuições do sociólogo Georg Simmel para pensar a cidade. A partir do engajamento dos(as) estudantes nas discussões, conseguimos estabelecer relações entre a

teoria e os lugares visitados discutindo também a partir das categorias propostas por Magnani (2002) para compreensão da cidade.

A aula sete aconteceu no espaço do Museu Regional São Francisco (Figura 12 e Figura 13). Este Museu é administrado pelo Santuário de Canindé e seu acervo possui aproximadamente seis mil peças que contam a história da cidade ligando-a à figura do santo milagroso, São Francisco. De acordo com Almeida (2016, p. 80), ele foi “[...] inaugurado no ano de 1972 pelo ex-vigário Frei Lucas Dolle que decidiu instalar um modesto museu para expor o que além da fé os devotos deixavam na cidade.”

Figura 12 – Localização do Museu Regional São Francisco.



Fonte: Google Maps (2023).

Figura 13 – Campo 4: Museu Regional São Francisco.



Fonte: Acervo da autora (2022).

Nesta aula, os alunos foram divididos em duplas e orientados a escrever a respeito de suas percepções sobre o Museu (Figura 14), pensando sempre a partir da ideia do que aquele espaço diz sobre Canindé.

Figura 14 – Atividade de Campo



EEMTI Capelão Frei Orlando
Eletiva Rolê Sociológico / 2022.2
Professora: Marcia Gabrielle
Nome e turma:

Atividade de Campo – Local: Museu de Canindé

Você deverá percorrer o Museu de Canindé, observar as exposições e identificar o que o local fala sobre a cidade. Não há resposta correta ou incorreta, você partirá da sua percepção sobre o que está exposto no Museu, o que mais lhe chamar atenção. Após a observação, você responderá a seguinte pergunta: *O que o Museu de Canindé conta a respeito da cidade?*

DICA: Observe os aspectos históricos, culturais e religiosos. Observe as imagens e objetos expostos e reflita o que o Museu fala sobre a cidade de Canindé.

Fonte: Acervo da autora (2022).

Esta atividade foi reproduzida, distribuída às duplas, sendo orientado aos(as) estudantes que me entregassem posteriormente. As respostas dos estudantes ressaltavam a importância da preservação do local para a cultura da cidade. Além disso, o aspecto da religiosidade presente no Museu é algo comum em todas as respostas. Não à toa, o referido espaço é gerenciado pela equipe do Santuário.

“Os objetos expostos foram usados ou confeccionados por diversas personalidades que fizeram parte e contribuíram para manter a história e a cultura da nossa cidade viva. *A todo lugar que olhar vai encontrar muitas histórias e objetos que podem fazer parte do nosso cotidiano mas que representam a cultura do povo canindeense.* Um lugar lindo que deve ser conservado para continuar eternizando as memórias e a cultura de nossa cidade.” (Resposta da Aluna 01).

“O museu representa sobre muita coisa que tempo atrás já foi muito valioso. Não que hoje não seja mas naquele tempo atrás *as coisas que está no museu fala as primeiras coisas de um lugar muito importante daqui da nossa cidade* como: imagens quadros, pinturas (...).” (Resposta da Aluna 02)

“*O museu retrata um pouco da história através de alguns objetos que foram muito importantes para a formação geopolítica da cidade de Canindé e de cidades*

vizinhas, também retrata um pouco da religiosidade.” (Resposta dos Alunos 03 e 04).

“*Achamos interessante sobre as armas de caça utilizadas anteriormente por povos originários*, e que essas armas são lanças com pontas bem afiadas e arco e flechas.” (Resposta dos Alunos 05 e 06).

“O museu expõe as várias facetas e aspectos da história canindeense, em forma de veículos, instrumentos, imagens, esculturas, pinturas e artesanato. *A estética camponesa e do sertão é evidente, junto com o contraste em relação ao mundo contemporâneo.*” (Respostas dos alunos 07 e 08).

A aula oito aconteceu na sala de aula e tinha como temática principal uma discussão sobre cidade a partir da Geografia. A professora de Geografia da escola, Mayara Gomes Oliveira, foi convidada a contribuir com o Rolê Sociológico falando sobre território e direito à cidade (Figura 15). Assim sendo, a professora abordou o conceito de território, relacionando-o às discussões sobre direito à cidade e articulando estas a questões de raça, classe e gênero.

Nesse dia, observei atentamente as feições dos(as) estudantes que, apesar de ter algumas participações, estavam regadas a cansaço e apatia. O sentimento que observei ser presente em todas as outras aulas dentro sala de aula que aconteceram anteriormente. Naquele momento, refleti sobre até que ponto era interessante ao estudante a discussão teórica, apesar de entendê-la como fundamental.

Figura 15 – Cartaz de divulgação da aula com a convidada professora Mayara Gomes Oliveira.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Apesar da baixa participação, o engajamento dos(as) estudantes que participaram trouxeram contribuições importantes à aula, pois foi possível observar que eles/elas estavam relacionando às discussões propostas pela convidada àquelas que haviam acontecido anteriormente e, conseqüentemente, às aulas em campo.

A última aula foi o momento de fechamento da eletiva. Realizou-se um balanço do que havia sido discutido, dos lugares que haviam sido visitados, do que tinha sido positivo e das limitações encontradas. O momento foi enriquecedor não somente para a construção da proposta final de intervenção pedagógica, mas sobretudo, para a aprendizagem construída junto aos estudantes.

A partir disso, os(as) alunos(as) foram divididos em equipes e cada equipe teria de escolher um espaço urbano dentre os visitados (ou os que não haviam sido visitados, mas que a turma identificou como um lugar importante para a cidade). Após a escolha, a equipe teria que apresentar a proposta de intervenção, ou seja, pensar por que é importante a valorização desse espaço. Em seguida, refletiriam sobre as medidas que poderiam ser tomadas para que houvesse uma valorização efetiva do referido lugar. Por fim, as equipes apresentaram suas propostas ao restante da turma. Essa atividade avaliativa final foi denominada de “*Caminhos para a valorização dos espaços urbanos de Canindé*” (Figura 16).

Figura 16 – Atividade Final: Proposta de Intervenção “Caminhos para a valorização dos espaços urbanos de Canindé.”

	EEMTI Capelão Frei Orlando Eletiva Rolê Sociológico / 2022.2 Professora: Marcia Gabrielle Atividade Final NOTA: _____	
	Nome dos(as) componentes da equipe e turma: _____ _____ _____	
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: “Caminhos para a valorização dos espaços urbanos de Canindé”.		
Vocês irão se dividir em equipes de 4 a 5 pessoas, escolher um dos espaços abaixo e produzir uma proposta de intervenção para valorização daquele espaço urbano.		
01) Espaço público escolhido:		
<input type="checkbox"/> Biblioteca Municipal Cruz Filho	<input type="checkbox"/> Praça dos Mestres	<input type="checkbox"/> Estátua de Canindé
<input type="checkbox"/> Museu de Canindé	<input type="checkbox"/> Praça da Melada	<input type="checkbox"/> Outro: _____
02) JUSTIFICATIVA: Por que é importante a valorização deste espaço? (5 a 6 linhas)		
_____ _____ _____ _____		
03) PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: Que medidas podem ser tomadas para que esse espaço seja, realmente, valorizado? (no mínimo 10 linhas) DICA: Pensar em uma proposta por componente, detalhar a proposta e sua execução.		
_____ _____ _____ _____ _____		

Fonte: Acervo da autora (2022).

Dessa forma, os lugares escolhidos pelos estudantes foram: Praça da Melada, Museu Regional São Francisco, Estátua de Canindé, Praça da Basílica e Biblioteca Municipal Cruz Filho. A Praça da Melada e a Estátua de Canindé foram locais que não foram visitados, mas que foram apontados pelos estudantes como locais de importância para a cidade de Canindé. A Praça da Melada passa, atualmente, por uma revitalização e construção de uma quadra poliesportiva. É um local no qual muitas pessoas praticam atividade física e é frequentada sobretudo por jovens. A Estátua de Canindé, por sua vez, foi inaugurada no ano de 2005 e possui 31 metros, sendo uma das cinco maiores estátuas sacras do mundo, tendo sido erguida do chão sem pedestal. A obra é criação do artista plástico e mestre da cultura, Deoclécio Soares Muniz, o “Mestre Bibi” (LIMA, [entre 2008 e 2010]).

No que tange à Praça da Melada, foi ressaltado a importância do local para a sociabilidade juvenil e espaço de lazer para a população em geral. Como proposta de intervenção, os(as) estudantes sugeriram a criação de campanhas voltadas para ampliação e revitalização do referido espaço.

Os(as) estudantes que refletiram sobre a Praça da Basílica destacaram sua importância para o turismo religioso e preservação da memória local. Sugeriram como proposta de intervenção a mudança na infraestrutura, ressaltando a falta de acessibilidade do espaço da Gruta²⁹, bem como a falta de saneamento dos arredores da gruta e pavimentação do local. Também apontaram a falta de segurança, indicando um fortalecimento das forças policiais na Praça da Basílica.

Em relação ao Museu Regional São Francisco, os(as) estudantes afirmaram ser importante por ser um patrimônio que tem ligação com a memória da cidade. Como proposta de intervenção, sugeriram uma maior divulgação do espaço a partir do desenvolvimento de eventos voltados para a conscientização da preservação desse espaço.

Os(as) estudantes que se propuseram a refletir sobre a Estátua de Canindé evidenciaram a sua importância por esta ser um símbolo da religiosidade presente com tanta força na cidade. Como proposta de intervenção, sugeriram: fortalecimento do comércio local, a partir das barracas; reforma do entorno do monumento, de modo a pensar na proteção do local e preservação do ambiente ao redor.

No que se refere à Biblioteca Municipal Cruz Filho, os(as) estudantes destacaram sua importância para a “preservação da cultura literária”, sendo esta possuidora de “um grande repertório útil a toda a população canindeense”. Como proposta de intervenção, sugeriram o fortalecimento do espaço a partir da divulgação nas redes sociais, expansão do estabelecimento a partir de eventos de doações de livros, ressaltando ainda a importância de uma reforma no espaço, de modo a torná-lo mais atrativo esteticamente.

Esta atividade possibilitou observar também como a eletiva pode ser um espaço de construção do conhecimento que subverte a lógica das disciplinas convencionais, que são submetidas a servirem conforme o funcionamento dos grandes vestibulares e processos avaliativos externos. Além disso, um exercício de escrita em que se organizam as ideias após as inúmeras observações realizadas nos campos e discussões teóricas em sala de aula, possibilitando também um incentivo à imaginação.

A atividade também viabilizou mudanças nas posturas dos(as) estudantes no que tange à escrita, uma vez que nas atividades anteriores, percebia-se que a escrita era rasa e superficial. Muitas vezes os(as) estudantes perdiam as atividades que eram passadas nas aulas de campo. Contudo, nesta última, observou-se uma transformação não somente no que era escrito como também na forma como foi entregue. As respostas, como falado acima,

²⁹ Gruta é uma quadra que fica atrás da Basília, onde ocorrem a maioria das missas.

demonstravam mais domínio, criatividade e relação com as discussões empreendidas ao longo da eletiva. Tais resultados comprovam o impacto positivo da eletiva no aprendizado sociológico dos(as) jovens.

A partir do momento em que se veem pertencentes aos espaços urbanos, conseguem estabelecer uma ligação entre suas trajetórias e histórias de vida à sociedade de maneira mais ampla. Quando são convidados a problematizarem sobre a valorização desses espaços, adicionam o exercício da capacidade de estranhar e desnaturalizar. Evidentemente, esta atividade não é capaz de resolver problemáticas sociais concretas. Contudo, ao propor que os(as) estudantes reflitam individual e coletivamente sobre o local em que vivem, escrever sobre essa reflexão, relacioná-la com as discussões teóricas e assim estranhá-lo, o Rolê Sociológico possibilita o aprendizado com a cidade e, conseqüentemente, o desenvolvimento do modo sociológico de pensar.

Ao final da aula, foi feito um balanço geral do que eles acreditavam poder ser inserido no cronograma de encontros do Rolê Sociológico. Os alunos sugeriram aulas no espaço da Estátua de Canindé, em que observássemos a realidade ao redor da mesma, o que me fez pensar que tal aula poderia ser subsídio às discussões sobre turismo religioso e trabalho; sugeriram aulas na casa da Mestra da Cultura Dina Vaqueira³⁰, ou até mesmo que esta fosse convidada a estar na sala de aula, o que me fez pensar que poderia ser subsídio para as discussões sobre cultura, memória e patrimônio; sugeriram também que pudéssemos aprofundar mais as discussões ligadas à gênero, classe, raça e cidade. Tais contribuições foram fundamentais para a construção da ementa final da eletiva. Além disso, foi aplicado novamente o questionário, como forma de coleta objetiva dos dados.

Como dito no tópico “Percurso Metodológico”, foram aplicados dois questionários durante a terceira versão da intervenção pedagógica que tinham como objetivo identificar os impactos da eletiva na aprendizagem dos(as) estudantes inscritos(as). Assim, os resultados são o que se segue abaixo.

3.3.1 Questionário inicial³¹

No que diz respeito ao questionário inicial, foi aplicado com os 30 estudantes que se matricularam na eletiva. Esse questionário contribuiu diretamente com o planejamento da

³⁰ Como dito anteriormente, Dina Maria Martins Lima é uma mulher canindeense, vaqueira e aboiadora. Atualmente é Mestra da Cultura do estado do Ceará, defensora dos direitos das mulheres, compõe versos e é conhecida por ter as portas de sua casa sempre abertas para aqueles que desejam ouvi-la.

³¹ Os modelos dos questionários aplicados antes e depois da eletiva estão disponíveis nos Apêndices desse trabalho.

Disciplina Eletiva, uma vez que possibilitou conhecer o perfil dos(as) estudantes, de onde são, quais são seus interesses, suas percepções sobre a Sociologia e a proposta Rolê Sociológico.

No que tange ao Perfil Socioeconômico dos(a) estudantes, observa-se que 70% possuíam entre 16 ou 17 anos. A maioria do gênero masculino, 53,3%, seguido de 43,3% do gênero feminino e 3,3% não-binário³². No que diz respeito a cor ou raça, 43,3% dos respondentes se autodeclaravam como pardos; seguido de 40% autodeclarados brancos e 16,7% autodeclarados pretos. Conhecê-los auxiliou na construção do planejamento da eletiva pois possibilitou a reflexão sobre como discutir com os(as) estudantes sobre gênero, raça, classe e juventude e suas relações com os espaços urbanos. A divisão em relação à série era bem mista, sendo 36,7% de 1ª série, 33,3% de 3ª série e 30% de 2ª série, tendo em vista que as eletivas atendem aos estudantes das três séries. Sobre a moradia, a maioria é da Zona Urbana da cidade de Canindé, 93,3%, enquanto 6,7% são da Zona Rural. Saber onde os(as) estudantes residem – tanto o bairro quanto o distrito – auxilia na construção da eletiva, pois possivelmente estes estudantes já conheciam ou frequentavam alguns espaços da cidade que iriam ser visitados a partir das aulas.

A partir dessas conclusões foi possível, por exemplo, planejar discussões que dialogassem diretamente com esses lugares, partindo do reconhecimento do “imaginário espacial dos alunos”, aproximando-os da proposta de eletiva e, conseqüentemente, da Sociologia (MEUCCI; FAVORETTO, 2016 p. 300).

Quando questionados sobre como se dava o seu contato com a Sociologia, 20% afirmaram ter contato a partir de outros canais, como a internet. Isso possibilitou pensar em estratégias de se utilizar a internet para o incentivo a esse contato com a Sociologia. No caso da eletiva, principalmente a criação do grupo na rede social WhatsApp na qual era um canal de lembrete sobre as aulas em campo, envio de materiais e avisos sobre a eletiva.

A respeito dos motivos para participação na eletiva Rolê Sociológico:

- 86,7% dos alunos responderam que estavam participando do Rolê Sociológico para “Aprender mais sobre Sociologia”;
- 26,7% marcaram que estavam participando “Por causa da professora que ofertou a eletiva”;

³² O termo “não-binário” está diretamente ligado aos estudos de gênero, especificamente ao conceito de gênero, ou seja, a como o(a) indivíduo se vê no mundo. Dos Reis e Pinho (2016) ao escreverem sobre trajetórias escolares de pessoas não-binárias afirmam que estas “[...] além de transgredirem à imposição social dada no nascimento, ultrapassam os limites dos polos e se fixam ou fluem em diversos pontos da linha que os liga, ou mesmo se distanciam da mesma. Ou seja, indivíduos que não serão exclusiva e totalmente mulher ou exclusiva e totalmente homem, mas que irão permear em diferentes formas de neutralidade, ambigüidade, multiplicidade, parcialidade, agenericidade, outrogenericidade, fluidez em suas identificações.” (p. 14)

- 26,7% marcaram que estavam participando “Por causa das aulas de campo”;

Tais respostas surpreenderam pois era uma hipótese inicial que os(as) estudantes escolheram a eletiva devido à proximidade com a professora, uma vez que esse era o comentário mais divulgado entre eles. Contudo, a surpresa foi positiva pois é possível perceber que os(as) estudantes querem aprender mais Sociologia e encontram nas eletivas essa possibilidade. Assim, a partir desse dado é possível perceber que é positivo quando as eletivas são utilizadas para aprofundar disciplinas da base comum.

Sobre o seu relacionamento com a disciplina de Sociologia (Gráfico 1), os(as) estudantes responderam o que segue:

Gráfico 1 – Resultados da pergunta três do questionário inicial

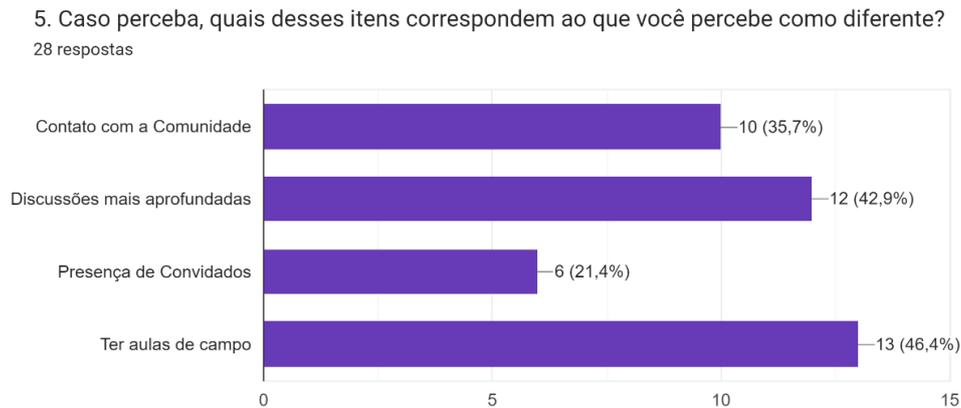


Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Assim, é possível perceber que pergunta três mostra uma relação positiva dos(as) estudantes com a disciplina, considerando-a como uma disciplina que possibilita o debate sobre assuntos do seu interesse. Esses dados somados aos da pergunta seis auxiliam na construção do planejamento uma vez que se pode elencar, junto aos estudantes, que temáticas ligadas à cidade podemos discutir na eletiva.

Ao serem questionados se existem diferenças entre as aulas das eletivas e as aulas das disciplinas da base comum (Gráfico 2), os(as) alunos responderam o que segue abaixo:

Gráfico 2 – Resultados da pergunta cinco do questionário inicial



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Tais dados auxiliam na reflexão sobre o lugar que as eletivas ocupam na percepção dos(as) estudantes na escola. Por se tratar de uma parte flexível do currículo, que permite ao estudante a escolha, pode ser vista por estes como algo de menor importância. Não se descartando essa hipótese, mas focando nos dados que se tem, poder-se-ia pensar que os estudantes veem nas eletivas o espaço para outros momentos de aprendizagem que por fatores diversos não podem ser realizados nas aulas da base comum.

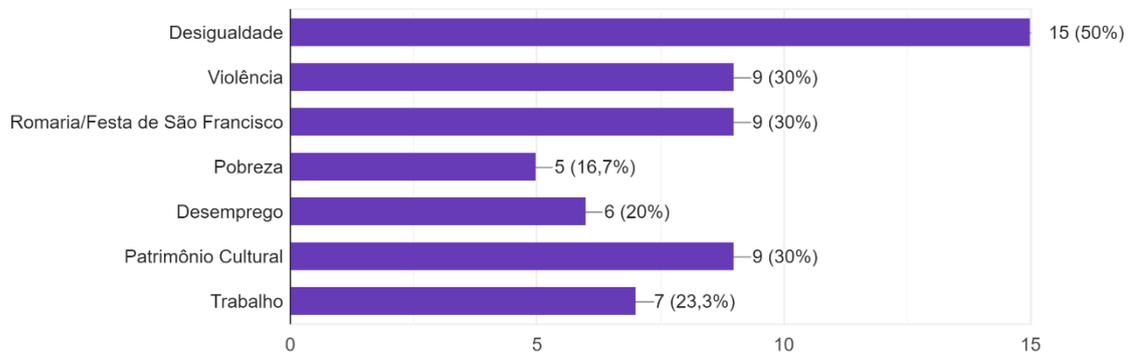
Assim, a partir da visão dos(as) estudantes, é possível perceber que as eletivas proporcionam um maior aprofundamento de conteúdos, ao passo em que também promove uma maior integração entre professores e entre escola-comunidade. Além disso, essa pergunta contribui para o planejamento das estratégias metodológicas a serem utilizadas nas aulas, como a presença de convidados, membros da comunidade e o aprofundamento de discussões.

Objetivando verificar se os temas identificados pela autora como temas relacionados à cidade de Canindé também eram reconhecidos como tal pelos estudantes e se, conseqüentemente, poderiam ser discutidos pela eletiva, foi formulada a pergunta seis. Nesse sentido, a pergunta não foi direcionada à cidade, mas à Sociologia, pois uma vez que o(a) estudante identifica o tema como sendo possível de ser discutido pela Sociologia, consegue relacioná-lo à cidade a partir de sua vivência.

Assim, ela foi construída com base no que os(as) alunos(as) das outras experiências do Rolê Sociológico comentavam sobre a cidade e com base nas conversas informais que a professora tinha com os(as) alunos(as) nos corredores. Nela foram reunidos aspectos da cidade que foram considerados marcantes e essenciais para a construção final da eletiva (Gráfico 3). Tal pergunta auxiliou a pensar temas sociológicos a partir do lugar de moradia.

Gráfico 3 – Resultados da pergunta seis do questionário inicial

6. Dentro dos temas listados abaixo qual você acha que poderia ser discutido pela Sociologia:
30 respostas



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Pode-se perceber que todos os temas foram marcados pelo menos uma vez. Assim, esta pergunta também foi essencial para que o planejamento docente fosse continuado, já que os(as) estudantes identificavam estes temas como passíveis de serem discutidos pela Sociologia. Os resultados dela convergem com os das perguntas três e cinco, fortalecendo o planejamento docente da Intervenção Pedagógica.

Com o intuito de complementar a reflexão realizada a partir das perguntas anteriores, as perguntas sete e oito foram elaboradas. Considerando saber que temas os(as) alunos achavam que poderiam ser discutidos pela Sociologia, também era importante saber que espaços da cidade os(as) alunos frequentavam e que espaços levavam pessoas de fora para frequentar. Para compreender melhor esta pergunta, faz-se importante diferenciar e classificar os tipos de espaços aqui referidos.

Dessa forma, foram criadas algumas categorias objetivando diferenciar os lugares da cidade de Canindé, bem como situar melhor o(a) leitor(a) deste trabalho. Assim, podemos classificar os lugares em três tipos: Históricos e Patrimoniais; Sociabilidade; Históricos, Patrimoniais e Religiosos. Os lugares que se encaixam na categoria “Históricos e Patrimoniais” são: a Praça Tomás Barbosa, Praça dos Mestres, Museu de Canindé, Biblioteca Municipal Cruz Filho e demais praças de bairro. Os lugares que estão na categoria “Sociabilidade” são: Praça da Melada, Praça Azul, Praça dr. Aramis e Bambuluá, Bares, Churrascarias e Zoológico. Por fim, os lugares que se encaixam na categoria “Históricos, Patrimoniais e Religiosos” são: Praça dos Romeiros, Praça da Basílica, Estátua de Canindé, Igrejas e outros espaços religiosos pertencentes a outras religiões.

Assim, sobre os lugares mais frequentados, podemos destacar:

- Churrascarias, Pastelarias e Pizzarias (76,7%);
- Bares (43,3%);
- Praças (Praça Azul, 36,7%; Praça dos Mestres 30%; Praça Tomás Barbosa 23,3%; Praça da Melada, 20%);

No que está relacionado aos lugares que se leva ou levaria pessoas de fora:

- 60% dos alunos apontaram o Museu e Churrascarias, Pastelarias e Pizzarias;
- 56,7% Praça dos Mestres;
- 50% Praça da Basílica;
- 46,7% Estátua de Canindé;
- 43,4% Bares e Praça dos Romeiros;

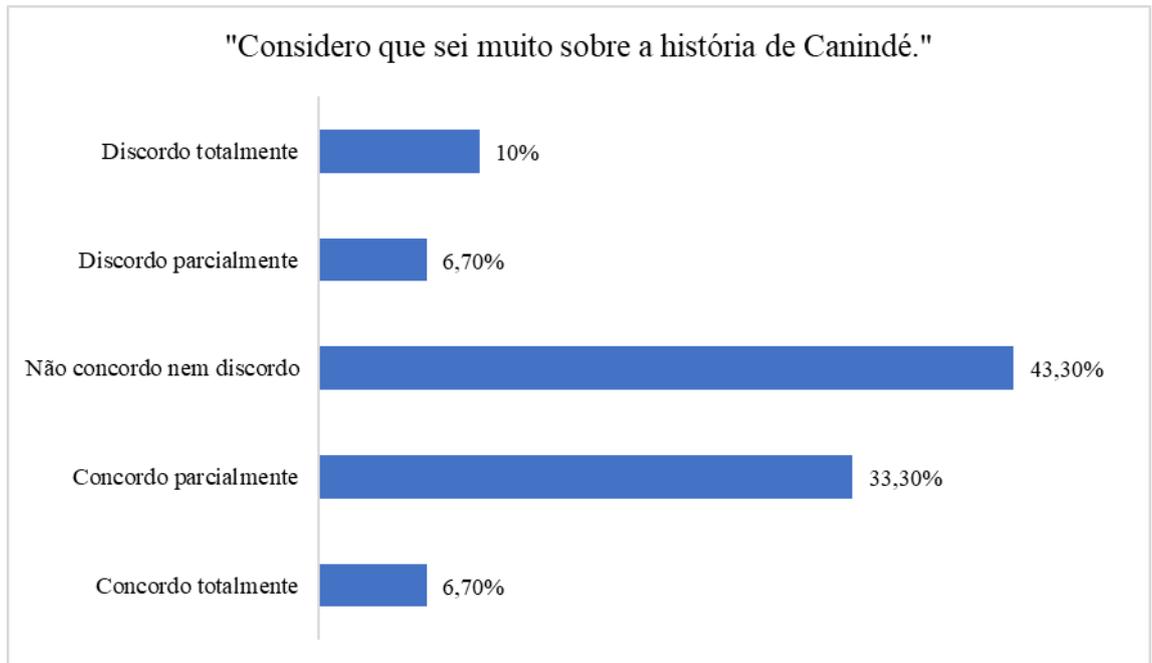
Com as perguntas é possível perceber que antes do Rolê Sociológico os alunos têm uma tendência a indicar lugares de Sociabilidade quando perguntados sobre os seus momentos de lazer. Já quando são questionados a respeito de lugares que levam pessoas de fora, além de existir a forte presença de lugares de Sociabilidade, há também um pouco da presença de lugares Históricos, Patrimoniais e Religiosos. Tais respostas fortalecem o mapeamento das escolhas dos espaços urbanos a serem visitados nas aulas de campo, como também as discussões teóricas sobre praças, sociabilidade e patrimônio.

Para compreender que tipo de conhecimento os alunos julgavam ter sobre a cidade, bem como seu nível de proximidade com ela, foram elaboradas quatro afirmativas utilizando a Escala de Likert. No que tange ao planejamento, essas perguntas serviriam para fortalecer o impacto que a eletiva teria sobre sua aprendizagem a respeito da cidade³³.

Na afirmativa nove, “considero que sei muito sobre a história de Canindé” (Gráfico 4) é possível observar que predomina uma indiferença, pois a maior parte dos alunos afirmam não concordar nem discordar.

³³ De acordo com Bermurdes (2016), a Escala Likert foi desenvolvida em 1932 e é utilizada para medir a atitude dos respondentes, assim, o(a) respondente indicará seu grau de concordância ou discordância em relação a determinada afirmativa. Assim, a escala utiliza respostas como “discordo totalmente”, “discordo parcialmente”, “não concordo, nem discordo”, “concordo parcialmente” e “concordo totalmente”. Tal escala permite ao(a) pesquisador(a) ter um direcionamento maior sobre a posição dos(as) entrevistados em relação a cada afirmação, além de ter uma aplicação relativamente simples (BERMURDES, 2016).

Gráfico 4 – Resultados da afirmativa nove do questionário inicial

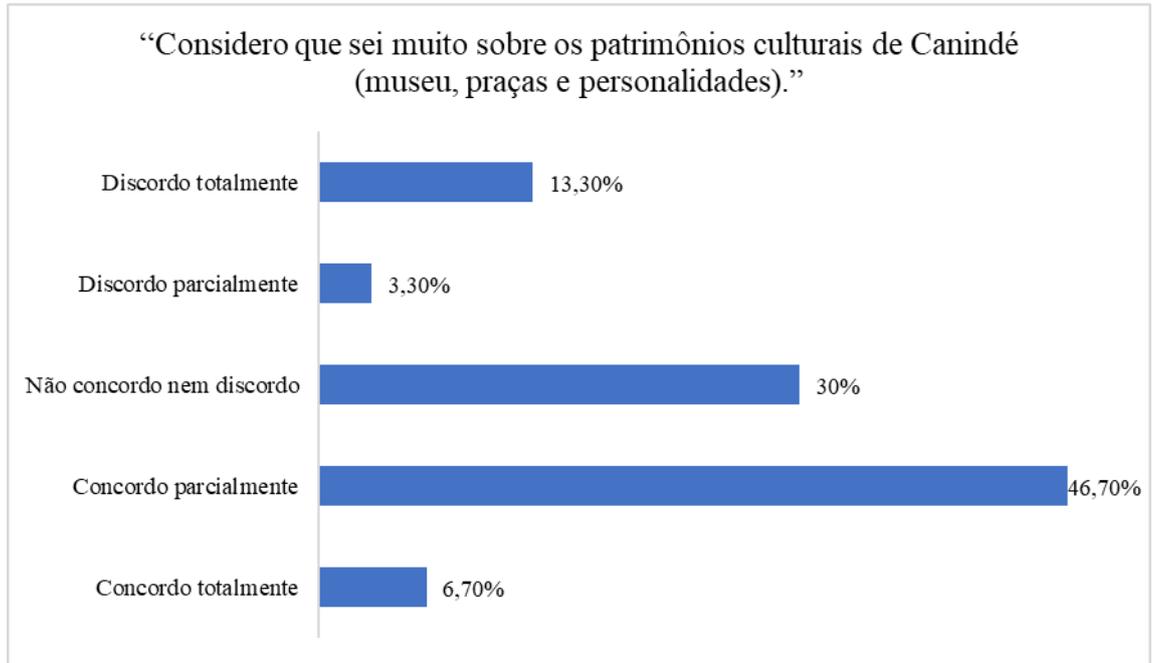


Fonte: Elaborado pela autora (2023).

As respostas abriram espaço para a seguinte reflexão: por qual razão os(as) estudantes se mostram indiferentes acerca do seu conhecimento histórico e cultural sobre Canindé? No que diz respeito ao planejamento, obter esses dados fortaleceu a importância do diálogo com outras disciplinas da área de Ciências Humanas no decorrer do Rolê Sociológico.

Na afirmativa 10 (Gráfico 5), ao serem questionados a respeito do conhecimento ligado aos patrimônios culturais materiais e imateriais da cidade, além de aparecerem respostas um pouco distantes da anterior, entra em consonância com a pergunta de número sete, a qual questionava que lugares os estudantes frequentavam em momentos de lazer e 30% marcaram a "Praça dos Mestres".

Gráfico 5 – Resultados da afirmativa dez do questionário inicial

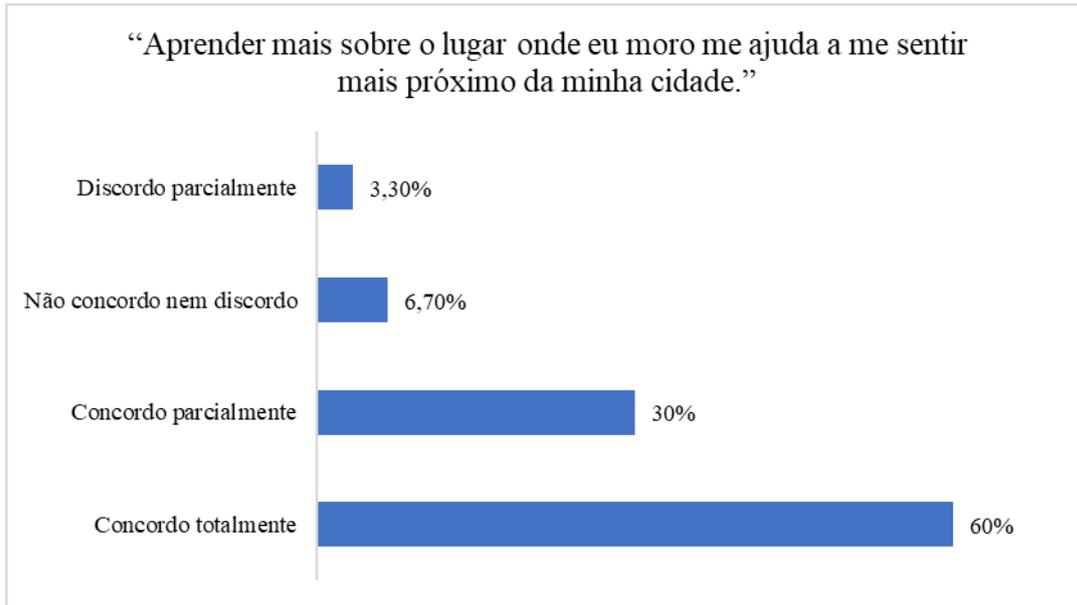


Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Ela mostra a importância das aulas de campo, tendo em vista que elas oportunizam que os estudantes ampliem seu escopo de conhecimento a respeito dos espaços tidos como patrimoniais da cidade. Além disso, fortalece a ideia de que a cidade pode ser um ambiente fértil para o aprendizado e reflexão sociológica.

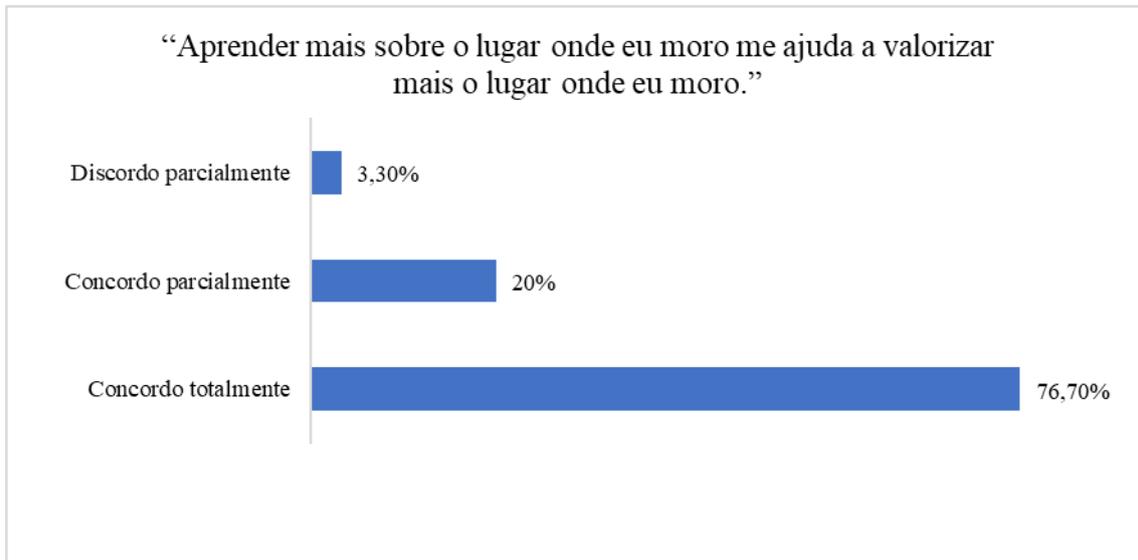
As afirmativas 11 (Gráfico 6) e 12 (Gráfico 7) versavam sobre o mesmo objetivo: saber a proximidade e o sentimento de pertença que os estudantes têm em relação a cidade que moram. Não à toa, suas respostas foram próximas:

Gráfico 6 – Resultados da afirmativa onze do questionário inicial



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Gráfico 7 – Resultado da afirmativa doze do questionário inicial



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A expectativa a partir dessas respostas corrobora com as levantadas nas afirmativas anteriores. Os alunos já conseguem identificar o fato de que é importante aprender sobre o lugar onde vivem para a proximidade e valorização dele. Percebendo isso, é possível planejar a partir do objetivo que eles compreendam, ao final da eletiva, que a Sociologia pode auxiliar no processo de proximidade e valorização dos espaços urbanos.

As afirmativas presentes nesse bloco fortalecem a proposta e os objetivos da eletiva Rolê Sociológico, uma vez que mostra que há uma indiferença dos(as) alunos(as) em relação

ao seu conhecimento a respeito da cidade e que estes consideram que saber sobre ela fortaleceria seu sentimento de pertença e de valorização para com Canindé. Além disso, aprender Sociologia com a cidade a partir das vivências dos(as) jovens estudantes na cidade pode ser um caminho que fortaleça esta disciplina na escola.

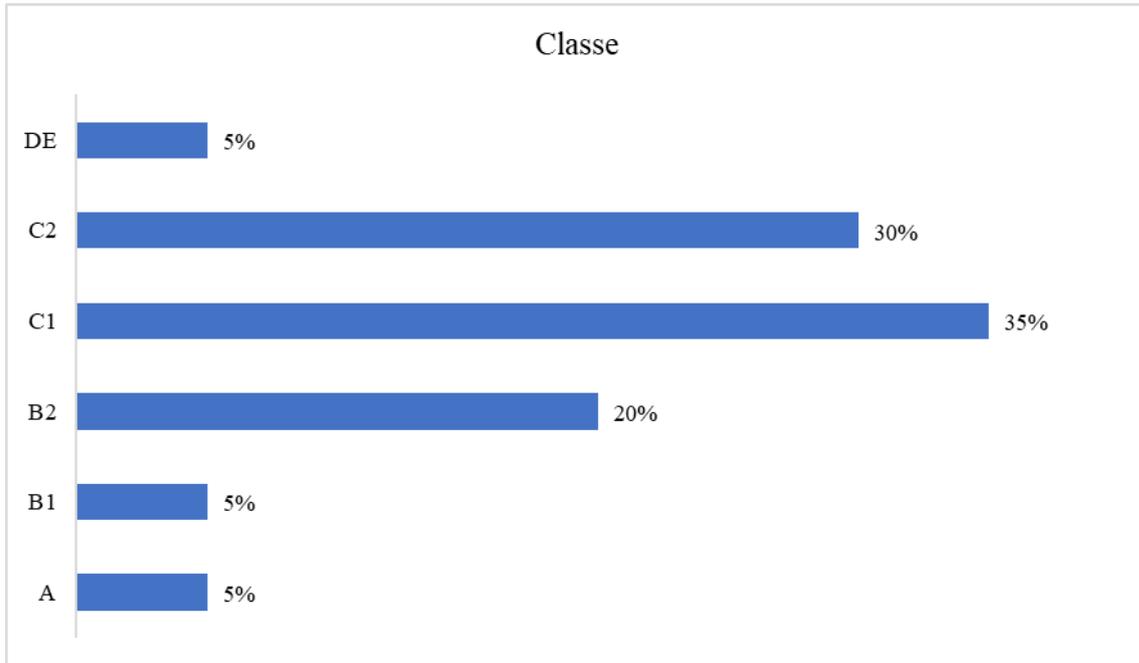
Por fim, vale frisar que aplicar o instrumental no início da Intervenção Pedagógica proporcionou uma aproximação maior com os(as) estudantes, sendo possível perceber suas percepções acerca do ensino de Sociologia e das eletivas. Junto a isso, a aplicação do instrumental possibilita uma análise crítica da intervenção e da própria prática pedagógica, qualificando-a. A partir da análise crítica, é possível exercitar o distanciamento e o estranhamento que fazem parte do trabalho de pesquisa.

3.3.2 Questionário Final

Na aplicação final do questionário responderam 20 jovens estudantes que estavam presentes no último dia de aula. Os resultados são o que segue abaixo. Com o intuito de mapear a classe econômica dos(as) estudantes, foram incluídas 4 perguntas do Critério Brasil 2021 que pediam para que os(as) respondentes indicassem quais e quantos bens sua família possuía; qual o grau de instrução do chefe da família; de onde era proveniente a água da casa e se sua rua era asfaltada ou não. A mudança em relação ao primeiro questionário se deu por ser mais fácil responder a estes critérios do que indicar a renda.

Utilizando a lógica orientada pelo Critério Brasil, a classificação econômica é feita baseado na posse de bens e não na renda da família. Assim, para cada bem possuído há uma determinada pontuação e cada classe é definida pela soma dessa pontuação. O critério define 6 classes (A, B1, B2, C1, C2 e DE) na qual A é a mais alta e DE é a mais baixa (Gráfico 8).

Gráfico 8 – Resultados da variável “classe” do questionário final



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Desse modo, o perfil dos(as) respondentes não se modificou, uma vez que se trata dos mesmos alunos, apenas a quantidade que foi menor. No questionário final foi encontrada uma maneira mais objetiva de mapear seu perfil econômico a partir da posse de bens. Dessa forma, a partir do resultado encontrado, pode-se concluir indicando que a maioria dos(as) estudantes da turma pertencem à classe C.

Com o intuito de enriquecer esse mapeamento, também foram incluídas perguntas a respeito da religião e escolaridade. Assim, 60% dos alunos são católicos, mas também existem alunos ateus ou agnósticos, evangélicos e umbandistas. Em relação à escolaridade, 55% dos(as) estudantes afirmam ter estudado a maior parte do ensino fundamental em escola pública, seguido de 45% que estudaram a maior parte do ensino fundamental em instituições privadas. Foi perguntado, também, se já haviam pensado em abandonar a escola, 55% dos(as) estudantes responderam que não e 45% responderam que sim.

Objetivando aumentar o escopo de análise a respeito da relação dos(as) estudantes com as Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral, bem como as Eletivas, foram adicionadas 6 perguntas a mais, se comparado a primeiro questionário. Elas forneceram uma ampliação da análise das limitações encontradas durante o percurso da eletiva. Por exemplo, ao serem questionados sobre como acreditam aprender mais, (em que poderiam ser marcados até três itens) 80% afirmam aprender mais assistindo aulas expositivas. Esse aspecto é

interessante de ser ressaltado na medida em que ocorre uma contradição: ao passo em que os(as) estudantes afirmam aprender mais assistindo aulas expositivas, foi observado que demonstravam apatia e cansaço nas aulas expositivas.

Ainda sobre como os estudantes acreditam aprender mais, outros aspectos mencionados foram aqueles trabalhados pelo Rolê Sociológico: trabalhos em grupo, trabalhando com a comunidade dentro e fora da escola, fazendo projetos práticos. Assim, esse resultado fortalece essa proposta pois auxilia na construção de metodologias didático-pedagógicas para as aulas da eletiva.

Considerando a implementação do Novo Ensino Médio, a pergunta quatro foi elaborada para refletir sobre este modelo curricular em que o(a) estudante escolhe uma área de conhecimento para aprofundamento. A hipótese aqui é a de que em se tratando de uma eletiva de Sociologia, a maioria escolheria a área de Ciências Humanas. Assim, tal hipótese foi confirmada, uma vez que 65% dos estudantes escolheriam a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Seguido de 15% que escolheriam a área de Ciências da Natureza; 10% que escolheriam a área de Matemática e 10% que escolheriam a área de Linguagens.

Com o intuito de entender a relação dos(as) alunos(as) com as eletivas, foram inseridas mais perguntas sobre elas. A pergunta cinco, por exemplo, questionava-os se estavam fazendo alguma eletiva “por obrigação” e 60% responderam não, seguido de 25% que escolheram “sim, por definição da escola” e 15% que marcaram “sim, porque não tinha mais vaga em outra eletiva da minha preferência”. Apesar da ideia sedutora de “escolha” e a flexibilidade curricular, as eletivas ainda encontram limitações quanto a sua oferta. Ainda há alunos que estão em eletivas por definição da escola ou por não haver mais vagas na eletiva de preferência.

O aspecto do aprofundamento de discussões aparece mais uma vez na pergunta seis, em relação ao que os(as) alunos(as) gostariam de fazer mais durante o tempo em que estão na escola pois 60% afirmam que gostariam de aprofundar conteúdos. Esse dado reforça que possivelmente haja uma diferença nas percepções dos alunos e dos professores em relação a “aula expositiva” e “aprofundamento de conteúdos” uma vez que na prática os(as) alunos não demonstravam tanto interesse em aulas teóricas e expositivas.

No questionário inicial, foi perguntado aos estudantes se eles consideravam haver diferenças entre as aulas das eletivas e as aulas da base comum e quais eram essas diferenças. No segundo, a pergunta foi transformada em uma só, no intuito de compreender se de fato os(as) estudantes identificavam essas diferenças. As respostas foram o que segue: 45% afirmavam que as eletivas possuíam discussões mais aprofundadas; 30% responderam que a

maior diferença era o fato de terem aulas de campo nas eletivas; 10% acreditam que a principal diferença está na presença de convidados e no contato com a comunidade e 5% acreditam que as eletivas trazem temas que não são discutidos na base comum.

Assim, considerando também as respostas da pergunta seis, “discussões mais aprofundadas” é um tópico visto como importante dentro da escola e das eletivas, ao menos para os que se propuseram participar do Rolê Sociológico. Além disso é possível perceber, em contraste ao questionário inicial, que aumentou o percentual de discussões mais aprofundadas e diminuiu um pouco das aulas de campo. É possível concluir que os alunos, ao fim, parecem compreender a importância das discussões teóricas.

Saber o perfil dos alunos, sua relação com a escola e com as eletivas é de suma importância para o desenvolvimento desta pesquisa, mas não somente para fins científicos. Ainda que o quantitativo de alunos que responderam este questionário seja ínfimo em comparação a quantidade de alunos matriculados, as respostas podem ser um ponto de partida para a instituição mapear o perfil dos(as) alunos bem como sua relação com a escola, melhorando assim o atendimento pedagógico a estes. Além disso, podem auxiliar docentes no planejamento e avaliação de sua(s) eletiva(s) e/ou demais práticas pedagógicas.

Compreender a relação dos(as) estudantes com a disciplina de Sociologia faz-se importante uma vez que esta intervenção pedagógica é essencialmente sociológica. Assim foram inseridos mais itens para compreender melhor como se dá a relação dos(as) alunos(as) com a disciplina de Sociologia objetivando ter opções variadas, desde mais satisfatórias em relação a disciplina até menos satisfatórias. Assim, os resultados são o que segue:

- 35% consideram que a Sociologia proporciona uma visão mais crítica do mundo;
- 25% que consideram a Sociologia como sua disciplina favorita;
- 25% consideram a Sociologia como uma forma de debater sobre assuntos que os interessam;
- 5% consideram que os conteúdos estão ligados à realidade atual;
- 5% consideram que a Sociologia é importante para o ENEM e vestibulares;
- 5% consideram a Sociologia como uma fonte de informação.

Tais respostas são importantes pois demonstram uma percepção positiva dos(as) estudantes a respeito do ensino de Sociologia na educação básica. Embora seja uma pequena parcela dos(as) jovens da referida escola respondendo a este questionário, ainda assim é uma porcentagem importante para o desenvolvimento desta pesquisa.

Objetivando compreender a relação dos(as) jovens com a cidade, o impacto da eletiva, bem como as percepções dos(as) estudantes a respeito dela, foram elaboradas dez perguntas. A pergunta 11, tinha como intuito saber o que fez com que os(as) alunos(as) escolhessem a referida eletiva. No primeiro questionário, não havia o item “por causa dos amigos que se inscreveram”, ele foi inserido devido ao fato de ter sido observado que no geral, as inscrições nas eletivas se dão fortemente por esse aspecto. O item “Por causa da Professora que ofertou a eletiva” foi utilizado desde o primeiro questionário por ser um comentário comumente dito pelos(as) estudantes em relação às eletivas. Assim, ainda em relação à pergunta 11, tem-se os seguintes resultados: 60% dos alunos consideram que o principal motivo para a participação no Rolê Sociológico é para aprender mais sobre Sociologia; seguido de 30% que consideram que participaram pelas aulas de campo e 10% que acreditam que se inscreveram por causa da professora que ofertou a eletiva.

A partir desses dados, reforça-se a percepção positiva que os estudantes têm a respeito da disciplina de Sociologia, uma vez que 60% se inscreveram por causa da disciplina. Além disso, os 30% que marcaram que o principal motivo de participação são as aulas de campo, abre espaço para reflexão sobre a importância de a escola e os(as) professores estarem (re)pensando práticas pedagógicas a partir, por exemplo, de metodologias ativas. A hipótese que se tinha de que alguns alunos haviam se inscrito na eletiva devido aos seus ciclos de amizade foi negada, uma vez que a opção “por causa dos amigos que se inscreveram” não foi marcada.

Formulada com o intuito de saber a opinião dos(as) inscritos em relação às temáticas discutidas no decorrer da eletiva, a pergunta 12 é sintomática e faz-se importante para a construção desta intervenção pedagógica. Dentre as temáticas mencionadas, 90% dos(as) estudantes acharam interessante as discussões sobre “Direito à Cidade” o que faz sentido uma vez que as reflexões sobre quem pode ocupar os espaços urbanos apareciam, em alguns momentos, tanto nas aulas em campo quanto em sala de aula.

Além de ter auxiliado na compreensão do impacto da eletiva no aprendizado, a pergunta 13 também ajuda na compreensão da relação do(a) aluno(a) com a cidade. Tal compreensão se dá uma vez que se observa que ainda há espaços que os(as) estudantes não conheciam. Assim, 60% marcaram “Praça dos Mestres” e 55% marcaram “Biblioteca Municipal Cruz Filho”. Não é novidade que esses resultados tenham aparecido, uma vez que ao visitarmos esses lugares era comum ouvir dos alunos comentários como “não sabia que poderia vir aqui”, “não conhecia essa praça”, “não sabia que aqui tinha tudo isso”. Desse modo, o Rolê

Sociológico possibilitou aos estudantes uma outra visão sobre os espaços urbanos de sua cidade, visão essa embasada na Sociologia.

Com o objetivo de captar a percepção dos(as) estudantes sobre a cidade, foi questionado aos estudantes que espaços eram mais representativos da cidade. Tal pergunta também auxilia na construção do plano final desta Eletiva, podendo perceber que espaços podem ser utilizados para discussão sociológica sobre a cidade. Isto posto, um dado que chamou atenção foi o relacionado a Estátua de São Francisco, em que 65% afirmam ser representativa da cidade. Esse dado é importante uma vez que a Estátua não foi um local visitado nas aulas de campo e, apesar disso, foi lembrado inúmeras vezes pelos(as) estudantes como sendo importante para o desenvolvimento da Eletiva.

Utilizando a mesma classificação de diferenciação que foi pensada na análise do questionário inicial, aqui podemos perceber que os espaços que mais representam a cidade de acordo com os(as) jovens estudantes da eletiva, são espaços patrimoniais religiosos seguidos de espaços de sociabilidade. Em relação ao primeiro questionário aplicado, não se encontram diferenças significativas.

Com o intuito de auxiliar na avaliação metodológica da eletiva Rolê Sociológico, foi perguntado aos estudantes sua opinião a respeito da eletiva, 55% dos estudantes consideraram a proposta interessante; 30% acreditam que ela é onde houve aprendizado de Sociologia e 15% acreditam que foi a escolha mais próxima de algo que os interessa. Em complemento a essa pergunta, também foi perguntado se os(as) estudantes recomendariam a eletiva a outros colegas, se acreditam que a proposta deveria ser utilizada nas aulas da base comum, se as aulas de campo e a presença da comunidade deveriam ser fomentadas e as respostas foram 100% positivas.

Inicialmente, é interessante pensar que os(as) estudantes observam que não é somente na sala de aula com o(a) professor(a) que se tem aprendizagem. Além disso, a importância de fortalecer a presença da comunidade dentro do espaço da escola, não para diminuir o conhecimento científico acumulado que se é estudado, mas para complementá-lo. Quando a comunidade vai à escola falar sobre a cidade, além de fazermos um percurso urbano também fazemos um “percurso biográfico” pois “[...] ao narrarem suas vidas, refletem sobre a história da cidade.” (PARENTE; SOARES; SILVA JÚNIOR, 2013, p. 152). Tal exercício auxilia no desenvolvimento do modo sociológico de pensar, uma vez que este implica também relacionar sua biografia com a sociedade mais ampla.

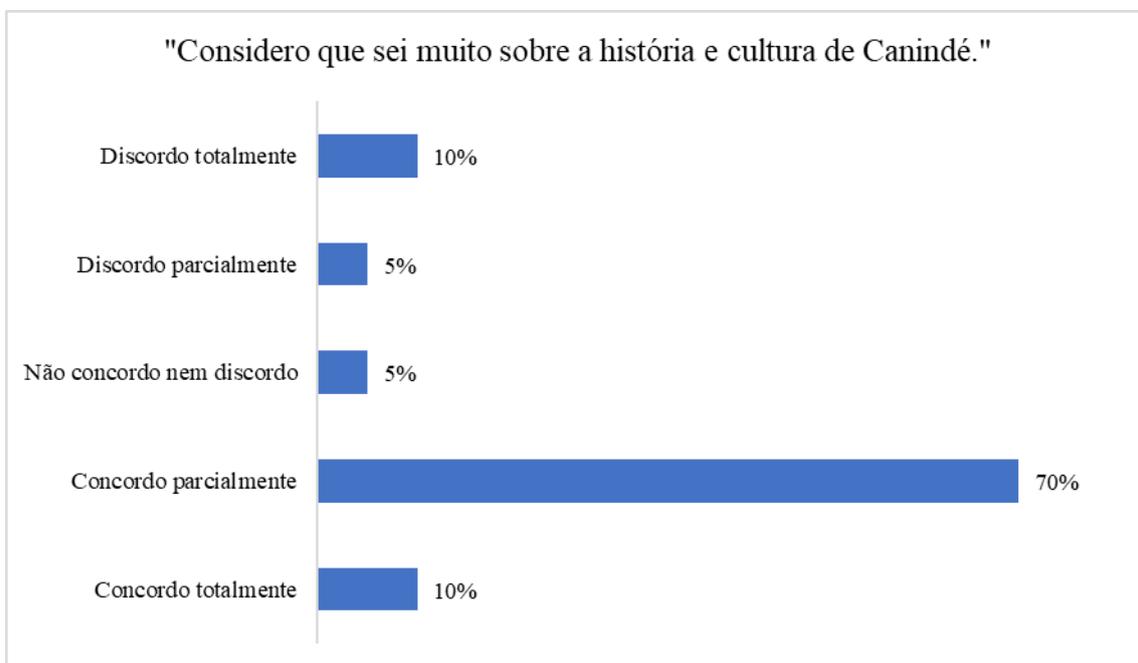
Os dados obtidos com as perguntas anteriores proporcionam ao docente uma espécie de “termômetro” pedagógico, pois fornece informações a respeito da percepção dos(as)

alunos(as) sobre as aulas que dificilmente seria possível conseguir a partir do diálogo em sala de aula.

As perguntas abaixo utilizam-se de respostas baseadas na Escala Likert. Considerando ainda o objetivo desse bloco de perguntas, utilizar esta escala possibilita um maior refinamento das respostas obtidas. Tais perguntas foram aplicadas inicialmente no primeiro questionário, não sendo feitas alterações. Fazendo uma comparação geral com o primeiro questionário, por exemplo, tem-se respostas mais satisfatórias no segundo.

Ao serem questionados se conheciam muito sobre a história e cultura da cidade de Canindé (Gráfico 9), observa-se que os alunos se mostram mais seguros em relação ao seu conhecimento sobre a história e cultura da cidade de Canindé. No início observava-se que havia uma indiferença maior por parte dos(as) respondentes em relação ao seu conhecimento sobre a cidade, algo que mudou nas respostas do segundo questionário. Assim sendo, podemos concluir que o Rolê Sociológico impactou diretamente no processo em que os alunos se sentem seguros em relação ao seu conhecimento sobre a cidade.

Gráfico 9 – Resultados da afirmativa dezesseis do questionário final

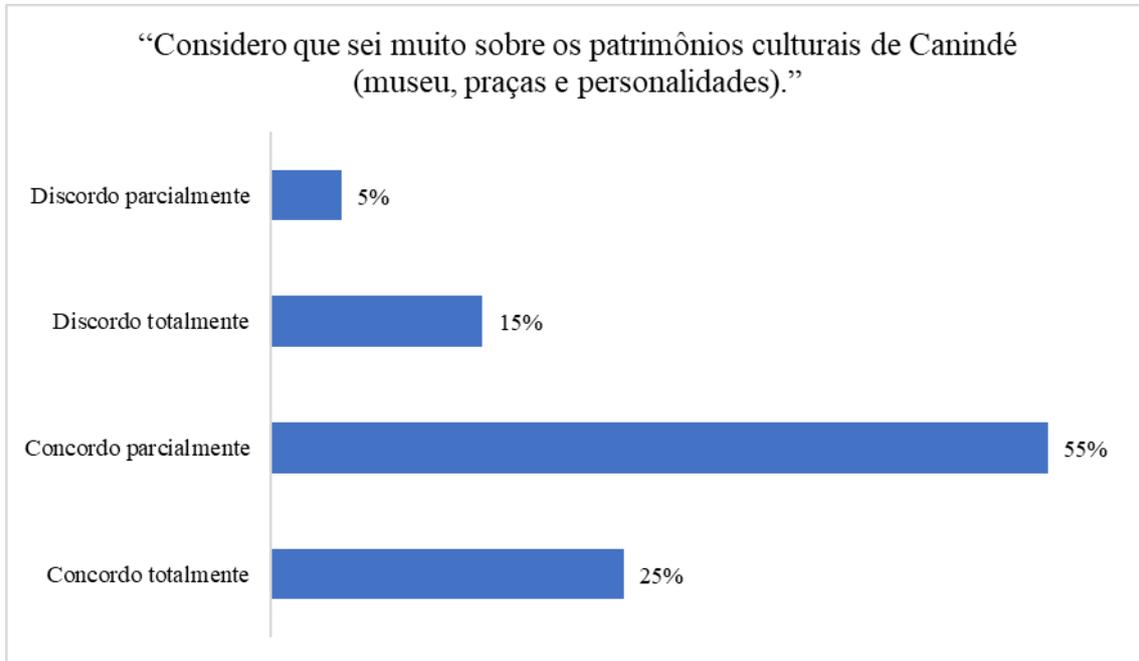


Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Quando se trata de saber a respeito dos patrimônios culturais de Canindé (Gráfico 10), as respostas mudaram em comparação ao questionário inicial. O número de estudantes que concordam aumentou e ninguém marcou “não concordo, nem discordo”. Estas respostas contribuíram para a reflexão crítica da prática pedagógica e construção de um planejamento

final da eletiva. Mostraram o impacto positivo que o Rolê Sociológico teve para os(as) estudantes.

Gráfico 10 – Resultados da afirmativa dezessete do questionário final

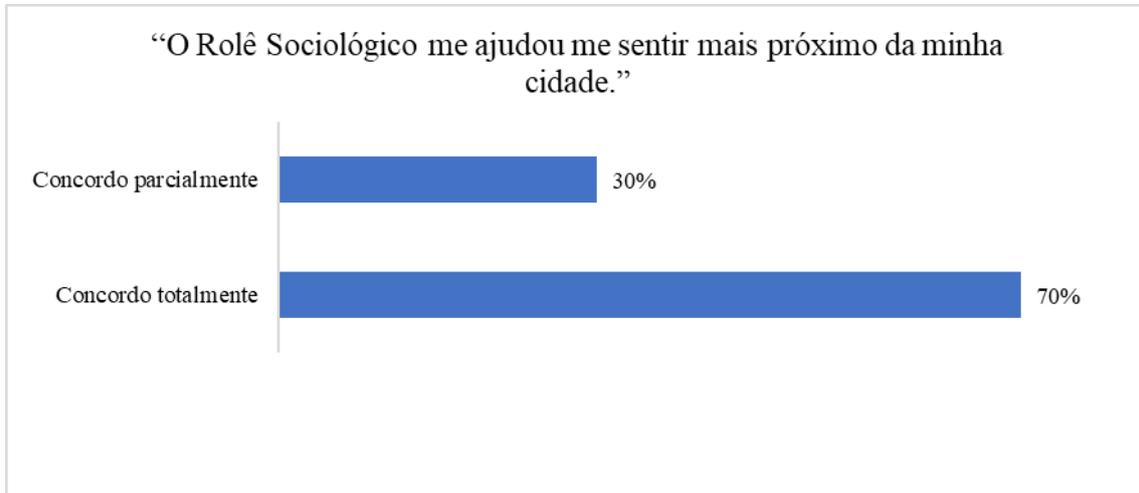


Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Em relação as perguntas 16 e 17 comentadas acima nota-se que há, ainda que mínima, uma quantidade de alunos que marcaram “discordo totalmente/parcialmente”. Acredita-se que essa presença se dá pela quantidade de aulas (se comparado ao planejamento inicial) e pela distância entre a maioria delas. Tais fatos foram limitações presentes nesta Intervenção Pedagógica e que foram possíveis de serem observadas nos questionários.

As questões 18 (Gráfico 11) e 19 (Gráfico 12) tem como objetivo mensurar a relação do(a) jovem com sua cidade, especificamente nos quesitos sentimento de pertença/proximidade e valorização.

Gráfico 11 – Resultados da afirmativa dezoito do questionário final



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Gráfico 12 – Resultados da afirmativa dezenove do questionário final



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Assim, é possível concluir que a eletiva propiciou uma relação aprofundada entre jovem e cidade. É perceptível que os(as) estudantes estão munidos de instrumentos que os auxiliem a observar a realidade social de forma objetiva, conforme Fernandes (1955) partindo do estranhamento e da desnaturalização. Além disso, é possível ressaltar as mudanças provocadas com a Intervenção, se comparadas ao questionário inicial. Esses dados possibilitam identificar que foi construído um olhar em relação, olhar esse que só é possível a partir do desenvolvimento do modo sociológico de pensar. Desse modo, os dados confirmam o impacto positivo da Intervenção Pedagógica nos(as) estudantes.

CAPÍTULO 4 – ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

A reflexão sobre a prática pedagógica é uma atividade imprescindível ao(à) docente. Tal ação é desafiadora dentro de um contexto de trabalho de 40h semanais, passando em todas as turmas de ensino médio de uma escola. Além disso, refletir sobre o que foi planejado e o que de fato foi executado faz parte da análise crítica sobre a prática docente, algo intrínseco a esta pesquisa, uma vez que se trata da execução e análise de uma intervenção pedagógica. Dessa forma, não há como não pensar sobre os desafios e as frustrações de uma professora-pesquisadora que atua na educação básica que pretende executar uma intervenção pedagógica fora da sala de aula. Além de pensar pedagogicamente sobre o que eu estava fazendo, precisava levar essa reflexão a um nível mais profundo de análise científica.

Na primeira realização do Rolê Sociológico, em 2019, as limitações encontradas estavam relacionadas ao tempo de aula da disciplina de Sociologia, bem como a própria falta de legitimidade da disciplina dentro da escola. O tempo gasto para explicar o que é Sociologia e para que ela serve não somente para os estudantes como também para toda a comunidade escolar era maior. Dessa forma, um limite a ser encontrado pelo docente que se propor a executar o seu Rolê Sociológico, pode ser justamente esse: como convencer a escola de que este plano semestral é relevante, visto que nem sempre a própria disciplina é legitimada e detentora dos mesmos prestígios que outras disciplinas presentes no currículo (como Língua Portuguesa e Matemática, por exemplo)?

Ao longo da realização deste trabalho, na tentativa de me afastar e me aproximar daquilo que era meu “objeto de estudo”, no qual eu também era protagonista e estava completamente envolvida, criei um grupo na rede social “WhatsApp” que era formado apenas por mim. A verdade é que fazer isso foi desafiador e por vezes exaustivo. Como bem lembra Dubet em entrevista concedida à Peralva e Sposito (1997), é difícil observar e dar aula ao mesmo tempo. Contudo, ansiando por uma maior compreensão daquilo que eu buscava compreender, todas as quartas-feiras, após a aula, eu gravava em forma de áudio minhas percepções e reflexões sobre aquele dia. Esta experiência me remonta a tese de Lima (2018), que ao analisar também sua própria prática pedagógica, expõe seus desafios ao dizer que

[a]notar o que observava, descrever o dia-a-dia de trabalho passou a ser uma prática muito mais autocrítica. Isto é, o trabalho de registro de campo implicava lidar com si mesmo e com os alunos em um nível de envolvimento um tanto mais intenso e severamente mais desgastante. [...] (LIMA, 2018, p. 97).

Apesar de desgastante, os registros após cada aula foram importantes sobretudo ao fim da intervenção. Com eles, consegui refletir sobre a especificidade da turma e como isso mudou uma parte do rumo que o Rolê Sociológico tinha no começo. Além disso, os registros auxiliaram a pensar sobre a importância de um planejamento ser contínuo e flexível, considerando a sala de aula como um espaço interativo e imprevisível, como bem nos lembra Passos (2015).

As aulas em campo sempre eram empolgantes para os(as) jovens estudantes, pois saíam da escola e das quatro paredes que formam o chão da sala de aula. O Rolê Sociológico parece, por fora, apenas uma “aula diferente” ou uma “eletiva que a gente sai da escola”, mas não é somente isso. O Rolê Sociológico tem como proposta um processo de ensino e aprendizagem que acontece para além do ambiente institucional da sala de aula, que é transgressor, ultrapassando os muros da escola e que permite o desenvolvimento de uma reflexão que questione o senso comum em relação ao urbano. Essa proposição converge com a reflexão desenvolvida por Tochetto (2015) ao refletir sobre o objetivo da Sociologia no Ensino Médio e o desenvolvimento do pensar sociológico:

A valorização do papel do pensar sociológico em sala de aula deve ultrapassar a realidade próxima dos alunos. A relação entre suas vidas e as condições históricas dificilmente são reconhecidas. A consciência da realidade é produzida pelas vivências, a leitura gerada a partir dessas inter-relações deve produzir um tipo de raciocínio que tencione o senso comum. [...] (TOCHETO, 2015, p. 102)

Além disso, possibilita o aluno estar na cidade, observá-la, identificando as relações e interações sociais estabelecidas ali a partir da construção de uma reflexão sociológica, ou melhor dizendo, do desenvolvimento do seu próprio modo sociológico de pensar. Desse modo, o ensino de Sociologia além de ultrapassar os muros da escola, converge com o que Fernandes (1955) propôs, compreendendo a presença da Sociologia na educação básica como uma etapa que forma “[...] o espírito daqueles que os recebem.” (FERNANDES, 1955, p. 95).

Nesse sentido, as aulas em campo despertavam nos alunos um brilho no olhar e um desejo diferente. Contudo, as aulas “teóricas”, ou melhor, as aulas dentro da sala de aula, eram mais desafiadoras. Sentia um engajamento menor, havia um desânimo e cansaços institucionalizados, não importava o que eu propusesse.

Inicialmente, eu me frustrava com o baixo engajamento. Me perguntava o que eu poderia fazer de diferente para mudar esse cenário, pois não daria conta de que todas as aulas fossem em campo. Ao sair das aulas na escola, eu refletia: até que ponto era importante fazer o aprofundamento teórico? Era de interesse dos estudantes? Eles estavam engajados com as

discussões teóricas mais profundas? Eles compreendiam que as aulas de campo tinham ligação direta com as aulas em sala? Como professora, eu compreendia a importância das aulas teóricas principalmente na construção das atividades, mas refletia até que ponto conseguia fazer com que elas fossem produtivas. Tais reflexões foram significativas não só para o planejamento docente, mas também para a condução desta pesquisa.

Era uma pretensão, também, que os(as) alunos(as) confeccionassem e utilizassem instrumentos de coleta de dados (questionários, por exemplo) durante a eletiva. Além disso, a proposta também incluía a produção de fotografias da cidade para a construção de uma sala temática ao final da eletiva. No entanto, assim como a pesquisa, a sala de aula conta com seus imponderáveis. Razão pela qual é importante que o docente esteja atento às mudanças de fluxos que a turma necessita e clama, estando seu planejamento sempre passível a mudanças.

Dessa forma, o percurso necessitou passar por alterações e assim produzimos escritos mais próximos de um diário de campo em fase inicial e a construção de propostas de intervenção para os espaços urbanos de Canindé. Ao invés de uma sala temática, em grupos os alunos construíram propostas de intervenção para a cidade, que foi intitulada: *“Caminhos para a valorização dos espaços urbanos de Canindé”*. Apesar disso, na proposta final continuo indicando a realização de uma Sala Temática para apresentar o que foi produzido ao longo da eletiva.

A atividade da construção de propostas de intervenção para a cidade se constitui como um exercício de escrita crítica e problematizadora que estimula o desenvolvimento do “modo sociológico de pensar”, tendo surgido conforme foi-se construindo a mudança de rota nos objetivos da intervenção. A ideia era que os(as) alunos(as), a partir de suas vivências na cidade e aprendizados com ela, pudessem pensar em alternativas de valorização dos(as) espaços visitados e/ou estudados, convergindo assim com o que propõe Freire (2016) quando afirma que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, ou seja, que se deve discutir com os alunos a razão de ser dos seus saberes em relação ao ensino dos conteúdos (p. 31). Nesse sentido, tal ideia relaciona-se também com as de Fernandes (1955), uma vez que o autor afirma que o ensino de Sociologia poderia contribuir para a construção de uma sociedade democrática.

Quando se leva a ideia de que é possível aprender Sociologia “no meio da rua”, ultrapassando os muros da escola, problematiza e quebra o ideário de que só é possível haver aprendizagem significativa na escola. Desse modo, o Rolê Sociológico proporciona uma compreensão da sociedade em que vive, partindo da sua realidade social, entendendo que estas não são dadas, mas fruto de construções histórico-culturais. Assim, a atividade foi

positiva para a aprendizagem dos(as) alunos(as), de modo que foi inserida no plano semestral da eletiva como uma das formas de avaliação final.

Ao invés de trabalharmos diretamente com a aplicação de questionários, fortalecemos a observação e a reflexão crítica sobre a cidade. Sem desqualificar a importância da confecção e aplicação de questionários, apenas não foi possível de se utilizar essa estratégia com essa turma, para o intuito dessa eletiva. Chegar a essa conclusão me fez refletir sobre o objetivo deste trabalho que a princípio tinha como foco principal a utilização da confecção e aplicação de questionários e a cidade como cenário desta aplicação, ou seja, um ensino de Sociologia na cidade. Contudo, o desenvolvimento dessa intervenção pedagógica pela terceira vez mostrou que o Rolê Sociológico se trata de aprender Sociologia com a cidade, pois esta é um espaço fértil para a construção do modo sociológico de pensar. Compreendo, hoje, que a confecção e aplicação de questionários pode ser uma aliada a este objetivo, mas não a protagonista.

Outro ponto importante do planejamento era uma maior integração com a comunidade e com outras disciplinas, de forma multidisciplinar³⁴ a outras ciências que formam as Ciências Humanas: convidar a professora de Geografia para relatar como esta disciplina discute território, espaço e direito à cidade; a professora de História para falar de memória, dos museus e das romarias. Entender a cidade como um fenômeno que por si só mobiliza múltiplas ciências possibilita ao aluno ver outras concepções em complemento à sociológica, possibilitando assim um fortalecimento da identidade escolar da Sociologia, uma vez que se evidencia sua diferença em comparação com outras ciências. Tal estratégia foi próspera, principalmente considerando o desafio que era não ter aula de campo e permanecer na escola. Contudo, na prática, só foi possível articulação a tempo com a professora de Geografia.

Trazer a comunidade à escola e levar os(as) estudantes até a comunidade são ações importantes para a formação dos sujeitos jovens, pois valoriza os conhecimentos populares e promove uma integração entre os conhecimentos científicos, além de fortalecer a relação do jovem com a cidade. A partir do contato junto aos memorialistas e funcionários do município (da Praça dos Mestres, do Museu e da Biblioteca), a relação com a cidade se fortaleceu fazendo com que os estudantes olhassem a cidade que vivem com um olhar mais sensibilizado, atento e crítico.

³⁴ Aqui faz-se importante diferenciar interdisciplinaridade de multidisciplinaridade. Apesar de ambas terem como proximidade o fato de integrar diferentes saberes para gerar novos conhecimentos, elas possuem suas diferenças, não sendo sinônimos. De acordo com Pires (1998), na abordagem multidisciplinar os conteúdos são planejados de forma categorizada dentro de cada disciplina, ou seja, cada conteúdo é discutido a partir da sua própria ótica, sendo a integração entre as diferentes disciplinas mais baixa. A interdisciplinaridade, por sua vez, ocorre a partir de uma “[...] maior integração dos caminhos epistemológicos, da metodologia e da organização do ensino nas escolas.” (PIRES, 1998, p. 178).

Trabalhar com a presença da comunidade na escola converge com a experiência de Meucci e Favoretto (2016) propuseram, ou seja, possibilitar que os alunos “[...] se deparassem com histórias de vida diferentes ampliando assim seu repertório biográfico e seus valores, favorecendo uma perspectiva da ‘comunidade enriquecida’, onde coexistem diversas formas de viver, pensar e produzir” (p. 314). Assim, trabalhar com a comunidade auxilia a pensar, junto aos estudantes, como os diferentes atores vivenciam a cidade.

Por fim, a execução do planejamento possibilitou um aprofundamento do que entendo por “Pedagogia Engajada”, nos termos de bell hooks (2021). Ao final de todas as aulas e no último dia de aula coletei as percepções dos alunos sobre a eletiva, em um exercício de escuta pedagógica, considerando a importância do jovem na construção do processo de ensino e aprendizagem. Questionava-os o que mais tinha lhes chamado atenção e do que tinham sentido falta. Tal passo faz parte da lógica de uma pedagogia engajada, que promove uma educação democrática e valoriza o diálogo horizontal entre jovens e docente, uma vez que

[o] diálogo é o espaço central da pedagogia para o educador democrático. Conversar para compartilhar informações e trocar ideias é a prática que, tanto dentro quanto fora do ambiente acadêmico, afirma que o aprendizado pode ocorrer em durações variadas (podemos dividir e aprender muito em cinco minutos) e que o conhecimento pode ser compartilhado em diferentes registros de discurso. [...] (HOOKS, p. 93, 2021).

Refletir sobre o planejamento docente e sobre os desafios de um ensino além dos muros da escola além de proporcionar o entendimento da existência dos imponderáveis da vida docente, também permitiu a análise sobre os limites e as possibilidades do tempo e espaço das disciplinas eletivas.

O tempo com duas horas-aula semanais favorece uma maior integração: entre disciplinas de uma mesma área ou de áreas diferentes, pois tem mais tempo para execução de planejamentos interdisciplinares ou multidisciplinares, possibilitando uma expansão do conhecimento ao estudante; com a comunidade escolar, a partir da vinda de pessoas da própria comunidade, relacionando vários tipos de conhecimento e valorizando a cultura local; de alunos de diferentes turmas e séries. Além disso, a eletiva também fortalece o aprofundamento de conteúdos e discussões, uma vez que o tempo de aula é maior. Em contraste, tais aspectos não conseguiriam ser desenvolvidos com o tempo de uma hora aula da Sociologia no Ensino Médio.

Ao passo em que a escolha das eletivas pode representar uma autonomia estudantil, gerando uma circulação maior de estudantes, esta também mostra uma outra face, que não é positiva para a educação: uma flexibilização do processo de ensino e aprendizagem. Essa

flexibilização afeta o(a) docente e o(a) estudante, tornando-se uma limitação da eletiva. Para o(a) docente, prejudica não somente o planejamento, mas também causa frustração. O(a) professor(a) é cobrado por resultados, para que consiga “captar” a atenção dos(as) alunos(as) naquele espaço que tem a proposta de ser flexível, para que consiga sempre ter metodologias “diferentes”.

Para o(a) aluno(a), o sentido da aula é esvaziado, uma vez que este amiúde vê na eletiva uma atividade opcional, em que se pode fugir ou trocar de eletiva durante aquela semana. A “fuga” é prejudicial à aprendizagem pois não fortalece a constância do aluno nas aulas e nas discussões propostas. Em vários momentos presenciei alunos “fugindo” de suas eletivas, pois naquele dia a aula “não era do seu interesse”. Desse modo, a flexibilização pode ser percebida pelo aluno como algo que ele pode ou não fazer.

O trabalho do docente em uma eletiva exige um planejamento mais detalhado e aprofundado, uma vez que o estudante espera aulas diferentes da tradicional “expositiva dialogada” e o professor recebe alunos de todas as séries. Assim, a eletiva é o espaço em que o professor tem uma maior autonomia para sair do tradicional e “testar” outras possibilidades de metodologias. Ao mesmo tempo, também exige do estudante um engajamento maior, que este se veja como ativo no processo de ensino e aprendizagem. Mas, na prática, em muitos momentos os alunos demonstram-se enfadados, cansados e apáticos possivelmente por terem passado o dia inteiro assistindo aulas.

Fazer com que os estudantes observem criticamente a cidade em que moram, identifiquem suas problemáticas e as tragam para a sala de aula para que assim se possa mostrar como a Sociologia discute a cidade bem como suas características faz com que o conhecimento passe a fazer sentido. Fortalece o ensino de Sociologia e a aprendizagem, uma vez que se parte de uma maneira prática da vivência e da realidade do jovem estudante. Tochetto (2015) ressalta que o ensino de Sociologia deve ir além da “formação crítica” e partir das experiências e realidades dos jovens estudantes,

[...] O trabalho do professor deve focar o desenvolvimento de um olhar crítico a partir do conhecimento, experiências de vida, dos alunos. O desafio é perceber que as palavras já possuem um significado para cada aluno e a partir disso promover uma compreensão nova e científica.” (TOCHETO, 2015, p. 102)

Sair da escola e possibilitar ao estudante o entendimento de que existem outros espaços de aprendizado diz muito a respeito das fronteiras do ensino de Sociologia na educação básica. Em geral, as proposituras são ligadas a atividades desenvolvidas no âmbito da escola e da sala de aula. Nesse sentido, a cidade torna-se um espaço para o ensino e um espaço como fundamento pedagógico.

A partir de todas essas discussões, as experiências anteriores do Rolê Sociológico mostraram que apesar das limitações a proposta pode ser executada em qualquer escola por outros docentes. O(a) docente pode se deparar com uma realidade diferente da que aqui foi descrita e analisada, identificando outras limitações poderão ao longo do caminho, como por exemplo: a realidade de uma cidade e/ou bairro que tenha como característica a violência urbana. Dessa forma, como realizar um Rolê Sociológico que não coloque em risco a integridade dos participantes?

Uma outra limitação elencada é justamente o fato desta Intervenção Pedagógica exigir do docente uma preparação de materiais próprios, visto que as temáticas discutidas nesta proposta nem sempre se encontram nos materiais didáticos disponíveis nas escolas. Além disso, é necessário lembrar que o(a) professor(a) deve também realizar um levantamento bibliográfico das produções sociológicas sobre o bairro e/ou cidade em que tem interesse de executar o Rolê Sociológico. Com o intuito de minimizar essas limitações, proponho que essas atividades façam parte de um exercício que designei como Sociologia Local.

4.1 Sociologia Local: Um exercício de planejamento para o Rolê Sociológico

Durante o tempo de realização da intervenção, enquanto docente fui protagonista da ação pedagógica, estive em campo nos vários espaços da cidade e descobri coisas novas a respeito do local onde fui criada. Dessa forma, o(a) docente que quiser executar o Rolê Sociológico precisará se envolver no campo, entendendo-se como protagonista tanto quanto seus estudantes.

Planejar um Rolê Sociológico implica estar envolvido em um espaço e um tempo específico, cabendo a reflexão do que denomino de “Sociologia Local”. Ela é o primeiro passo do planejamento docente, é o momento em que o(a) professor(a) pensará quais são os fenômenos mais recorrentes do lugar onde se deseja fazer este tipo de Intervenção, é o momento em que se observa o que seus e suas estudantes dizem para a construção desse lugar, é o momento em que se observa criticamente a realidade em que está inserido(a), exercitando assim o seu próprio “modo sociológico de pensar”. A partir do momento em que o(a) docente começar a estranhar o local onde vive – ou o local onde pretende desenvolver o Rolê Sociológico – é que é possível iniciar um planejamento didático-pedagógico.

Entendendo a cidade como um espaço social vivo, palco de conflitos e interações de ordem política, social e cultural, cabe ao professor ou a professora que pretendem ministrar esta atividade observar o que é marcante na cidade em que vivem, que temáticas são discutidas com mais frequência nesse lugar. Por exemplo, a cidade de Canindé tem como

marca a romaria religiosa denominada “Festa de São Francisco”. O(a) professor(a) que for realizar o Rolê Sociológico em uma cidade (ou bairro) que as discussões mais frequentes sejam sobre violência urbana, por exemplo, poderá focar nisso. Para isso, terá como base a articulação de conhecimentos de Sociologia Urbana, de Pesquisa e Ensino de Sociologia na educação básica.

Os conhecimentos de Sociologia Urbana que são necessários à construção teórica desta reflexão iniciam-se com a definição de “cidade” e seu contexto histórico de surgimento. Além disso, perpassando pelas discussões propostas pelo sociólogo clássico Georg Simmel sobre as metrópoles e chegando a perspectivas contemporâneas como a do antropólogo brasileiro José Guilherme Cantor Magnani e do sociólogo francês Henri Lefebvre. Somado a esses autores, adiciona-se também discussões sociológicas ligadas à sociabilidade. Tais referenciais formam uma base teórica necessária à elaboração de uma Sociologia Local e, conseqüentemente, ao planejamento do Rolê Sociológico.

Além dos conhecimentos de Sociologia Urbana, o(a) docente pode utilizar a pesquisa como estratégia metodológica. Tal utilização pode se dar a partir do incentivo à escrita de diários de campo e/ou confecção e aplicação de instrumentais de pesquisa quantitativa, utilizados nas pesquisas de Ciências Sociais. Com relação aos benefícios da utilização da pesquisa para o ensino de Sociologia, Fraga (2020) pontua que

[a] realização de uma pesquisa nas aulas possibilita distinguir a Sociologia das demais disciplinas escolares, inclusive das outras Ciências Humanas, ajudando os estudantes a entenderem as especificidades, contribuições e sentidos práticos dela. Propicia também aos alunos vivenciarem um conjunto de pressupostos, métodos e procedimentos da ciência e perceberem, por experiência própria, a diferenciação entre senso comum e conhecimento científico. (FRAGA, 2020, p. 297)

Vale ressaltar que o(a) docente necessita também identificar as possíveis limitações que podem ser encontradas no percurso, como por exemplo: a falta de prestígio da Sociologia na sua escola e o apoio dos(as) demais docentes, funcionários, coordenação, direção escolar, Secretaria de Educação (SEDUC) e seus órgãos regionais. Além disso, refletir até que ponto os problemas vivenciados pela cidade e/ou bairro em que se pretende realizar a proposta podem interferir nas aulas de campo em relação à integridade física do(a) docente e dos(as) discentes, por exemplo. Como sugestões a essas limitações, o(a) docente pode planejar a proposta um semestre antes de ela efetivamente acontecer, apresentá-la a coordenação escolar, identificar docentes que possam ser parceiros e verificar a disponibilidade de transporte para o traslado nas aulas de campo.

Na tentativa de construir uma “Sociologia Local”, busquei estranhar todo o espaço urbano em que vivo, uma vez que este já estava completamente naturalizado em mim. Foi desafiador porque tinha de articular leituras de trabalhos sociológicos junto a carga de trabalho docente. Couberam os questionamentos: Como aprender Sociologia com a minha cidade? Como desenvolver o modo sociológico de pensar com os espaços urbanos da minha cidade? Quais espaços urbanos se destacam? Quais fenômenos sociais podem ser discutidos a partir destes espaços urbanos? O que os alunos já conhecem sobre a cidade? Quais eventos caracterizam a cidade? Quais espaços da cidade meus alunos frequentam? Quais espaços da cidade eu frequento?

A partir desses questionamentos e reflexões, pude buscar informações e pesquisar nos repositórios institucionais, por exemplo, produções acadêmicas sobre a cidade de Canindé. Nos momentos de lazer ou de andanças pela cidade, passei a ter um olhar mais atento. Visitei os locais que acreditava serem mais populares entre os moradores da cidade, conversei com as pessoas que estavam ali visitando ou trabalhando e procurei observar quais aspectos marcavam aqueles espaços. Observei o que meus alunos e minhas alunas conheciam sobre a cidade e conversei com eles.

Esse exercício não finda ao iniciar as aulas planejadas. Pelo contrário, ele é contínuo e quando o professor já estiver aplicando seu planejamento, deve considerar as proposituras dos seus estudantes, valorizando a presença de cada um na sala de aula e no processo de aprendizagem, reconhecendo

[...] que todos influenciam a dinâmica da sala de aula, que todos contribuem. Essas contribuições são recursos. Usadas de modo construtivo, elas promovem a capacidade de qualquer turma criar uma comunidade aberta de aprendizado. Muitas vezes, antes de o processo começar, é preciso desconstruir um pouco a noção tradicional de que o professor é o único responsável pela dinâmica da sala. [...] (HOOKS, 2017, p. 18)

Esse entendimento possibilita ao docente um fortalecimento de sua prática, pois auxilia a mostrar ao estudante o quão valiosa é sua presença na sala de aula e o quão é possível recalculer o percurso pedagógico a partir das percepções dos(as) estudantes sobre a propositura apresentada a eles. Mostrar-lhes e convencer-lhes que eles fazem parte do processo de construção da proposta, possibilita que eles efetivamente se envolvam durante todo o Rolê Sociológico, proporcionando uma educação dialógica, como diz Freire (2013), que seja pautada numa visão democrática do ensino, conforme nos relembra hooks (2021).

Assim, a partir do exercício de fazer a “Sociologia Local”³⁵, pude construir o plano de aula a que foi submetido a terceira – e última – versão do Rolê Sociológico. Entendo, porém, que quando essa proposta for aplicada a outras turmas também serão encontradas limitações, pois o perfil de cada estudante diverge entre si, tendo necessidades específicas. Esse entendimento deve ser presente no planejamento do docente que se propuser a execução do Rolê Sociológico. Afinal, a prática pedagógica por si só é recheada de imponderáveis, devendo o seu planejamento ser dinâmico e estar sempre suscetível a mudanças.

Por fim, é necessário que o(a) professor(a) compreenda o lugar que a Sociologia ocupa na educação básica, bem como sua situação atual com o Novo Ensino Médio e, conseqüentemente, na escola em que trabalha. Dessa forma, faz-se importante que o(a) docente pesquise como a Sociologia encontra-se dividida no currículo do seu estado e qual espaço é destinado a ela. Essa pesquisa é a base de todo o exercício de “Sociologia Local”, pois permite o fortalecimento da prática pedagógica do(a) docente bem como a consolidação da proposta na escola.

A “Sociologia Local” é um exercício pedagógico que pode ser utilizado também pelos docentes do ensino superior junto aos estudantes dos cursos de Licenciatura em Ciências Sociais nas suas disciplinas de oficina de ensino, estágios, práticas docentes. Junto à isso, também pode ser uma atividade pedagógica desenvolvida no âmbito da formação de professores a partir do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência e do Programa Residência Pedagógica (PRP). Vale ressaltar, também, que pode ser uma estratégia de exercício pedagógico utilizada nos cursos de Especialização e formação continuada de professores de Sociologia na educação básica. Tais proposituras de utilização podem contribuir para o fortalecimento do ensino de Sociologia na educação básica.

³⁵ Entender a necessidade de se fazer esses procedimentos foi construído possibilitado pelas reflexões a partir do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional. A primeira vez que o Rolê Sociológico foi realizado, tal noção não havia sido construída. Somente ao final, pode-se perceber a importância de uma reflexão prévia do(a) docente a respeito do lugar de execução do Rolê Sociológico.

CAPÍTULO 5 – APRENDENDO SOCIOLOGIA COM A CIDADE: UMA DISCIPLINA ELETIVA

Ensinar é um ato teatral. E é esse aspecto do nosso trabalho que proporciona espaço para as mudanças, a invenção e as alterações espontâneas que podem atuar como catalisadoras para evidenciar os aspectos únicos de cada turma. Para abraçar o aspecto teatral do ensino, temos de interagir com a “plateia”, de pensar na questão da reciprocidade. Os professores não são atores no sentido tradicional do termo, pois nosso trabalho não é um espetáculo. Por outro lado, esse trabalho deve ser um catalisador que conclame todos os presentes a se engajar cada vez mais, a se tornar partes ativas no aprendizado. (HOOKS, 2017, p. 21-22)

De acordo com Silva (2009) a didática para uma Pedagogia Histórico-Crítica na qual me baseei orienta uma metodologia de ensino de Sociologia para a construção desta intervenção pedagógica.

Esta pedagogia orienta uma metodologia de ensino de Sociologia e auxilia na reflexão para a construção de uma intervenção pedagógica. A proposta de intervenção foi construída nos moldes da Pedagogia Histórico-Crítica difundida por Dermeval Saviani (2021) e desenvolvida por João Luiz Gasparin (2020). Assim sendo, a execução desta proposta nas bases da Pedagogia Histórico-Crítica ocorre por compreender que

[o] processo pedagógico deve possibilitar aos educandos, através do processo de abstração, a compreensão da essência dos conteúdos a serem estudados, a fim de que sejam estabelecidas as ligações internas específicas desses conteúdos com a realidade global, com a totalidade da prática social e histórica. (GASPARIN, 2020, p. 06)

Desta forma, esta metodologia de ensino circunda no ensino de Sociologia por proporcionar aos jovens estudantes um entendimento dos “[...] conhecimentos em suas múltiplas faces dentro do todo social.” (GASPARIN, 2020, p. 02). Ainda de acordo com o autor, o planejamento está dividido em cinco passos: a Prática Social Inicial, a Problematização, a Instrumentalização, a Catarse e a Prática Social Final, que foram utilizados para nortear o planejamento e a metodologia de ensino do Rolê Sociológico.

O primeiro passo é denominado pelo autor como Prática Social Inicial: será refletido sobre o que professor e alunos já sabem, sendo “[...] uma primeira leitura da realidade, um contato inicial com o tema a ser estudado.” (GASPARIN, 2020, p. 13). Nesse momento, o(a) docente quer saber que conhecimentos seus estudantes trazem e, a partir disso, relacionar os conteúdos aos conceitos trazidos pelos alunos. Será dito que conteúdo será trabalhado, dialogando com os estudantes sobre suas vivências e experiências, contextualizando o conteúdo.

Os(as) jovens estudantes são estimulados a dizerem o que já sabem acerca do conteúdo e o professor, por sua vez, ouvirá e adotará procedimentos que instiguem os estudantes para a construção do conhecimento. Após esse momento, os(as) estudantes irão expor os aspectos que gostariam de saber sobre o conteúdo, desenvolvendo questionamentos. Por fim, a “Prática Social Inicial” caracteriza-se como um ponto de partida e de desenvolvimento da prática, uma vez que esta

[...] não é uma motivação que acontece no começo do estudo de uma unidade e que se esquece à medida em que os demais passos da aprendizagem vão se sucedendo. Consiste numa contextualização, num pano de fundo sobre o qual e em função do qual se trabalha um conteúdo. Por isso é retomada, regularmente, em cada uma das outras fases da metodologia. É uma presença constante. (GASPARIN, 2020, p. 28)

O segundo passo trata-se da Problematização que, grosso modo, é a vivência do conteúdo pelo estudante. É nesta fase que a prática social inicial é questionada, colocada na mesa. É o momento em que são separadas as questões levantadas na prática social e relacionadas com os objetivos de ensino e aprendizagem. Ao desenvolver mais questões, os estudantes são convidados a questionar o próprio conteúdo, identificando assim suas múltiplas dimensões.

É a partir dessa fase que os alunos passam a compreender por qual razão o conhecimento estudado é socialmente importante e conscientizam-se de que “[...] problematizar significa questionar a realidade, pôr em dúvida certezas, levantar questões acerca das evidências, interrogar o cotidiano, o empírico, o conteúdo escolar.” (GASPARIN, 2020, p. 44). Neste momento, identifica-se a principal importância da aproximação do conhecimento científico - neste caso, o sociológico - para com as juventudes presentes na educação básica. É na problematização que há o ápice da convergência do ensino de Sociologia à Pedagogia Histórico-Crítica, pois ela se relaciona com seus dois princípios epistemológicos: o estranhamento e a desnaturalização. As dimensões identificadas no conteúdo serão trabalhadas no desenvolvimento da disciplina eletiva.

O terceiro passo é a Instrumentalização, momento em que são desenvolvidas as ações didático-pedagógicas para a efetivação da aprendizagem. É nela que os jovens estudantes e os objetos de aprendizagem são postos em relação recíproca, uma vez que os conceitos científicos se estruturam e passam a ter um “sentido” para os estudantes. Portanto, é neste caminho que “[...] o conteúdo sistematizado é posto à disposição dos alunos para que o assimilem e o recriem e, ao incorporá-lo, transformem-no em instrumento de construção pessoal e profissional.” (GASPARIN, 2020, p. 51). É nesse passo que se dá, efetivamente, o

processo de ensino e aprendizagem. O docente atua como um mediador que mobiliza, por meio das ações pedagógicas e dos recursos (humanos e materiais), o processo mental para que o jovem estudante se aproprie do conhecimento científico em duas diferentes dimensões (conceitual, científica, social, psicológico-afetiva, cultural, política, econômica e religiosa).

O quarto passo é a *Catarse*, que é o momento em que o jovem estudante mostra a sua conexão entre conhecimento científico e cotidiano prático, em que manifesta o conteúdo adquirido, é “[...] o momento em que ele estrutura, em nova forma, seu pensamento sobre as questões que conduziram seu processo de aprendizagem.” (GASPARIN, 2020, p. 124). É, portanto, quando mostra o quanto se incorporou tanto dos conteúdos quanto dos métodos utilizados nas fases anteriores, sendo uma mudança de postura mental, diferente da que se tinha na *Prática Social Inicial*.

É na *Catarse* que o jovem estudante entrará no processo de desnaturalização do mundo, percebendo que as relações sociais não são simplesmente naturais, criações divinas, mas fruto de um processo de construção histórica e social. Nesse momento, os conteúdos passam a fazer sentido, pois é na *Catarse* que o jovem estudante

[p]ercebe, então, que não aprendeu apenas um conteúdo, mas algo que tem significado e utilidade para sua vida, algo que lhe exige o compromisso de atuar na transformação social. O conteúdo tem agora para ele uma significação: constitui um novo instrumento de trabalho, de luta, de construção da realidade pessoal e social. (GASPARIN, 2020, p. 126)

O quinto passo é a *Prática Social Final*, que consiste em um retorno à prática social, mas com uma nova postura, incorporada pelos elementos da aprendizagem durante o processo da *Problematização à Catarse*. A *Prática Social Final* é o momento da ação, em que é possibilitado ao estudante um agir mais emancipador e autônomo. Essa fase extrapola os muros da escola, tornando-se um fazer prático-teórico nos diversos espaços da vida social, com um olhar de transformação social (GASPARIN, 2020).

Portanto, a *Prática Social Final* diferencia-se da *Catarse* porque enquanto esta última trata-se de uma nova atitude teórica, a primeira pressupõe uma nova postura prática. Faz com que professor e aluno se questionem: como pôr em prática a nova atitude teórico-mental que foi adquirida? E, numa relação dialógica, professor e aluno construam um plano de ação, que contenham ações de médio à curto prazo e que possam ser exequíveis.

A pedagogia histórico-crítica é bem explícita no que tange ao processo de aprendizagem para transformação social, de entender que o conhecimento não é neutro e de utilizá-lo de forma prática. Dessa forma, a proposta pedagógica de Gasparin (2020) contribui para o desenvolvimento do modo sociológico de pensar, pois auxilia o educando a ver na

Sociologia uma ferramenta para compreensão científica do mundo e das relações sociais nas quais está inserido.

É importante enfatizar que na parte três, intitulada “Instrumentalização” encontra-se a sequência didática, ou seja, o planejamento pormenorizado do que pode ser realizado em cada encontro com os(as) jovens estudantes. A eletiva possui uma carga horária de 40h, sendo semestral e contando com 2h/aulas por semana. Assim, foram planejados 20 encontros. Considerando a realidade da cidade em questão e suas características específicas, as aulas são divididas por Unidades na qual cada unidade trata de uma temática sociológica intrínseca à cidade de Canindé.

A Unidade I é denominada “Introdução à Sociologia Urbana”. Nela será discutido sobre o que é cidade, como se deu o surgimento das cidades e o desenvolvimento da área da Sociologia que se propõe a estudá-la como fenômeno social. Somado a essa discussão, as contribuições dos autores clássicos e contemporâneos da Sociologia Urbana, tais como: Georg Simmel, José Guilherme Cantor Magnani, Louis Wirth e Manuel Castells. Além da produção sobre praças, sociabilidade e juventudes, construída por sociólogos cearenses contemporâneos.

A Unidade II é denominada “Cidade e Cultura” e tem como objetivo discutir aspectos da Sociologia Urbana ligados à cultura. No caso da cidade de Canindé, as discussões serão voltadas para cultura, patrimônio cultural e memória, abrangendo o Museu Regional São Francisco, a Biblioteca Municipal Cruz Filho, Praça dos Mestres e a visita dos Mestres da Cultura e Memorialistas da cidade.

A Unidade III é denominada “Cidade, trabalho e religiosidade” e tem como objetivo as discussões em torno da Sociologia Urbana, religião e trabalho, aspectos marcantes da cidade de Canindé. Nela falaremos sobre os usos da cidade a partir da religiosidade e os significados adquiridos pelo trabalho nos diferentes espaços urbanos durante a Festa de São Francisco.

Temática: Rolê Sociológico: Aprendendo Sociologia com a cidade.

Turma(s): 1^a, 2^a e 3^a séries do Ensino Médio

1. Prática Social Inicial

1.1 Objetivos

Esta disciplina eletiva tem como objetivo o desenvolvimento do “modo sociológico de pensar” a partir do entendimento da cidade como um espaço fértil para o aprendizado. Assim,

a partir das discussões, visa desenvolver uma reflexão sobre o que a cidade, suas dinâmicas, vivências, formas de organização e de ocupação são capazes de ensinar a partir do entendimento de que ela é muito mais do que sua materialidade (prédios e casas), que nela há conflitos sociais, manifestações culturais, políticas, religiosas, violência e segregação.

1.2 Listagem de Conteúdos

- O conceito sociológico de cidade;
- As discussões da Sociologia Urbana sobre a cidade: perspectivas de Georg Simmel e José Guilherme Cantor Magnani;
- Usos e sociabilidades nos espaços públicos: praças, lazer e juventude.
- Gênero, classe e raça: mobilidade urbana e direito à cidade.
- Patrimônios da cidade: Museus e bibliotecas.
- Mestres da Cultura e Memorialistas.
- Cidade e Religiosidade: A romaria, a festa, romeiros, ex-votos e turismo religioso.
- Trabalho, Religião e Cidade: o sentido do trabalho na romaria.

1.3 Vivência do cotidiano do conteúdo

a. O que os estudantes já sabem?

- Suas próprias representações e vivências sobre o espaço da cidade: nas praças, na escola, nas ruas e bairros.
- Suas percepções acerca das manifestações sociais existentes na cidade, especificamente a Festa de São Francisco e as mudanças (que ocorrem ao longo do tempo e especificamente para a Festa) provocadas na cidade em decorrência de tal evento.
- A percepção da cidade ligada à segregação socioespacial e aos estigmas relacionados a determinados espaços e bairros.
- A principal memória sobre Canindé está ligada ao que marca a identidade da cidade: a romaria e a Festa de São Francisco.
- A importância de espaços como o Museu Regional São Francisco e a Biblioteca Municipal Cruz Filho para a cultura local.
- Suas percepções acerca da presença de pessoas da comunidade (como a Mestra da Cultura e os Memorialistas) para a construção do conhecimento sobre a cidade.

b. O que os estudantes gostariam de saber a mais?

- Como é possível aprender Sociologia com a cidade, na cidade.
- A forma como determinados bairros são estereotipados e estigmatizados.
- A forma como mulheres, pessoas negras e LGBTQIA+ vivenciam a cidade.
- Como a cidade se configura e a segregação socioespacial.
- A importância dos mestres da cultura para a cidade.
- A importância dos patrimônios culturais para a cultura local.
- A forma como são construídas as relações de trabalho durante a Festa de São Francisco.
- A forma como as relações sociais e ocupações dos espaços urbanos são perpassadas por poder.
- Os sentidos e significados da Festa de São Francisco para os vendedores ambulantes.
- Os sentidos e os significados do ex-voto para o(a)romeiro(a).

2. Problematização

2.1 Discussão sobre os conteúdos

O que é cidade? Do que é formada a cidade de Canindé? Como é possível pensar a cidade através da Sociologia? Como utilizar a Sociologia para pensar a cidade com a cidade? Por qual razão existem conflitos nas cidades? De que maneira manifestações religiosas modificam a dinâmica da cidade e dos cidadãos? Como a Sociologia pode auxiliar na compreensão da cidade enquanto espaço social perpassado por conflitos? Como podemos compreender, sob o prisma sociológico, as relações de poder situadas nos espaços da cidade? Qual a relação entre cidade e patrimônio? Os cidadãos vivenciam a cidade da mesma maneira? Como é viver em uma cidade que tem a religiosidade como aspecto forte? O que é uma festa religiosa? O que é um ex-voto? Qual a relação entre trabalho, cidade e romaria?

2.2 Dimensões do conteúdo

- **Conceitual/Científica/Sociológica** - O significado conceitual dos termos trabalhados ao longo das aulas: cidade, conflito, patrimônio, cultura, trabalho, religiosidade e lazer.
- **Conceitual/Científica/Histórica e Geográfica** – O significado conceitual de museu do ponto de vista histórico; História e formação de Canindé; Território e espaços urbanos do ponto de vista da Geografia; Direito à cidade; Filosofia da Religião.

- **Social** - A importância de se discutir sobre a cidade sob o ponto de vista sociológico; A observação crítica da cidade e suas problemáticas; A importância dos espaços de sociabilidade para a cidade; os romeiros e a simbologia dada aos ex-votos;
- **Psicológico-afetivo** - O sentimento de pertencimento à comunidade e à cidade.
- **Cultural** - O fortalecimento dos espaços da cidade; Locais de Patrimônio; Bens culturais na cidade; Identidade Cultural de Canindé; Mestres da cultura e cultura popular.
- **Política** - Políticas Públicas para o espaço urbano; Políticas Públicas de subsídio ao vendedor ambulante; Infraestrutura da cidade para recepção de romeiros e turistas; políticas de revitalização para as praças; políticas públicas para o incentivo ao lazer e de valorização da juventude.
- **Econômico** - Fortalecimento econômico da cidade a partir das manifestações religiosas;
- **Religiosa** - Impacto das romarias na vida da cidade e dos cidadãos; Relação dos romeiros e turistas com a cidade. Manifestações religiosas relacionadas a São Francisco e outras formas de manifestação religiosa.

3. Instrumentalização

3.1 Ações Didático Pedagógicas

3.1.1 Unidade I – Introdução à Sociologia Urbana

1º Encontro (100 minutos)

Em um primeiro momento, será apresentada a proposta de Rolê Sociológico aos jovens alunos e em seguida será questionado quais são as suas representações e vivências sobre a cidade. Qual é a primeira palavra que vem à mente quando se fala em “cidade”, anotando as respostas no quadro ou utilizando o site “mentimeter” de modo a formar uma nuvem de palavras. A partir das respostas, questionará aos(as) jovens se eles/elas acham que é possível aprender sobre a cidade ao observar sua materialidade, rituais e pessoas que formam sua paisagem? Ou seja, fora da escola e da casa, quais são os lugares andando pela cidade em que você aprende sobre a cidade? Em um segundo momento, perguntará o que mais eles gostariam de aprender sobre a cidade e mostraria como a Sociologia poderia auxiliar nesse processo. Por fim, questionará aos jovens estudantes quais são suas expectativas de aprendizagem na eletiva.

Através de uma aula expositiva dialogada e a partir das discussões já iniciadas, o(a) docente apresentará com o auxílio dos Textos Didáticos 1 e 2 aos jovens estudantes como foi

construída ao longo do tempo a ideia de cidade, a partir dos estudos de Sociologia Urbana e da percepção do sociólogo clássico Georg Simmel. Em seguida, instigará aos estudantes que em duplas construam mapas mentais relacionando a teoria desenvolvida pelo sociólogo clássico Georg Simmel com suas vivências na cidade.

O que é cidade?

Francisca Marcia Gabrielle Alves Freitas

As cidades nascem de transformações que mudaram as estruturas sociais, econômicas e políticas das sociedades. O crescimento da urbanização e o advento da Revolução Francesa contribuíram para transformações que deram início a novos modos de vida e conflitos, tendo a cidade como palco. As cidades industriais do século XIX eram cheias de pessoas que se relacionavam considerando a dinâmica dos centros urbanos, sobretudo em relação ao trabalho. Portanto, a cidade contemporânea – enquanto metrópole – é um fenômeno novo.

Louis Wirth (1897-1952), sociólogo alemão e importante pesquisador da cidade, define ela como sendo “[...] um núcleo relativamente grande, denso e permanente, de indivíduos socialmente heterogêneos.” Contudo, vale ressaltar que cidade não se trata apenas de um conjunto de prédios, casas e lugares, mas que também abrigam conflitos, relações de trabalho, religiosas, econômicas e culturais. Dessa forma, uma cidade pode ser definida como um território humano onde se praticam atividades políticas, religiosas, educacionais e culturais.

O surgimento das cidades está diretamente ligado ao surgimento e desenvolvimento da Sociologia enquanto ciência. Assim, temos uma área específica da Sociologia que se propõe a compreensão das dinâmicas e relações sociais estabelecidas na cidade, entendendo-a como resultado dessas relações sociais.

Vamos refletir: Para você, o que é cidade? Como você definiria cidade? Qual a primeira palavra que vem na sua mente ao pensar na sua cidade? Quais são suas experiências positivas e negativas com a cidade?

A cidade e a Sociologia: o olhar de Georg Simmel (1858-1918)

Francisca Marcia Gabrielle Alves Freitas

Como vimos anteriormente, a Sociologia nasce junto com as cidades e, conseqüentemente, ao surgimento do capitalismo. Assim, contribuindo com o desenvolvimento da Sociologia, temos o primeiro sociólogo a pensar sobre as relações sociais urbanas: o alemão Georg Simmel. Para Simmel, a sociedade é fruto das interações

estabelecidas entre os indivíduos. Considerando que viveu na Europa do século XIX, o autor vivenciou o desenvolvimento das grandes cidades, percebendo seu crescimento territorial e identificando que nela se estabeleciam relações com interações cada vez mais complexas.

O autor fez reflexões importantes sobre o comportamento da humanidade frente ao contexto de transição da vida rural para a vida urbana. Assim, preocupava-se com os impactos que a urbanização tinha nos indivíduos, de que maneira essa urbanização mudaria suas posturas e comportamentos, ou seja, como a cidade poderia “moldar” a vida mental de seus habitantes.

Para ele, a vida na cidade com sua enorme quantidade de estímulos bombardeia os indivíduos com inúmeras imagens, sensações e atividades. A vida urbana é pautada na pontualidade e na exatidão, na lógica do dinheiro e da racionalização, sendo mais intensa e conturbada. Assim, devido aos inúmeros estímulos, os indivíduos desenvolvem um distanciamento emocional entre si, tornando-se indiferentes, agindo mais com a “cabeça” do que com “coração”.

Tudo isso contribui para a produção do que o autor conceitua como “Atitude Blasé”, ou seja, uma atitude de proteção que o indivíduo vai desenvolvendo para reagir a esses estímulos, uma indiferença ao reagir frente à realidade social, fazendo com que suas relações sejam menos emocionais. Tal atitude se caracteriza como um estilo de vida próprio da metrópole em que o indivíduo se vê obrigado, de uma certa forma, a reagir de forma objetiva e distante dos demais indivíduos.

Vamos refletir: Você acredita que a atitude blasé, atualmente, é uma característica apenas das grandes cidades? Você acredita que essa “lógica mais racional” (e a consequente atitude blasé) já está presente na sua cidade?

O(a) professor(a) pode orientar aos estudantes que selecionem as principais ideias de Georg Simmel discutidas em sala e coloquem em uma folha sem pauta, com o nome do referido autor no centro e ramificações com suas principais ideias. Por fim, os(as) jovens estudantes serão incentivados a apresentarem suas produções à turma. O(a) docente deve incentivar à criatividade dos(as) alunos na produção dos materiais, recolher e guardá-los, pois estes serão utilizados para composição da Sala Temática ao final da eletiva.

2º Encontro (100 minutos)

Inicialmente, serão retomadas as discussões da aula anterior, introduzindo assim a discussão do dia. Em um primeiro momento, os(as) estudantes terão acesso à teoria contemporânea da Sociologia Urbana produzida pelo antropólogo paulista José Guilherme

Cantor Magnani. Na ocasião, serão apresentadas a partir do Texto Didático 3 as categorias que o autor utiliza para compreensão do fenômeno urbano: pedaço, trajeto, mancha e circuito.

A cidade e a Sociologia: o olhar de José Guilherme Cantor Magnani (1944-)

Francisca Marcia Gabrielle Alves Freitas

José Guilherme Cantor Magnani é um antropólogo brasileiro e professor da Universidade de São Paulo (USP), grande estudioso do fenômeno urbano nas Ciências Sociais, sendo uma referência nacional. Compreendia a cidade como um fenômeno que vai além da junção de prédios, casas e pessoas. Assim, seu objetivo era compreender as formas pelas quais os indivíduos transitam pela cidade, utilizam-se de seus serviços e equipamentos, combinam encontros e estabelecem relações ligadas a vários aspectos, como religião, trabalho, lazer, cultura e participação política. Para isso, o autor desenvolveu algumas categorias para refletir sobre o urbano: pedaço, mancha, trajeto e circuitos.

O *pedaço* é um espaço entre o espaço privado (entre a nossa casa e a rua, por exemplo) e o espaço público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, do que aquela feita em casa, mais densa, significativa e estável que as relações formais, os laços de vizinhança. Trata-se de um “ponto de referência” usado para diferenciar determinado grupo de indivíduos como pertencentes a um determinado grupo. Podemos dizer que um *pedaço* é formado por dois elementos básicos: o primeiro é um espaço físico (território), que no geral é composto por equipamentos específicos; o segundo é o elemento social, ou seja, a rede de relações que são estabelecidas naquele lugar. Assim, um *pedaço* é o local entre a rua e a casa, onde sempre se veem as mesmas pessoas. Um exemplo de *pedaço* são as praças presentes nos bairros.

As *manchas* são, basicamente, lugares que funcionam como ponto de referência para um número mais diversificado de frequentadores. Tem uma estrutura física maior, permitindo assim a circulação de indivíduos de vários lugares, sem precisar necessariamente da formação de laços mais duradouros. As *manchas* são formadas por equipamentos que marcam seus limites e tornam viáveis uma prática/atividade predominante, podendo ser ligadas à lazer (bares e restaurantes, cinemas e teatros etc), saúde (hospitais, laboratórios, farmácias etc), hotelaria/turismo (rua com uma variedade de hotéis, por exemplo), comercial/vendas, etc. Em cada uma dessas *manchas*, sabe-se que tipo de serviço e que tipo de pessoas vai encontrar, além de ser algo reconhecível e frequentável por um maior número de pessoas.

Toda a extensão e a diversidade presente nos espaços urbanos fazem com que os indivíduos tenham que se deslocar de um lugar para o outro. A esse deslocamento que é feito

chamamos de *trajetos*. Os *trajetos*, por sua vez, possuem duas definições: podem estar ligados a um deslocamento mais extenso, como o que você faz da sua casa para a escola e da escola para a sua casa; como também podem se referir a deslocamentos realizados dentro das *manchas*. Por exemplo, em uma *mancha* mais ligada à saúde (que tenha hospitais, farmácias, laboratórios e clínicas) o *trajeto* que se faz entre um equipamento e outro. Dentro das *manchas*, os *trajetos* são curtos, significando escolhas realizadas no interior daquela determinada mancha.

Para descrever o exercício de uma prática ou a oferta de um serviço dentro dos espaços urbanos a partir de estabelecimentos, equipamentos e lugares que não tem uma relação de proximidade espacial, mas que são reconhecidos conjuntamente pelos indivíduos, Magnani desenvolveu a categoria *circuito*. Assim, o *circuito* trata-se do uso do espaço urbano que possibilite encontros de indivíduos em vários pontos da cidade, sendo esses espaços distantes espacialmente entre si.

Assim, a família de categorias desenvolvidas pelo antropólogo Magnani nos ajuda a compreender como os indivíduos utilizam-se dos espaços urbanos, atribuindo determinados sentidos e significados a estes. Tais sentidos estão diretamente ligados a relações de sociabilidade expostas a partir da religião, do lazer, trabalho, cultura, política etc.

Com base no que foi exposto, identifique: a) seu pedaço; b) as manchas presentes na sua cidade e qual/quais você frequenta; c) qual o seu trajeto de casa para a escola e qual o seu trajeto no interior das manchas que você mais frequenta; d) que circuito(s) você e seus amigos costumam fazer na cidade? e) Qual o circuito religioso em Canindé?

Em seguida, conversaremos sobre as duas teorias sociológicas apresentadas e como podemos relacioná-las com as vivências tidas na cidade de Canindé. Para complementar, os(as) estudantes farão uma atividade de mapeamento dos espaços da cidade baseando-se nas discussões anteriores e nas categorias desenvolvidas por Magnani. A turma será dividida em 4 equipes (conforme as 4 categorias do referido autor) e buscarão utilizar as categorias estudadas como ferramentas para mapear os lugares que frequentam e os trajetos que fazem, formando um “mapa”.

Em um terceiro momento, iniciará a preparação para a aula seguinte que contará com a presença de um convidado: o(a) professor(a) de Geografia. Ele(a) será convidado(a) a discutir com os estudantes sobre território, espaço urbano e direito à cidade, embasado nos conceitos e categorias da Geografia. Os(as) estudantes, por sua vez, ficarão encarregados(as) de elaborar perguntas ao(à) convidado(a), mediando toda a conversa com o(a) docente convidado(a),

similar ao Programa Roda Viva³⁶. As perguntas e respostas deverão ser registradas em um caderno de campo.

3º Encontro (100 minutos)

Esta aula contará com a presença de um(a) convidado(a): o(a) professor(a) de Geografia. Como explicado no encontro anterior, a aula funcionará semelhante ao Programa Roda Viva. A sala será organizada em círculo, o(a) convidado(a) terá um tempo para explicar sua temática e, após a explanação, sentar-se-á no meio e os(as) alunos(as) ao seu redor. Com as perguntas em mãos, os(as) alunos(as) registrarão as respostas e as utilizarão para a produção de charges ou histórias em quadrinhos inspiradas nas respostas.

Aqui vale ressaltar a importância da interdisciplinaridade, na qual o(a) docente pode buscar o apoio de outros(as) docentes da área de Ciências Humanas (História, Geografia e Filosofia).

4º Encontro (100 minutos)

Esta aula ocorrerá em campo, na Praça Tomás Barbosa. Na visita à Praça, discutiremos sobre sociabilidade e a relação construída entre praça e cidadãos. Como atividade direcionada, sugere-se o que segue: Os(as) alunos(as) serão divididos em dois grupos em que um grupo fará observação crítica da praça a partir da leitura do texto didático perguntas norteadoras e o outro grupo será subdividido em duplas e serão responsáveis por entrevistar transeuntes, vendedores ambulantes, trabalhadores ou demais usuários do espaço.

Pensando as praças do ponto de vista sociológico

Francisca Marcia Gabrielle Alves Freitas

As praças são equipamentos que podemos denominar de espaços públicos, ou seja, locais de encontro no qual os indivíduos utilizam de forma diversa: do comércio ao lazer, criando e recriando vínculos. Elas estão presentes nas cidades tendo sido criadas objetivando o lazer dos habitantes da cidade, tendo como principal especificidade o fato de serem coletivas, incentivando o convívio dos indivíduos entre si, possibilitando a expressão de sociabilidades diversas, como relacionamentos amorosos, manifestações políticas e encontros de grupos.

A partir de um mapeamento das praças da sua cidade, responda: a) O que é uma praça? b) quantas praças tem na sua cidade? c) Quantas praças são antigas e quantas são novas? d) O

³⁶ Há 35 anos no ar, o Roda Viva é um dos mais tradicionais programas de entrevista da TV brasileira. É um espaço plural para a apresentação de ideias, conceitos e análises sobre temas de interesse da população, sob o ponto de vista de personalidades notórias. (UOL, [201-]).

que uma praça pode ensinar? e) o que é um espaço público? f) qual a importância da(s) praça(s) na sociabilidade dos indivíduos?

Orientações ao grupo 01:

Você fará a observação e a descrição detalhada dos aspectos da praça. Sua descrição deverá ser em texto corrido, a partir das perguntas norteadoras a seguir: 1) Que elementos compõem a Praça? 2) Qual a história da Praça, ou seja, como ela surgiu? 3) Quem são as pessoas que transitam pela Praça e o que essas pessoas fazem?

Orientações ao grupo 02:

Você deverá escolher um indivíduo que compõe o espaço da praça, convidá-lo a uma entrevista e registrar suas respostas a partir das perguntas abaixo: 1) Idade; 2) Ocupação; 3) Gênero; 4) Trabalha com o que na Praça Tomás Barbosa? 5) Há quanto tempo frequenta esse espaço? 6) Na sua opinião, qual a importância dessa praça para a cidade de Canindé e para as pessoas que aqui vivem?

Todos os trabalhos produzidos nessa aula deverão ser entregues posteriormente ao(à) docente.

5º Encontro (100 minutos)

Essa aula ocorrerá na sala de aula, nela serão discutidas as percepções dos(as) estudantes sobre as experiências na aula anterior a partir da utilização do texto didático abaixo.

Lazer

Francisco Willams Ribeiro Lopes

O lazer é uma atividade que as pessoas realizam de forma voluntária e que não tem um propósito prático ou produtivo. Na sociologia, o lazer é visto como um fenômeno social que é influenciado por fatores sociais, culturais, econômicos e políticos. Esse pode ser uma forma de expressão individual e coletiva, e pode ser um meio para as pessoas se relacionarem com outras pessoas, descobrirem novas coisas e se divertirem. Algumas atividades comuns de lazer incluem esportes, viagens, atividades ao ar livre, hobbies, atividades culturais e de entretenimento.

O lazer é uma atividade indispensável para garantir a qualidade de vida da população. As formas de desfrutá-lo e o conteúdo das atividades se constituem, assim, como vias para a compreensão de aspectos da vida cotidiana e dos valores sociais contemporâneos. A Sociologia mostra que o lazer não resulta de uma vontade individual, mas é um fenômeno marcado pela complexidade de fatores econômicos, políticos e socioculturais.

O conceito de lazer refere-se a um conjunto de atividades físicas, artísticas, culturais ou sociais, realizadas pela pessoa humana em um tempo liberado das obrigações profissionais, familiares, espirituais e políticas, cuja finalidade é a autossatisfação, o bem-estar e o prazer pessoal. Esse conceito foi desenvolvido pelo sociólogo francês Joffre Dumazedier, que apresenta o conceito como

“[...] um tempo que a redução da duração do trabalho e a das obrigações familiares, a regressão das obrigações sócio-espirituais e a liberação das obrigações sócio-políticas tornam disponível; o indivíduo se libera a seu gosto da fadiga descansando, do tédio divertindo-se, da especialização funcional desenvolvendo de maneira interessada as capacidades de seu corpo ou de seu espírito” (DUMAZEDIER, 2008, p. 92).

Nessa perspectiva, o lazer ocorre principalmente em quatro períodos: do fim do dia, o do fim de semana, o do fim de ano (férias) e o do fim da vida (aposentadoria), que são preenchidos com atividades que se voltam para os chamados três “D’s”: descanso, diversão e desenvolvimento da personalidade. Todavia, com as diferentes modalidades de trabalho na contemporaneidade, o lazer não se limita aos quatro períodos mencionados, podendo ser encontrados sentidos e formas conjugados ao trabalho (DE MASI, 2000).

A prática do lazer se deu mediante condições objetivas, relacionadas a mudanças políticas, econômicas e socioculturais que possibilitaram a existência de um tempo liberado de trabalho e, ao mesmo tempo, condições subjetivas que passaram a valorizar o lazer, encontrando nele a oportunidade para o descanso, o divertimento e o desenvolvimento pessoal.

Vamos refletir: Quais são os seus espaços de lazer? O que significa lazer para você? Quais são as condições necessárias para aproveitar os espaços de lazer da sua cidade?

Fonte: LOPES, F. W. R. O que é Lazer?. In: BODART, C. das N. (Org.). **Conceitos e categorias do ensino de Sociologia**, v. 2. 1. ed. Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2021. v. 2, cap. 24, p. 47-52.

Além disso, será o momento destinado à oficina de produção das charges e histórias em quadrinhos sobre direito à cidade e finalização dos textos sobre a Praça Tomás Barbosa. Nela os(as) estudantes deverão ser incentivados a finalizarem os materiais propostos, objetivando que este faça parte da Sala Temática ao final da eletiva.

6º Encontro (100 minutos)

Esta aula será sobre Direito à cidade sob o ponto de vista sociológico, teremos como norte a pergunta: “Quem pode ‘perambular’ pela cidade?”. A partir dela, discutiremos sobre

as diferentes experiências na cidade partindo das questões de gênero, classe, raça e geracional utilizando o texto didático abaixo.

Quem tem direito à cidade?

Francisca Marcia Gabrielle Alves Freitas

Em meados dos anos 1960, o sociólogo e filósofo francês Henri Lefebvre (1901-1991) cunhava o termo “direito à cidade”, refletindo a partir do seu contexto urbano, a cidade de Paris, que passava pela construção de grandes edifícios. A noção de direito à cidade parte de uma crítica ao sistema capitalista. O conceito, então, trata-se de algo amplo, que está ligado a diversos direitos relacionados a uma vida digna nas cidades: moradia, saúde, lazer, cultura, segurança, trabalho, mobilidade urbana.

Assim, podemos dizer que falar de direito à cidade é falar de moradia, do direito de ir e vir, da especulação imobiliária, ou seja, de fenômenos que intensificam a segregação espacial. Esta, por sua vez, tem como principais efeitos a pobreza, a violência e a falta de acesso a serviços básicos. A cidade não é um espaço neutro e deslocado das problemáticas que atingem a sociedade. Ela é formada por relações sociais de poder, que podem ser conflituosas e produzir desigualdades, pois a cidade não está imune a essas questões.

Dessa forma, é possível vermos que mulheres, negros(as), pessoas em situação de vulnerabilidade econômica, LGBTQIAPN+, não vivenciam a cidade da mesma forma. Suas vivências estão diretamente ligadas à uma série de violências físicas e verbais que formam sua experiência nos espaços urbanos.

Vamos refletir: todas as pessoas têm direito à cidade? todas as pessoas têm as mesmas experiências nos espaços urbanos? Todas as pessoas têm direito de ir e vir na cidade?

Em um segundo momento, os(as) estudantes serão direcionados a uma atividade de pesquisa junto às pessoas que fazem parte da escola. Os(as) alunos(as) montarão um mini roteiro e conversarão com professores(as), funcionários, direção e coordenação escolar a fim de compreender como essas pessoas se relacionam com os espaços urbanos. Por fim, socializarão seus achados com o restante da turma, entregando-os ao(à) docente.

7º encontro (100 minutos)

Esta aula acontecerá em campo, na Praça da Melada. Nela, as discussões sobre usos e ocupação dos espaços urbanos da aula anterior terão continuidade e ocorrerá a reflexão

voltada para o estigma³⁷ que a referida Praça até então possuía. Os alunos serão instigados a refletirem sobre estratégias de valorização e incentivo ao lazer na Praça da Melada, de modo a fortalecê-la como um espaço urbano de sociabilidade para todas as pessoas que a frequentam.

3.1.2 Unidade II – Cidade e Cultura

8º Encontro

Esta aula contará com a presença de um(a) convidado(a): o(a) professor(a) de História. A organização da aula seguirá similar ao Programa Roda Viva. Assim, será dividida em dois momentos: inicialmente, com a sala organizada em círculos, o(a) docente convidado(a) fará sua explanação sobre “*Patrimônios da cidade de Canindé*” e os(as) alunos(as) anotarão as suas perguntas, reflexões e questionamentos. Em seguida, o(a) docente se posicionará no centro da sala e os(as) estudantes farão suas perguntas, incentivando assim o debate e a discussão. Os(as) alunos(as) registrarão as respostas em seus cadernos de campo, de modo a serem utilizadas posteriormente na construção da sala temática.

9º Encontro (100 minutos)

Esta aula acontecerá em dois campos: inicialmente nos deslocaremos para o Museu Regional São Francisco e, posteriormente, à Biblioteca Municipal Cruz Filho. Antes de chegar nos lugares, os(as) alunos serão direcionados a duas atividades. A do Museu consiste em realizar uma observação do espaço, buscando identificar o que o lugar conta sobre a cidade de Canindé. Os(as) alunos deverão registrar em seus cadernos de campo suas percepções. A atividade referente à Biblioteca, por sua vez, será realizada após a visita ao espaço e escuta dos(as) funcionários(as). Os(as) alunos deverão registrar suas percepções a respeito das políticas de incentivo à Biblioteca; as percepções dos(as) funcionários(as) em relação à sua preservação e sobre a valorização desta por parte dos cidadãos e estrangeiros. As atividades deverão ser entregues ao(à) docente.

10º Encontro (100 minutos)

Nesta aula, discutiremos sobre cultura popular e preservação da memória local a partir da presença da Mestre da Cultura dona Dina Vaqueira e do memorialista Augusto César. Antes da fala dos(as) convidados, serão explicados os conceitos de “mestre da cultura” e “memorialista”. A aula será como ocorreu com os(as) convidados(as) anteriores: estes terão um tempo mínimo para explanação sobre a temática e, em seguida, serão entrevistados

³⁷ Essa Praça possuiu, durante muito tempo, o estigma de que era frequentada por maconheiros. Atualmente, passa por uma revitalização e é um ponto de encontro para quem pratica atividade física ao ar livre.

pelos(as) estudantes. As respostas das perguntas elaboradas pelos(as) estudantes serão registradas e guardadas para serem utilizadas na construção da Sala Temática.

11º Encontro (100 minutos)

Esta aula será realizada em campo, na Praça dos Mestres. Inicialmente, conversaremos com os(as) funcionários(as) que trabalham na Praça sobre as atividades desenvolvidas no âmbito dela. Em seguida, faremos uma roda de conversa na qual relacionaremos a referida aula de campo com as discussões anteriores sobre Praça, Cultura e Memória. Pedirei aos(às) estudantes que observem o espaço da Praça, como se dá a circulação dos indivíduos, entendendo a cidade como ela é. Falaremos sobre as categorias sociológicas já estudadas em sala, como as desenvolvidas por Magnani. Além disso, discutiremos sobre a relação entre a Praça e a sociabilidade.

12º Encontro (100 minutos)

Nesta aula, findaremos as discussões sobre cidade e cultura. Em um primeiro momento, partindo das experiências e percepções dos(as) estudantes a respeito das aulas anteriores e do texto didático, discutiremos sobre cultura popular, memória, patrimônio e sua(s) relação(ões) com a cidade.

Manifestações culturais e patrimônio cultural

Cristiano Bodart

O que se entende por patrimônio cultural e manifestações culturais?

Para a Antropologia Cultural, manifestação cultural é toda forma de expressão humana, seja através de celebrações e rituais ou através de outros suportes como imagens fotográficas e filmicas.

Além disso, sabemos que as expressões das culturas humanas também são veiculadas através de outras linguagens, escritas ou verbais. O patrimônio também se constitui como uma linguagem que expressa uma forma de sentir e pensar um acontecimento, um tempo, uma dada forma de ver as coisas do mundo.

Em sua origem, o patrimônio estava ligado às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no tempo e no espaço. Hoje a ideia de patrimônio designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes das comunidades humanas.

A ideia de um patrimônio comum a um grupo social, definidor de sua identidade e enquanto tal merecedor de proteção perfaz-se através de práticas que ampliaram o círculo dos colecionadores e apreciadores de antiguidades e se abriram a novas camadas sociais: exposições, vendas públicas, edição de catálogos das grandes vendas e das coleções particulares. Inicialmente, a categoria do patrimônio que mereceu atenção foi a que se relaciona mais diretamente com a vida de todos, qual seja o patrimônio histórico representado pelas edificações e objetos de arte.

Paulatinamente, ocorreu a passagem da noção de patrimônio histórico para a de patrimônio cultural, de tal modo que uma visão inicial reducionista que enfatizava a noção do patrimônio nos aspectos históricos consagrados por uma historiografia oficial foi-se projetando até uma nova perspectiva mais ampla que incluiu o “cultural”, incorporando ao “histórico” as dimensões testemunhais do cotidiano e os feitos não-tangíveis.

Portanto, a noção moderna de patrimônio cultural não se restringe mais à arquitetura, mesmo sendo indiscutível que a presença de edificações é um ponto alto da realização humana. Deste modo, o significado de patrimônio cultural é muito mais amplo, incluindo diversos produtos do sentir, do pensar e do agir humano. Portanto, patrimônio ganha uma conotação para além de coisas concretas, abrange também modos de fazer, expressões, técnicas, modos de agir e falar. Neste sentido, o conceito de patrimônio cultural da UNESCO se relaciona mais com ao conceito de cultura. Um dos conceitos de cultura remete a modos de agir, pensar a partir da inserção em determinado grupo o qual se caracteriza de forma particular por meio de códigos, costumes e regras morais próprias as quais criam suas próprias hierarquias e especificidades as quais atribuem caráter únicos àqueles indivíduos que pertencem ao grupo.

No âmbito internacional, durante as últimas décadas, delinear-se uma série de instrumentos jurídicos, convenções, declarações, resoluções e recomendações relativas à proteção do patrimônio cultural, de tal maneira que as convenções e recomendações aprovadas pela UNESCO vêm enriquecer o Direito Internacional da cultura e os direitos internos com a elaboração de leis próprias no sentido dado pela UNESCO. Como “Patrimônio Mundial” a UNESCO define todos os bens que possuam um caráter excepcional. Ao considerarmos o “Patrimônio” um bem herdado do passado, investimo-lo de um significado de “referência”. Em outras palavras, tornamos o “Patrimônio” insubstituível para nossa identidade, portanto cabe a nós a efetiva defesa da preservação e divulgação desse legado cultural.

Fonte: BODART, C. **Manifestações culturais e patrimônio cultural**. [S. l.], 30 mar. 2010. Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/manifestacoes-culturais-e-patrimonio/>. Acesso em: 12 abr. 2023

Em um segundo momento, os(as) alunos(as) produzirão charges, histórias em quadrinhos e escritos diversos (poemas, crônicas, textos dissertativos) a partir das experiências em campo e das entrevistas realizadas com os(as) convidados. Por fim, compartilharão suas produções com a turma.

3.1.3 Unidade III – Cidade, trabalho e religiosidade

13º Encontro (100 minutos)

Esta aula acontecerá em campo, na Praça da Basílica e no seu entorno: Gruta e Casa dos Milagres. Os (as) alunos(as) serão direcionados a uma atividade: observar os espaços visitados e realizar pequenas entrevistas com os comerciantes, vendedores ambulantes e funcionários do santuário, questionando-lhes suas percepções a respeito do que muda na cidade com a Festa de São Francisco e como essas pessoas se organizam para esse período.

14º Encontro (100 minutos)

Esta aula ocorrerá em sala de aula, sendo divididas em dois momentos: inicialmente, haverá uma aula expositiva dialogada a respeito da relação entre cidade e religiosidade a partir dos conceitos de festa,romeiros e ex-votos pensando-os do ponto de vista sociológico.

Após a aula expositiva dialogada, os alunos se dividirão em trios e elaborarão cartazes informativos sobre os aspectos sociológicos da cidade de Canindé discutidos anteriormente. Cada trio ficará com um dos aspectos (trabalho e vendedores ambulantes; religiosidade, romaria e ex-votos;) e falará sobre a influência destes na cultura e na construção da cidade. Os cartazes serão feitos em uma folha tamanho A4 e descreverão as principais informações obtidas a partir das discussões sobre cada aspecto.

15º encontro (100 minutos)

A referida aula será realizada na Estátua de Canindé. Ao chegar nesse espaço, os(as) estudantes serão divididos em dois grupos que ficarão responsáveis por as seguintes atividades: Grupo 01: observação detalhada do espaço da Estátua e seu entorno; Grupo 02: Entrevista com os comerciantes locais e/ou vendedores ambulantes.

Perguntas norteadoras para o grupo 01: Que elementos formam a Estátua e seu entorno? Quem são as pessoas que transitam nesses espaços? Onde está localizada a Estátua? Qual a relação entre a Estátua e o turismo religioso?

Perguntas norteadoras para o grupo 02: idade; gênero; ocupação; há quanto tempo trabalha na estátua? qual a maior dificuldade de se trabalhar nesse espaço? Para você, qual a importância da Estátua para a economia canindeense?

16º encontro (100 minutos)

Esta aula acontecerá em sala de aula e contará com a presença do(a) professor(a) de Filosofia que falará sobre “Os sentidos da religiosidade”. O momento ocorrerá nos moldes dos anteriores, similar ao Programa Roda Viva: o(a) docente terá um tempo para explanação da temática e, em seguida, será entrevistado(a) pelos(as) estudantes.

17º encontro (100 minutos)

Esta aula acontecerá em sala e terá como temática “Trabalho, religião e cidade: os sentidos do trabalho na romaria de Canindé”. Partindo do ponto de vista sociológico e do seu rico escopo sobre cidade, religiosidade e trabalho, relacionaremos este com as respostas encontradas pelos(as) estudantes na aula anterior, realizando um debate coletivo.

Em um segundo momento, faremos a atividade final da eletiva, que consiste em uma proposta de intervenção para valorização dos espaços públicos da cidade: “*Caminhos para a valorização dos espaços urbanos de Canindé*”. Nela, os(as) alunos(as) serão divididos em equipes de 4 pessoas, escolherão um espaço urbano visitado, refletirão coletivamente e falarão sobre a importância da valorização do referido lugar; após discussão coletiva, definirão sugestão de medidas que poderão ser tomadas a fim de valorizar os espaços. Por fim, socializarão suas respostas com o restante da turma.

3.1.4 Culminância Final

18º encontro (100 minutos)

Nesta aula, iniciaremos a preparação e organização da Sala Temática que representará a culminância final da eletiva. Os(as) alunos(as) serão divididos conforme as tarefas necessárias para a construção da Sala Temática: equipe de produção do convite; equipe de ornamentação da sala e equipe de apresentação. Além disso, será sugerido aos estudantes que convidemos, para assistir à apresentação da sala temática, as pessoas que participaram diretamente da eletiva (memorialistas, professores, mestres da cultura), grupos de estudantes e professores de Sociologia de outras escolas de Canindé.

Dessa forma, a programação será construída de modo a contemplar todos os grupos que aceitarem o convite, que, por sua vez, será enviado formalmente a partir de Ofício Escolar e a partir das produções artísticas que foram realizadas durante a Eletiva até o momento.

19º encontro (100 minutos)

Nesta aula, será finalizada a construção da programação da Sala Temática e os convites para as escolas de ensino médio da cidade. Dar-se-á início aos ensaios para as apresentações da sala temática e construção da ornamentação do local.

20º encontro (100 minutos)

O último encontro será destinado à Culminância Final da eletiva, a partir da exposição da Sala Temática, que contará com as produções dos(as) alunos(as) integrantes da eletiva durante o semestre. As produções serão sobre as temáticas discutidas durante a eletiva: cidade, cultura, religiosidade, trabalho, patrimônio e sociabilidade.

3.2 Recursos Humanos e Materiais

- Computador da professora
- Ônibus escolar
- Site Mentimeter
- Quadro
- Lousa
- Pincel
- Celular
- Caderno
- Cartolinas, Lápis de Cor, Canetinhas e Caneta
- Textos didáticos

4. Catarse

4.1 Síntese mental do aluno

Durante todo o processo de instrumentalização do Rolê Sociológico espera-se que embasados dos conteúdos de Sociologia sobre a vida urbana, os(as) estudantes problematizem e reflitam diante do debate acerca da cidade como fenômeno social e como ambiente de aprendizado sociológico. A partir das aulas de campo, ao perceber e operacionalizar cognitivamente os conceitos sociológicos estudados possam desenvolver o modo sociológico de pensar a partir do entendimento de que a cidade é muito mais do que casas e prédios, ela é perpassada por conflitos e manifestações sociais, culturais, políticas e religiosas.

4.2 Expressão da síntese

Considerando o Rolê Sociológico como uma experiência pedagógica coletiva, a expressão da síntese se dará com a organização da Sala Temática de modo a formar uma exposição do que foi produzido durante a disciplina eletiva. Além disso, serão avaliados a partir da propositura da construção de proposta de intervenção “*Caminhos para a valorização dos espaços urbanos de Canindé*”.

5. Prática Social Final

5.1 Nova Postura Prática

- Identificar, a partir de suas vivências na cidade, como esta pode ser um espaço de construção de conhecimento e compreensão da realidade social.
- Perceber, a partir de suas vivências na cidade, a importância dos espaços urbanos para a cultura e a sociabilidade dos cidadãos.
- Apropriar-se das reflexões proporcionadas pela Sociologia para compreensão do espaço social em que se está inserido.
- Refletir sobre seu sentimento de pertencimento à comunidade urbana que está inserido.
- Valorizar os espaços urbanos, percebendo-os como importantes para a construção da cultura e memória coletiva.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade não é um espaço neutro, nem uma bolha descolada do restante da sociedade. Ela é perpassada por conflitos, relações e interações sociais que estão intrinsicamente ligadas às experiências individuais. Tais conflitos e interações sociais são objeto de estudo da Sociologia, especialmente da Sociologia Urbana, e por essa razão, podem ser utilizados em sala de aula no ensino médio, aliados às experiências juvenis. Aliás, a cidade é uma sala de aula, é um ambiente que proporciona o aprendizado sobre ela a partir de seus espaços.

Para a realização deste trabalho, caminhos metodológicos foram traçados, a saber: a utilização de grupos focais, pesquisa bibliográfica, análise de livros didáticos de Sociologia e a aplicação de questionários antes e após a Intervenção Pedagógica. Além disso, buscou-se um recorte metodológico quanto ao ensino, utilizando a proposta didática de Gasparin (2020) que é baseada na Pedagogia Histórico-Crítica.

A pesquisa bibliográfica constituiu-se como um caminho possível para a compreensão e apropriação das produções teóricas já existentes no que dizia respeito à Sociologia Urbana, as Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral e seu modelo curricular, ao ensino de Sociologia e o desenvolvimento do “modo sociológico de pensar” e, por fim, sobre a cidade de Canindé. Além da pesquisa bibliográfica, a análise dos livros didáticos do PNLD de 2018 possibilitou perceber como se dá bem como a presença de discussões sobre os fenômenos urbanos nos materiais didáticos de Sociologia da Educação Básica.

Apropriar-se das produções da Sociologia Urbana, percebê-la dentro do ensino de Sociologia na educação básica a partir do estudo dos livros didáticos foi enriquecedor para este trabalho, pois mostrou qual o espaço que as reflexões sobre a cidade ocupam na educação básica. Além disso, entender o contexto de surgimento das Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral e seu currículo pensando-o como um espaço de possibilidades para o ensino de Sociologia no estado do Ceará frente às mudanças educacionais, foram reflexões que auxiliaram na construção desta Intervenção Pedagógica. Por fim, revisitar a história da cidade de Canindé e vê-la também a partir de produções sociológicas permitiu a escrita de modo a situar o leitor e mostrá-lo como foi possível construir uma “Sociologia Local”.

A construção do referencial teórico viabilizou a formulação das perguntas que nortearam esse trabalho: ter a cidade como ambiente de aprendizagem que ultrapasse a sala de aula poderia aprimorar o processo de ensino e aprendizagem? É possível aprender Sociologia na e com a cidade? As aulas de Sociologia tendo como referência a cidade poderão auxiliar os

alunos a desenvolver o “modo sociológico de pensar”? Perguntas essas que foram respondidas a partir da realização do grupo focal e dos questionários.

O grupo focal foi uma estratégia metodológica avaliativa utilizada na segunda aplicação do Rolê Sociológico, em que se tinha como principal espaço o ensino remoto junto à pandemia de Covid-19. Ele possibilitou aperfeiçoar os detalhes da proposta, identificando o que era possível e o que não era possível, além de mostrar como se dava a relação dos(as) alunos(as) com a cidade. Assim, sua execução foi de extrema importância para elaboração do planejamento da intervenção final.

A utilização dos questionários foi pensada por ser um caminho com menos limitações para análise dos dados finais, uma vez que a professora também era um sujeito da pesquisa. Assim, os questionários foram de fundamental importância tanto para identificar o perfil dos alunos, quanto para compreender sua relação com a Sociologia, com a eletiva, com a escola e com a cidade. Os resultados encontrados vieram a corroborar com as perguntas desenvolvidas no início, mostrando que é possível aprender Sociologia na cidade e com a cidade.

A metodologia de ensino embasada na proposta didática de Gasparin (2020) foi escolhida por ser um fazer pedagógico que oportuniza a compreensão dos conhecimentos em suas várias facetas dentro da realidade social. Além disso, tal metodologia valoriza e reconhece os saberes que os(as) educandos(as) trazem à escola, vendo estes como um elemento basilar do planejamento didático.

Assim, partir da construção desses percursos metodológicos, foi possível a elaboração da intervenção pedagógica, mapear o perfil do(a) estudante que estava escolhendo a disciplina eletiva e construir, junto a elas e eles, um caminho transgressor para o aprendizado sociológico.

Todo o processo de construção da proposta pedagógica aqui apresentada perpassou três versões que foram desenvolvidas em um longo espaço de tempo entre os anos 2019 e 2022. A primeira no ano letivo de 2019, aconteceu antes do ingresso no PROFSOCIO. As duas finais, ocorridas nos anos de 2021 e 2022 aconteceram no âmbito do Mestrado Profissional. A partir das três experiências foram identificadas algumas limitações: de início a falta de legitimidade da disciplina de Sociologia, depois veio a pandemia, o ensino remoto, o baixo engajamento e, após a pandemia, a apatia dos estudantes nas aulas em sala foram dificuldades percebidas que precisaram ser levadas em consideração no processo de (re)construção do Rolê Sociológico.

A saída para essas problemáticas foi encontrada a partir do fortalecimento do envolvimento dos(as) estudantes nos momentos em sala de aula, incentivando sua

proatividade a partir das rodas de conversas com os convidados, convergindo assim com as proposituras pedagógicas de Freire (2016) que ensinar não se trata apenas de transferir conhecimento.

O ápice desse trabalho foi, principalmente, vê-los olhar a cidade do ponto de vista sociológico; vê-los compreender a sociedade em que estão inseridos a partir da cidade; vê-los ter seu vínculo e sentimento de pertença fortalecido, sobretudo na ocupação dos espaços urbanos. Vê-los se ver como parte da cidade, identificando suas problemáticas, interações sociais e conflituosas, e buscando participar ativamente do debate em relação a essas questões.

O Rolê Sociológico proporciona ao(a) estudante que se dedique a estar nessa experiência, um aprendizado sociológico que lhes permite ter repertório para compreender não somente a cidade em que vivem, mas também suas próprias vidas. Participar do Rolê Sociológico, perceber na cidade um espaço fértil para o aprendizado auxilia na construção de um olhar crítico sobre a cidade, possibilitando o desenvolvimento do modo sociológico de pensar, fazendo-os entender que suas vivências nos espaços urbanos não são frutos da natureza, mas sim da sociedade. Vale ressaltar que o Rolê Sociológico não se trata de uma mera saída da escola, mas uma aula embasada nos princípios epistemológicos da Sociologia que perpassa no desenvolvimento de um olhar crítico sobre o lugar em que se está inserido. Para o(a) docente, permite a experiência de um ensino sobre a sociedade com a cidade, na cidade e na escola, construindo novos horizontes de possibilidades para o planejamento das aulas de Sociologia.

Assim, a proposta viabiliza, também, um fortalecimento do ensino de Sociologia na educação básica pois é uma proposta transgressora, que demonstra a aprendizagem sociológica para além dos muros da sala de aula e da escola. Compreende-se que essa experiência por si só não é capaz de findar todas as problemáticas relativas ao ensino de Sociologia na escola (em relação a sua presença intermitente, falta de professores formados na área etc.), mas que esse trabalho se fez importante para o fortalecimento do escopo de produções acadêmicas sobre o ensino de Sociologia, especificamente fora do ambiente institucional da escola, mostrando outras possibilidades do desenvolvimento do “modo sociológico de pensar”.

A construção desse trabalho fomentou também a reflexão a respeito das disciplinas eletivas e do seu “currículo flexível”, pensando quais são os limites e as possibilidades para o ensino de Sociologia a partir das disciplinas eletivas. A flexibilidade característica desse modelo curricular tem ligação direta com o ensino por competências e habilidades. Tais

ensinos são próprios da influência do neoliberalismo na educação, em que se pretende formar um trabalhador polivalente e flexível, na qual o conhecimento só é válido se for aplicável. Além de impossibilitar ao estudante a apropriação dos fundamentos próprios de cada ciência, também acarreta uma perda na identidade escolar das disciplinas. Assim, mais uma vez estar na educação básica torna-se um desafio para a Sociologia.

Junto a isso existem as dificuldades do dia a dia na escola em relação às eletivas que são vistas, muitas vezes, como uma aula optativa e passiva a “fuga” e/ou troca semanal. Tal limitação é uma característica da flexibilização curricular e prejudica o processo de ensino e aprendizagem, pois não há uma constância nos momentos pedagógicos.

Apesar disso, as eletivas também podem ser um lugar de mobilização de conhecimentos sociológicos. Embora não tendo caráter de uma disciplina da base comum, pode ainda ser um terreno com a presença sociológica, de desenvolvimento de uma aprendizagem junto aos estudantes que se bem planejada e executada, pode vir a fortalecer a disciplina na educação básica. Aliar esses entendimentos às possibilidades de execução das eletivas, a saber: uma maior integração de professores de diferentes disciplinas; uma maior presença da comunidade; um espaço que permite a utilização de diferentes metodologias e que possui 2h/a semanais. Nesse sentido, se insere o Rolê Sociológico.

Além de tudo, não há como não retomar às sábias palavras do educador Paulo Freire (2016), que em seu livro “Pedagogia da Autonomia” nos lembra que “faz parte da natureza docente a indagação” (p. 30). Assim dizendo, a pesquisa é intrínseca a atividade docente de modo que não há professor sem pesquisa, sendo o professor sempre professor-pesquisador. Retomadas as palavras, a prática dessa intervenção pedagógica junto ao Mestrado Profissional de Sociologia permite que o(a) professor(a) retorne e fortaleça essa característica inerente à sua profissão e a exerça com criticidade.

Assim, ter um espaço em que se foi possível refletir criticamente sobre a minha prática pedagógica, calcular rotas e recalculá-las foi de fundamental importância, pois o desafio de ser docente-pesquisador é mais intenso do que se imagina. Ministrando aulas e afastar-se delas ao máximo, na tentativa de ser observadora e vê-las com o olhar de cientista foi, sem dúvidas, a parte mais difícil desse trabalho. Todavia, foi um exercício fortalecedor da minha prática docente, afinal, refletir criticamente sobre a prática é relativo ao ensino. Agora, entro na sala de aula com outro olhar. Fortalecida como professora-pesquisadora e acima de tudo fortalecida enquanto professora-pesquisadora de Sociologia.

Portanto, apresentei o produto deste trabalho a partir dos moldes orientados pelo Mestrado Profissional de Sociologia, a Intervenção Pedagógica “*Aprendendo sociologia com*

a cidade: uma disciplina eletiva”, tem como objetivo ser uma prática que inspire outros docentes de Sociologia na educação básica a replicarem a experiência em suas cidades e nas suas escolas.

Junto ao plano, há também textos didáticos e uma sugestão de como o docente pode realizar um Rolê Sociológico a partir das especificidades de sua cidade e/ou bairro no tópico “*Sociologia Local: um exercício de planejamento para o Rolê Sociológico*”. De igual modo, pode ser uma estratégia pedagógica utilizada por docentes do ensino superior junto aos estudantes dos cursos de Licenciatura em Ciências Sociais. Nos apêndices deste trabalho consta a proposta do Rolê Sociológico nos moldes do Catálogo de Eletivas da Secretaria de Educação do Ceará, como produto a ser sugerida a inclusão no próximo catálogo de eletivas.

Isto posto, acredita-se que a partir da elaboração, planejamento, execução e análise dessa intervenção pedagógica, é possível concluir afirmando que a cidade é um ambiente fértil para o aprendizado sociológico por parte do(a) estudante que passa a compreender sua realidade urbana a partir do ponto de vista sociológico, percebendo-se também como ser social.

Assim, a proposta aqui defendida pode potencializar a fortificação da identidade escolar da disciplina na escola, assim como a sua legitimidade maior na educação básica. Somado a isso, a execução desse trabalho estimula as reflexões teóricas e didáticas sobre ensino de Sociologia a partir da interação com a cidade; sobre as disciplinas eletivas e sua relação com o ensino de Sociologia tanto no estado do Ceará como no Brasil.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS E PESQUISA. **Critério de Classificação Econômica Brasil**. São Paulo: ABEP, 2022. Disponível em:

https://www.abep.org/criterioBr/01_cceb_2022.pdf. Acesso em: 2 abr. 2023.

ALMEIDA, R. M. **Turismo Religioso em Canindé: a relevância e a dinamização do patrimônio religioso-turístico do lugar para seus visitantes**. 2016. Dissertação (Mestrado em Turismo) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2016. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/87439/2/161358.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2023.

ARAÚJO, M. da S. Olhando a cidade, discutindo a sociedade: experiência, pesquisa e a cidade como ambiente pedagógico. **Perspectiva Sociológica**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 03-20, 2014. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/PS/article/view/1407/0>. Acesso em: 10 jul. 2022.

ARAÚJO, S. M. de; BRIDI, M. A.; MOTIM, B. L. **Sociologia**. 2. ed. São Paulo: Editora Scipione, 2016.

ARROYO, M. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis: Vozes, 2020.

BARBOSA, D. **Quem são, o que fazem e qual a importância dos Mestres da Cultura para o Ceará**. Fortaleza: Diário do Nordeste, 15 jul. 2022. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/quem-sao-o-que-fazem-e-qual-a-importancia-dos-mestres-da-cultura-para-o-ceara-1.3255832>. Acesso em: 1 abr. 2023.

BARREIRA, I. A. F. O ofício de ensinar para iniciantes: contribuições ao *modo sociológico de pensar*. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 45, n. 1, p. 63-85, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/2419/1872>. Acesso em: 10 jul. 2022.

BARREIRA, I. A. F.; LIMA, G. M. de A. Subversões do olhar: evidências temporais de uma microsociologia dos espaços urbanos. **Caderno CRH**, Salvador, v. 26, n. 69, p. 529-544, set./dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/pDByfctm4gn6HTZjVNVLZfw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 9 jul. 2022.

BERMUDES, W. L. *et al.* Tipos de escalas utilizadas em pesquisas e suas aplicações. **Revista Vértices**, [s. l.], v. 18, n. 2, p. 7-20, 2016. Disponível em: <https://editoraessentia.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/1809-2667.v18n216-01>. Acesso em: 2 abr. 2023.

BODART, C das N.; SILVA, R. S. Quem leciona Sociologia após 10 anos de presença no Ensino Médio Brasileiro?. In: BODART, C das N.; LIMA, W. L. dos S. (org.). **O Ensino de Sociologia no Brasil**. 1. ed. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2019. v. 1, cap. 2, p. 35-62.

BODART, C. **Manifestações culturais e patrimônio cultural**. [S. l.], 30 mar. 2010. Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/manifestacoes-culturais-e-patrimonio/>. Acesso em: 12 abr. 2023

BOMENY, H. *et al.* **Tempos modernos, tempos de sociologia**. 3. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2016.

BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

BRASIL. **Lei nº 13.415/2017, de 13 de fevereiro de 2017**. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Brasília, DF: Secretaria-Geral, fev. 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm. Acesso em: 10 jul. 2022.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF: Casa Civil, jun. 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm. Acesso em: 10 jul. 2022.

BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Ministério da Educação. **PNLD 2018**. Brasil, 2018. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/pnld-2018/>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CANINDÉ. **Prefeitura de Canindé**. Disponível em: <https://www.caninde.ce.gov.br/>. Acesso em: 2 abr. 2023.

CARNEIRO, G. L. S. **"De burca ou de biquíni": direito à cidade, mobilidade urbana e assédio de rua em Fortaleza/CE**. 2020. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/51068>. Acesso em: 1 abr. 2023.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Guerra, 1998.

CEARÁ. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. **Ceará em Mapas Interativos**. Fortaleza: IPECE, [2023]. Disponível em: http://mapas.ipece.ce.gov.br/i3geo/interface/black_gm.phtml. Acesso em: 2 abr. 2023.

CEARÁ. **Lei nº 13.351, de 22 de agosto de 2003**. Institui, no âmbito da Administração Pública Estadual, o Registro dos Mestres da Cultura Tradicional Popular do Estado do Ceará (RMCTP-CE) e dá outras providências. Fortaleza: Assembleia Legislativa, 22 ago. 2003. Disponível em: <https://belt.al.ce.gov.br/index.php/legislacao-do-ceara/organizacao-tematica/cultura-e-esportes/item/3346-lei-13-351-de-22-08-03-d-o-de-25-08-03>. Acesso em: 2 abr. 2023

CEARÁ. **Lei nº 13.842 de 27 de novembro de 2006**. Institui o Registro dos "Tesouros Vivos da Cultura" no Estado do Ceará e dá outras providências. Fortaleza: Assembleia Legislativa, 27 nov. 2006. Disponível em: <https://belt.al.ce.gov.br/index.php/legislacao-do-ceara/organizacao-tematica/cultura-e-esportes/item/5087-lei-13-842-de-27-11-06-d-o-de-30-11-06-proj-lei-n-6-871-06-executivo>. Acesso em: 2 abr. 2023.

CEARÁ. **Lei nº 16.025, de 30 de maio de 2016**. Dispõe sobre o Plano Estadual de Educação. Fortaleza: Assembleia Legislativa, 30 maio 2016a. Disponível em: https://belt.al.ce.gov.br/index.php/legislacao-do-ceara/organizacao-tematica/educacao/item/download/2557_3186959b85710af0a5f386183eca33e8. Acesso em: 10 jul. 2022.

CEARÁ. **Lei nº 16.287, de 21 de julho de 2017**. Institui a Política de Ensino Médio em Tempo Integral no âmbito da rede estadual de ensino do Ceará. Fortaleza: Assembleia Legislativa, 20 jul. 2017. Disponível em: <https://belt.al.ce.gov.br/index.php/legislacao-do-ceara/organizacao-tematica/educacao/item/5883-lei-n-16-287-de-20-07-17-d-o-21-07-17>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CEARÁ. Secretaria da Cultura. **Mestres da Cultura Tradicional Popular**. Fortaleza: SECULT, 2004. Disponível em: <https://www.secult.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/43/2019/02/Rela%C3%A7%C3%A3o-de-Mestres-da-Cultura-do-Cear%C3%A1-1.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2023.

CEARÁ. Secretaria da Educação. **Catálogo de Componentes Eletivos 2023**. Fortaleza: SEDUC, 2023. Disponível em: https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2023/03/catalogo_unidades_curriculares_eletivas_2023.pdf. Acesso em: 1 abr. 2023.

CEARÁ. Secretaria da Educação. **E o que é o NTPPS?**. Fortaleza: SEDUC [2019?]. Disponível em: <https://www.seduc.ce.gov.br/e-o-que-e-o-ntpps/>. Acesso em: 9 jul. 2022.

CEARÁ. Secretaria da Educação. **Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral (EEMTI)**. Fortaleza: SEDUC, [2018?a]. Disponível em: <https://www.seduc.ce.gov.br/escolas-de-ensino-medio-em-tempo-integral-eemti/>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CEARÁ. Secretaria da Educação. **Projeto Professor Diretor de Turma – PPDT**. Fortaleza: SEDUC [2018?b]. Disponível em: <https://www.seduc.ce.gov.br/projeto-professor-diretor-de-turma-ppdt/>. Acesso em: 9 jul. 2022.

CEARÁ. Secretaria da Educação. **Proposta de organização curricular em escolas de Tempo Integral**. Fortaleza: SEDUC, jan. 2016b. Disponível em: https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2018/09/proposta_organizacao_curricular.pdf. Acesso em: 10 jul. 2022.

CEARÁ. Secretaria da Educação. Secretaria Executiva do Ensino Médio e Profissional. **Catálogo de Componentes Eletivos 2021**. Fortaleza: SEDUC, 2021. Disponível em: https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2021/03/catalogo_eletivas_2021_final.pdf. Acesso em: 9 jul. 2022.

CIGALES, M. P. O Ensino da Sociologia no Brasil: Perspectiva de análise a partir da História das Disciplinas Escolares. **Revista Café com Sociologia**, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 49-67, 2014.

Disponível em:

<https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/100>. Acesso em: 1 abr. 2023.

CORDEIRO, J. A. **Dona Dina, a vaqueira**. [s. l.], 2 out. 2019. Disponível em:

<http://coisadecearense.com.br/dona-dina-a-vaqueira/>. Acesso em: 1 abr. 2023.

CORDEIRO, M. P. J. Romarias: devoção e diversão. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 14., jul. 2009, Rio de Janeiro. **Anais [...]** Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Sociologia, 2009, p. 1-14. Disponível em:

https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/52320/1/2009_eve_mpjcordeiro.pdf. Acesso em: 10 jul. 2022.

DE MASI, D. **O ócio criativo**. 10. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DOS REIS, N.; PINHO, R. GÊNEROS NÃO-BINÁRIOS: IDENTIDADES, EXPRESSÕES E EDUCAÇÃO. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 7-25, 28 abr. 2016.

Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/7045>. Acesso em: 2 abr. 2023.

DUDA. **Dinâmicas para o Início das Aulas**. [s. l.], 03 maio 2012. Disponível em:

<http://sociologiaemteste.blogspot.com/2012/03/dinamicas-para-o-inicio-das-aulas.html>.

Acesso em: 11 fev. 2023.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2011.

FERNANDES, C. **Museu regional de São Francisco guarda experiências da romaria e história da Segunda Guerra Mundial**. Fortaleza, 25 out. 2018. Disponível em:

<https://blogs.opovo.com.br/c4noticias/2018/10/25/museu-regional-de-sao-francisco-guarda-experiencias-da-romaria-e-historia-da-segunda-guerra-mundial/>. Acesso em: 1 abr. 2023.

FERNANDES, F. **O ensino de Sociologia na Escola Secundária brasileira**. Anais do I Congresso Brasileiro de Sociologia. São Paulo, 1955.

FIGUEIRÊDO, C. Q. de M. **Aprendendo Sociologia no fazer sustentável**. 2020. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2020. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/575528/2/UFMG%20-%20CASSIANO%20QUININO%20-%20PROJETO%20DE%20INTERVAN%c3%87%c3%83O.PDF>. Acesso em: 10 jul. 2022.

FRAGA, A. B. O ensino de Sociologia e a pesquisa em Sala de Aula. *In*: BRUNNETA, A. A.; BODART, C. das N.; CIGALES, M. P. (org.). **Dicionário do Ensino de Sociologia**. 1. ed. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2020. v. 1, p. 295-299.

FRAGA, A. B.; LAGE, G. C. Tornando os alunos pesquisadores: o recurso da pesquisa nas aulas de Sociologia. **Perspectiva Sociológica**, Rio de Janeiro, n. 5/6, p. 1-15, 2010.

Disponível em: <https://cp2.g12.br/ojs/index.php/PS/article/view/596/509>. Acesso em: 9 jul. 2022.

FREIRE, P. **À Sombra Desta Mangueira**. 12. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 53. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, N. M.; SOARES, M. T. S.; LIMA, V. B. O Programa Núcleo de Trabalho, Pesquisa e Práticas Sociais como Potencializador do Ensino de Sociologia. In: Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na Educação Básica, 4., 2019, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2019. Disponível em: <https://www.eneseb2019.sinteseeventos.com.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6I nBhcmFtcyI7czoZNDoiYToxOntzOjEwOiJRRF9BUiFVSjVZPIjtzOjM6IjEyOSI7fSI7czoXOiJ oIjtzOjMyOiIxOWY5MzRkNjI0Zjk1MTZiYjYxYjQ3ZWZlY2JmZDhmNyI7fQ%3D%3D>. Acesso em: 10 jul. 2022.

FROTA, V. Mestres da Cultura e Diversidade Cultural: notas sobre representações do patrimônio imaterial cearense. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 18., jul. 2017, Brasília, DF. **Anais [...]** Brasília, DF: Sociedade Brasileira de Sociologia, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/53332/1/2017_eve_vfrota.pdf. Acesso em: 1 abr. 2023.

G1 DF. **Campanha da Fraternidade tem a fome como tema em 2023**. Brasília, DF, 22 fev. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/02/22/campanha-da-fraternidade-tem-a-fome-como-tema-em-2023.ghtml>. Acesso em: 1 abr. 2023.

GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2020.

GIDDENS, A. **Sociologia**. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

GOMES, A. A. Apontamentos sobre a pesquisa em educação: usos e possibilidades do grupo focal. **EccoS Revista Científica**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 275-290, jul.-dez. 2005. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/417/423>. Acesso em: 10 jul. 2022.

GOMES, A. M. I. dos S. O direito à cidade sob uma perspectiva jurídico-sociológica. **Rev. direito GV**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 492-512, maio-ago. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdgv/a/gd9bCQmQpGT3ZpH79sSSkbF/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 jul. 2022.

HOOKS, B. **Ensinando a comunidade**: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA. **Biblioteca Municipal Cruz Filho: Prefeitura Municipal: Canindé, CE**. 1984. 1 fotografia, color. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=434592&view=detalhes>. Acesso em: 1 abr. 2023.

LAHID, B. Viver e interpretar o mundo social: para que serve o ensino de Sociologia?. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 45, n. 1, p. 45-61, 2014.

LAVAL, C. **A escola não é uma empresa: O neoliberalismo em ataque ao ensino público**. Londrina: Editora Planta, 2004.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2011.

LIMA, A. J. C. **Uma sociologia da experiência de ensino de sociologia: reflexões, práticas e história de vida**. 2018. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/57050/R%20-%20T%20-%20ALEXANDRE%20JERONIMO%20CORREIA%20LIMA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 jul. 2022.

LIMA, F. de J. **Os impactos da modernização no santuário de São Francisco em Canindé-CE (2006-2014)**. 2020. 90 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação História) – Universidade Estadual do Ceará, Quixadá, 2020. Disponível em: <https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=95770>. Acesso em: 15 abr. 2023.

LIMA, J. C. M. F. **História da Estátua de São Francisco**. Canindé: História de Canindé, [entre 2008 e 2010]. Disponível em: <http://historiacanindeense.blogspot.com/p/behaviorurldefaultvml-o.html>. Acesso em: 1 abr. 2023.

LIMA, F. J. L. A. P.; LIMA, M. das G. de. Influências e significados da festa de São Francisco das Chagas no comércio varejista e na cotidianidade da população de Canindé-CE. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 18, n. 61, p. 103–122, 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/34220>. Acesso em: 15 abr. 2023.

LOPES, F. W. R. O que é Lazer?. In: BODART, C. das N. (Org.). **Conceitos e categorias do ensino de Sociologia**, v. 2. 1. ed. Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2021. v. 2, cap. 24, p. 47-52.

LOPES, F. W. R. **A "Requalificação" do patrimônio: intervenções, estratégias e práticas na Praça dos Mártires (Passeio Público) de Fortaleza**. 2013. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/6421>. Acesso em: 1 abr. 2023.

MACHADO, I. J. de R.; AMORIM, H.; BARROS, C. R. de. **Sociologia hoje**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2016.

MAGALHÃES, L. F. *et al.* O Turismo em Canindé: Estudo de caso do perfil do peregrino na Festa de São Francisco. In: CONGRESSO NORTE-NORDESTE DE PESQUISA E

INOVAÇÃO, 7, out. 2012, Palmas. **Anais [...]**. Palmas: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, 2012, p. 1-4. Disponível em: <https://propi.ifto.edu.br/ocs/index.php/connepi/vii/paper/viewFile/319/2893>. Acesso em: 1 abr. 2023.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Rev. Br. Ci. Soc.**, [s. l.], v. 19, n. 49, jun. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfvVWbkbgsfQD7ytJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 9 jul. 2022.

MAGNANI, J. G. C. Quando o campo é cidade: fazendo antropologia na metrópole. *In*: MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. de L. (Orgs.). **Na metrópole**: Textos de antropologia urbana. São Paulo: EDUSP, 1996. Disponível em: https://nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/qnd_o_campo_cidade.pdf. Acesso em: 9 jul. 2022.

MAGNANI, J. G. C. **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 2, 173-205, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12475/14252>. Acesso em: 1 abr. 2023.

MENEZES, E. D. B. de. Rito, festa e romaria: notas e textos de apoio. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 19, n. 1/2, p. 37-61, 1987/1988. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/43121/100346>. Acesso em: 10 jul. 2022.

MEUCCI, S. Sociologia na educação básica no Brasil: um balanço da experiência remota e recente. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 51, n. 03., p. 251-260, set./dez. 2015. Disponível em: https://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2015.51.3.02. Acesso em: 1 abr. 2023.

MEUCCI, S; FAVORETTO, C. Da onde você vem? Reflexões sobre as cidades, identidade e alteridade numa escola pública de Curitiba. *In*: GOLÇALVES, D. N.; MOCELIN, D. G.; MEIRELLES, M. (Orgs.). **Rumos da Sociologia no ensino médio: ENESEB2015, formação de professores, PIBID e experiências de ensino**. Porto Alegre: Cirkula, 2016. p. 299-330.

MIGUEL, I. G. S.; TOMAZETTI, E. M. As Competências no Sistema Educativo Contemporâneo: estratégias da governamentalidade neoliberal. **Políticas Educativas**, [s. l.], v. 7, n. 1, oct. 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Poled/article/view/50932>. Acesso em: 10 jul. 2022.

MILLS, C. W. **A imaginação sociológica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1959.

OLIVEIRA, A. O ensino de Sociologia na Educação Básica brasileira: uma análise da produção do GT Ensino de Sociologia na SBS. **Teoria e Cultura**, Santa Catarina, v. 11, n. 1, p. 55-70, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/12253>. Acesso em: 1 abr. 2023.

OLIVEIRA, A. Revisitando a história do ensino de sociologia na educação básica. **Acta Scientiarum. Education**, Maringá, v. 35, n. 2, p. 179-189, jul./dez. 2013. Disponível em:

http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-52012013000200005&lng=es&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 1 de abr. de 2023.

OLIVEIRA, L. F. de; COSTA, R. C. R. da. **Sociologia para jovens do século XXI**. 4. ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2016.

OLIVEIRA, M. J. S. de. O símbolo e o ex-voto em Canindé. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 3, p. 99-107, 2003. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv3_2003/p_oliveira.pdf. Acesso em: 10 jul. 2022.

PARENTE, T. C.; SOARES, A. M.; SILVA JÚNIOR, A. R. da. Percursos Urbanos: Três paradas para refletir sobre a construção de um conhecimento coletivo. *In*: CORDEIRO, D. S. (Org.). **Experiências com educação em Sociologia: atividades curriculares e socioeducativas**. Fortaleza: Gráfica e Editora Iris, 2013. p. 151-169.

PARÓQUIA Santuário de São Francisco das Chagas. **Canindé celebra abertura da Romaria**. 2019. 25 fotografias digitais. Disponível em: <https://santuariodecaninde.com/fotos/caninde-celebra-abertura-romaria/>. Acesso em: 2 abr. 2023.

PASSOS, C. M. B. **Planejamento: para além do burocratismo**. Fortaleza: Blog da CASA, 19 nov. 2015. Disponível em: <http://www.blogdacasa.ufc.br/planejamento-carmensita/>. Acesso em: 2 abr. 2023.

PERALVA, A. T.; SPOSITO, M. P. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor: entrevista com François Dubet. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 05-06, p. 222-231, dez 1997. Disponível em: http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_19_ANGELINA_E_MARILIA.pdf. Acesso em: 15 abr. 2023.

PINTO, D. K. M. **Caminhos do sagrado**: um estudo sobre os vendedores itinerantes em centros de romaria no estado do Ceará. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/1220/3/2009_Tese_%20D%20K%20M%20Pinto.pdf. Acesso em: 10 jul. 2022.

PIRES, M. F. de C. Multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade no ensino. **Interface - Comunicação, Saúde e Educação**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 173-182, 1998. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/30363>. Acesso em: 1 abr. 2023.

RIBEIRO, J. U.; ROCHA, F. L.; FREIRE, N. M. A Experiência da Iniciação Científica no Ensino Médio a Partir das Aulas do Núcleo de Trabalho, Pesquisa e Práticas Sociais- NTPPS. *In*: Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na Educação Básica, 4., 2019, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2019. Disponível em: <https://www.eneseb2019.sinteseeventos.com.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6I nBhcmFtcyI7czoZNDoiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSVZPIjtzOjM6IjEyNSI7fSI7czoXOiJ oIjtzOjMyOiJmYmFmY2Y2NTNIOTUwM2Q4ZTAxMTlhYjExOGM3ZDdkMCI7fQ%3D%3D>. Acesso em: 10 jul. 2022.

RÖWER, J. E.; ANDRADE, B. K.; FREIRE, N. M. Currículo em disputa: as componentes de Sociologia e NTPPS na escola de Ensino Médio. **Latitude**, [s. l.], v. 14, edição especial, p. 257–285, jan. 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/11388/pdf>. Acesso em: 10 jul. 2022.

RÖWER, J. E.; CUNHA, J. L. da; PASSEGGI, M. da C. F. B. S. Por uma sociologia da suspensão: da recursividade entre concepções e práticas. **Em Tese**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 17-45, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/1806-5023.2015v12n2p17/30820>. Acesso em: 15 abr. 2023.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 12. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2021.

SERVÍLIO FILHO, P. de T. “**Por que tão sério?**”: O uso didático e pedagógico da produção cinematográfica do gênero super-heróis, no ensino de Sociologia. 2020. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/54359>. Acesso em: 10 jul. 2022.

SILVA, A. *et al.* **Sociologia em movimento**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2016.

SILVA, I. F. A Sociologia no ensino médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina. **Revista Cronos**, Natal, v. 8, n. 2, p. 403-427, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/1844>. Acesso em: 10 jul. 2022.

SILVA, I. F. O Ensino de Sociologia e a BNCC. *In*: BRUNETTA, A. A.; BODART, C. das N.; CIGALES, M. P. (org.). **Dicionário do Ensino de Sociologia**. 1. ed. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2020. v. 1, p. 51-55.

SILVA, I. L. F. A imaginação sociológica: desenvolvendo o raciocínio sociológico nas aulas com jovens e adolescentes: experiências e práticas de ensino. *In*: FERREIRA, A. de F. *et al.* (Org.). **Relatos e práticas de ensino do PIBID de ciências sociais / UEL**. Londrina: UEL, 2013.

SILVA, I. L. F. Metodologias do Ensino de Sociologia na Educação Básica. *In*: SILVA, I. L. F. *et al.* (org.). **Caderno de metodologias de ensino e de pesquisa de Sociologia**. 1. ed. Londrina: SETI, 2009. p. 15-35.

SILVA, R. S. Rolê sociológico: Aula de campo de sociologia. *In*: Blog Café com Sociologia. Disponível em: <https://www.cafecomsociologia.com/dica-de-dinamica-role-sociologico/>. Acesso em: 9 jul. 2022.

SILVA NETO, O. M. da. Uma cidade permeada de memórias: A cidade de Canindé [CE] sob o olhar de seus Memorialistas. *In*: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DE HISTÓRIA ORAL, 9-12, maio 2017, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2017, p. 1-12. Disponível em: http://www.nordeste2017.historiaoral.org.br/resources/anais/7/1494007027_ARQUIVO_Uma_cidadepermeadadememorias-HO.pdf. Acesso em: 15 abr. 2023.

SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). **Mana**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 577-591, 2005. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/mana/a/WfkbJzPmYNdfNWxpyKpcwWj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 9 jul. 2022.

SOBRADO dos Magalhães - atual biblioteca Cruz Filho. Canindé: Memórias de Canindé, [entre 2005 e 2023]. Disponível em: <https://memoriasdecaninde.com.br/sobrado-dos-magalhaes-atual-biblioteca-cruz-filho/>. Acesso em: 1 abr. 2023.

SOUZA, P. C. de. Uma crítica francesa acerca do espaço urbano. **SER Social**, Brasília, n. 17, p. 59–112, jul./dez. 2005. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/12943/11299. Acesso em: 10 jul. 2022.

TOCHETO, J. Pensar sociológico: o ensino da Sociologia para o ensino médio. *In*: PEREIRA, T. I. *et al* (orgs.). **Docência em Sociologia: reflexões, relatos de práticas e experiências**. Porto Alegre: Cirkula, 2015. p. 101-112.

TURISMO Religioso Impulsiona Setor De Comércio E Serviços No Sertão De Canindé. Move Ceará, Fortaleza, [2022?]. Disponível em: <https://moveceara.com.br/turismo-religioso-impulsiona-setor-de-comercio-e-servicos-no-sertao-de-caninde/#:~:text=De%20acordo%20com%20pesquisa%20realizada,Norte%20apenas%202%2C5%20milh%C3%B5es>. Acesso em: 12 mar. 2023.

UOL. **Roda Viva**. [s. l.], [201-]. Disponível em: <https://cultura.uol.com.br/programas/rodaviva/>. Acesso em: 1 abr. 2023.

VIEIRA, S. **Caminhos das Ciências Sociais na UFC**. Fortaleza: Edições UFC, 2016.

ZAGANINI, G. de P. **Intervenção pedagógica nas aulas de sociologia acerca da mulher negra e do racismo no Brasil**. 2020. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/581823/2/UEL%20-%20GERALDA%20de%20P.ZAGANINI%20-%20Proposta%20de%20Interven%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2022.

APÊNDICE A – FOTOGRAFIAS DOS ROLÊS SOCIOLÓGICOS

Figura 17 – Parte interna da Basílica de São Francisco. Registro capturado por um estudante no I Rolê Sociológico, em 2019.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 18 – Parte externa da Basílica de São Francisco. Registro capturado por um estudante no I Rolê Sociológico, em 2019.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 19 – Estudantes e professora realizando entrevistas na Praça da Basílica. Registro capturado por um estudante no I Rolê Sociológico, em 2019.



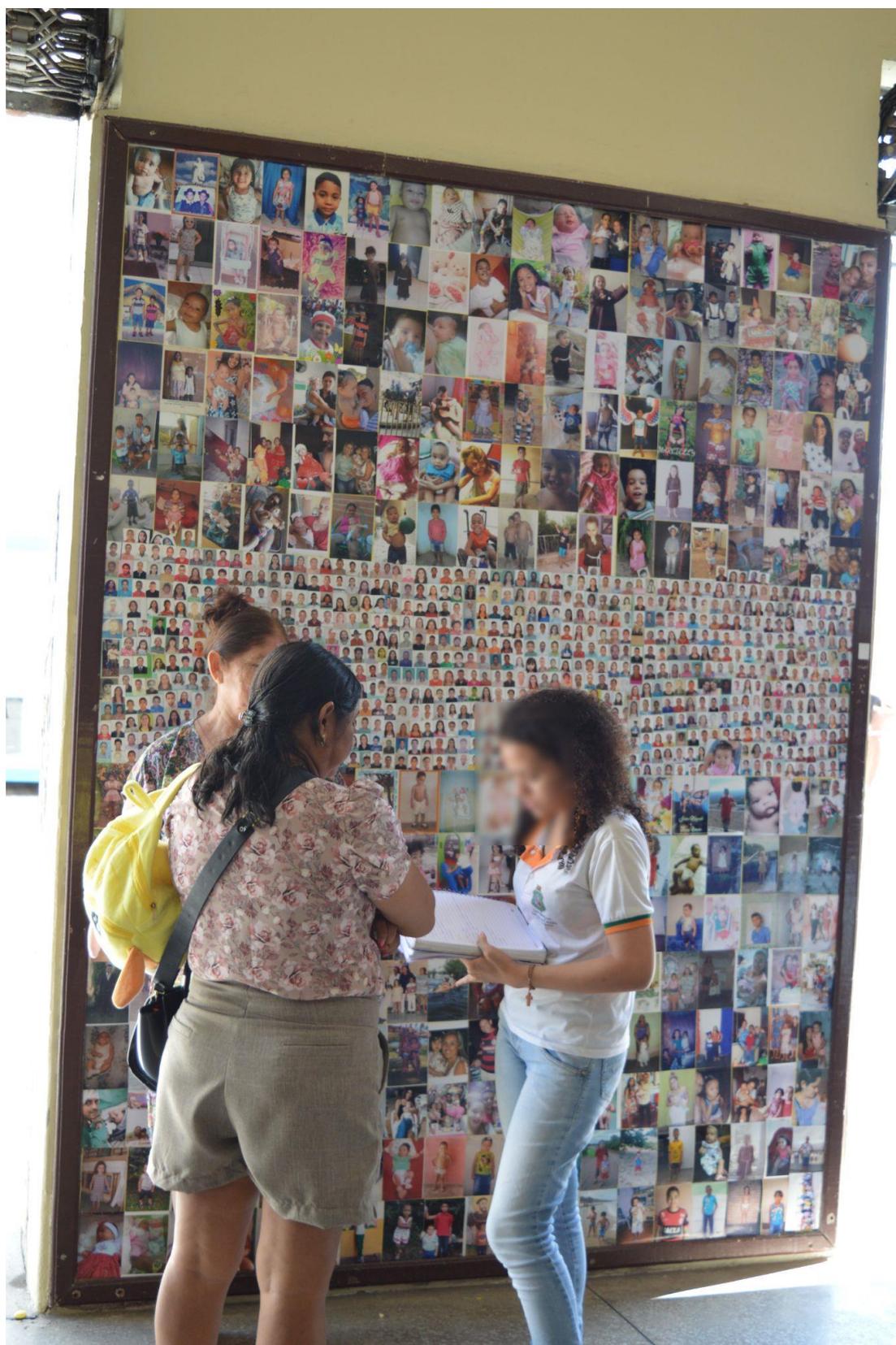
Fonte: Acervo da autora.

Figura 20 – Estudantes entrevistando vendedor ambulante na Praça da Basílica. Registro capturado por um estudante no I Rolê Sociológico, em 2019.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 21 – Estudante entrevistando romeira na Casa dos Milagres. Registro capturado por um estudante no I Rolê Sociológico, em 2019.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 22 – Estudantes conversando com funcionário do Santuário de Canindé sobre o Painel de São Francisco.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 23 – Cidadina caminhando pela Praça da Basílica. Registro capturado por um estudante no III Rolê Sociológico.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 24 – Romeira rezando. Registro capturado por um estudante no III Rolê Sociológico.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 25 – Estudante e professora caminhando pela Praça da Basílica. Registro capturado por um estudante no III Rolê Sociológico.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 26 – Estudante entrevistando vendedora ambulante. Registro capturado por um estudante no III Rolê Sociológico.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 27 – Estudante escrevendo sobre o Museu Regional São Francisco.



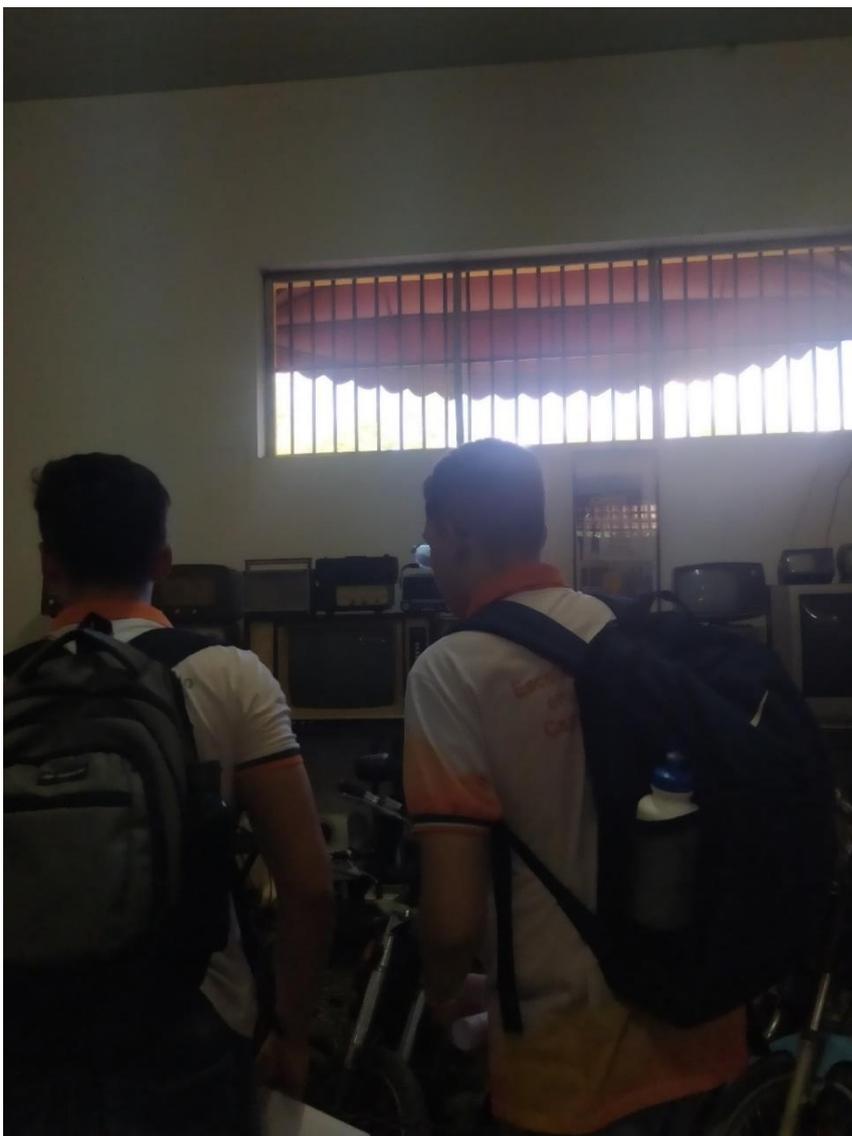
Fonte: Acervo da autora.

Figura 28 – Estudantes a caminho do Museu Regional São Francisco.



Fonte: Acervo de Canindé.

Figura 29 – Estudantes em visita ao Museu Regional São Francisco.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 30 – Estudante em visita ao Museu Regional São Francisco.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 31 – Estudantes na visita à Biblioteca Municipal Cruz Filho.



Fonte: Acervo da autora.

APÊNDICE B – GRUPO FOCAL

Figura 32 – Roteiro de Grupo Focal realizado após a primeira versão da Intervenção Pedagógica “Rolê Sociológico”.

- 1ª) O que motivou vocês a participarem da Disciplina Eletiva Rolê Sociológico?
- 2ª) Qual aprendizado foi novo, ou seja, o que você aprendeu que não sabia e passou a conhecer?
- 3ª) O que o Rolê tem de diferente das atividades que a escola realiza nas outras disciplinas?
- 4ª) O que você acha que pode ser característica da Sociologia que você aprendeu no Rolê Sociológico?
- 5ª) Qual aula mais chamou sua atenção? Por qual razão?
- 6ª) Qual aula menos chamou sua atenção? Por qual razão?

Fonte: Elaboração da autora.

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIOS APLICADOS ANTES E DEPOIS DA 3ª VERSÃO DO ROLÊ SOCIOLÓGICO

Figura 33 – Questionário inicial da terceira versão do Rolê Sociológico



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ



Questionário Rolê Sociológico

SOCIOECONÔMICO

A. Idade:

- 14-15 anos 16-17 anos 18 anos ou mais

B. Gênero:

- Masculino Feminino Não-binário/Outro

C. Série:

- 1ª série 2ª série 3ª série

D. A sua cor ou raça é:

- Branca Preta Amarela
 Parda Indígena

E. Qual dos seguintes bens você ou sua família possuem:

- Computador
 Água potável
 Acesso à internet
 Smartphone
 Ar-condicionado
 Telefone Fixo
 Água quente
 Carro
 Casa própria
 Máquina de Lavar Roupa / Tanquinho

F. Você mora:

- Zona Urbana Zona Rural

G.1. Se mora na Zona Urbana, qual o seu bairro?

- Alto Guaramiranga
 Bairro do 'S'
 Imaculada Conceição
 Palestina
 Riacho São Francisco
 Monte
 Santa Clara
 Santa Luzia
 São Mateus
 Bela Vista
 Boa Vista
 Cachoeira da Pasta
 Capitão Pedro Sampaio (CAN)
 Canindezinho
 Centro
 Conjunto Habitacional
 Outro: _____

G.2 Se mora na Zona Rural, qual o distrito?

- Iguaçú
 Fazenda
 Ipuera dos Gomes
 Japuaçu
 Salitre
 Matadouro

- Ipu Monte Alegre
 Salão
 Caiçara
 Outro: _____

SOCIOLOGIA E ELETIVAS

1. Por meio de quais destes itens você tem contato com Sociologia? (Pode marcar mais de um).

- Nas aulas semanais
 Na eletiva
 Em outros canais, internet
 Outro: _____

2. Qual dos motivos abaixo você considera como o principal para sua participação no Rolê Sociológico?

- Aprender mais sobre Sociologia
 Por causa da Professora que ofertou a eletiva
 Por causa das aulas de campo
 Outro motivo: _____

3. Qual destas frases melhor representa sua atual relação com a Sociologia?

- Considero Sociologia como apenas mais uma disciplina
 Considero Sociologia como a minha disciplina favorita
 Considero Sociologia como uma forma de debater sobre assuntos que me interessam
 Considero Sociologia como uma fonte de informação
 Considero a Sociologia importante para o ENEM e vestibulares

4. Você percebe alguma diferença entre as aulas das eletivas e as aulas das disciplinas da base comum?

- Sim Não

5. Caso perceba, quais desses itens correspondem ao que você percebe como diferente?

- Contato com a Comunidade
 Discussões mais aprofundadas
 Presença de Convidados
 Ter aulas de campo

6. Dentre os temas listados abaixo qual você acha que poderia ser discutido pela Sociologia:

- Desigualdade
 Violência
 Romaria/Festa de São Francisco
 Pobreza
 Desemprego
 Patrimônio Cultural
 Trabalho
 Outro: _____

7. Que espaços da cidade de Canindé você frequenta em seus momentos de lazer? (pode marcar mais de um)

- Praça dos Romeiros
 Praça da Basílica
 Praça Tomás Barbosa
 Praça da Melada

- Praça dos Romeiros
- Praça da Basílica
- Praça Tomás Barbosa
- Praça da Melada
- Praça dos Mestres
- Praça Azul
- Praça Bambulúá
- Bares (Boteco do Seu Zeca, Palhoça etc.).
- Churrascarias/Pastelarias/Pizzarias
- Estátua de Canindé
- Espaços Religiosos no geral
- Museu de Canindé
- Zoológico
- Outro: _____

8. Que espaços da cidade de Canindé você leva (ou levaria) pessoas de fora (amigos e/ou parentes) para conhecer? (pode marcar mais de um)

- Praça dos Romeiros
- Praça da Basílica
- Praça Tomás Barbosa
- Praça da Melada
- Praça dos Mestres
- Praça Azul
- Praça Bambulúá
- Bares (Boteco do Seu Zeca, Palhoça etc.).
- Churrascarias/Pastelarias/Pizzarias
- Estátua de Canindé
- Espaços Religiosos no geral
- Museu de Canindé
- Zoológico
- Outro: _____

A seguir estão listadas algumas afirmações e gostaria de saber o quanto você concorda com elas:

09. “Considero que sei muito sobre a história de Canindé.”

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente

10. “Considero que sei muito sobre os patrimônios culturais de Canindé (museu, praças e personalidades).”

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente

11. “Aprender mais sobre o lugar onde eu moro me ajuda a me sentir mais próximo da minha cidade.”

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente

12. “Aprender mais sobre o lugar onde eu moro me ajuda a valorizar mais o lugar onde eu moro.”

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente

Fonte: Acervo da autora.

Figura 34 – Questionário final da terceira versão do Rolê Sociológico

PESQUISA “Rolê Sociológico: Aprendendo Sociologia na cidade”.

Esta pesquisa tem a intenção de conhecer os(as) estudantes matriculados(as) na eletiva “Rolê Sociológico” e descobrir o que pensam sobre a escola, o ensino médio, o componente curricular Sociologia e a eletiva. As respostas são anônimas, ou seja, você não será identificado. As informações obtidas serão utilizadas para fins de análise no Mestrado Profissional de Sociologia (PROFSOCIO) associado à Universidade Federal do Ceará (UFC), que tem parceria com a EEMTI Capelão Frei Orlando. Ao responder o questionário, você concorda com estes termos.

Questionário**PERFIL SOCIOECONÔMICO**

A. Idade:

- 14 anos 15 anos 16 anos
 17 anos 18 anos 19 anos ou mais

B. Gênero:

- Masculino Feminino Não-binário/Outro

C. Série:

- 1ª série 2ª série 3ª série

D. A sua cor ou raça é:

- Branca Preta Amarela/Asiática
 Parda Indígena

E. Qual dos seguintes bens você ou sua família possuem:

ITEM	QUANTIDADE				
	0	1	2	3	4 ou +
Empregados domésticos					
Secadora de roupa					
Banheiros					
Automóveis					
Lava louça					
Geladeira					
Freezer					
Micro-ondas					
Motocicleta					
Automóveis					
Microcomputador					
Lava roupa					

F. Qual é o grau de instrução do chefe da família? Considere como chefe da família a pessoa que contribui com a maior parte da renda do domicílio.

- Analfabeto / Fundamental I incompleto
 Fundamental I completo / Fundamental II incompleto
 Fundamental II completo / Médio incompleto
 Médio completo / Superior incompleto
 Superior completo

G. A água utilizada neste domicílio é proveniente de?

- Rede geral de distribuição
 Poço ou nascente
 Outro meio

H. Considerando o trecho da rua da sua casa, você diria que a rua é:

- Asfaltada/Pavimentada
 Terra/Cascalho

I. Você mora:

- Zona Urbana Zona Rural

I.1. Se mora na Zona Urbana, qual o seu bairro?

- Alto Guaramiranga
 Bairro do ‘S’
 Imaculada Conceição
 Palestina
 Riacho São Francisco
 Monte
 Santa Clara
 Santa Luzia
 São Mateus
 Bela Vista
 Boa Vista
 Cachoeira da Pasta
 Capitão Pedro Sampaio (CAN)
 Canindezinho
 Centro
 Conjunto Habitacional
 Outro: _____

I.2 Se mora na Zona Rural, qual o distrito?

- Iguaçú
 Fazenda
 Ipuera dos Gomes
 Japuará
 Salitre
 Matadouro
 Ipu Monte Alegre
 Salão
 Caiçara
 Outro: _____

J. Qual sua religião?

- Católica
 Evangélica
 Candomblé
 Umbanda
 Quimbanda
 Espírita
 Nenhuma (acredita em uma entidade suprema, mas não pertence à religião nenhuma)
 Agnóstico ou ateu/não acredita em Deus
 Outro: _____

K. A maior parte do seu ensino fundamental, do 1º ao 9º ano, foi em qual tipo de escola?

- Pública
 Privada
 Outra: _____

EEMTI E ELETIVAS

01. Você já pensou em abandonar a escola?

- Sim Não

02. Como você aprende mais? (Marcar até três opções)

Assistindo aulas expositivas (aquela em que o professor fala, você escuta e realiza anotações)

- Estudando sozinho
 Participando de oficinas e fazendo projetos práticos
 Trabalhando com a comunidade dentro e fora da escola
 Fazendo trabalhos em grupo
 Participando de aulas com o uso de tecnologias educacionais
 Participando de aulas de reforço escolar

03. Marque as opções que caracterizam sua relação com a escola de tempo integral (*Pode marcar mais de uma opção*):

- Na escola tenho a possibilidade de me reunir com meus amigos
 Na escola tenho a possibilidade de fazer refeições
 Na escola consigo fazer todas as eletivas que tenho interesse
 A escola tem uma boa estrutura para estudar, diferentemente da minha casa
 Já estou acostumado a passar o dia inteiro na escola
 O dia a dia na escola é cansativo e enfadonho
 Na escola gosto de conversar com os professores, coordenadores, funcionários e gestores
 Nas eletivas consigo aprender algo diferente e importante para minha vida

04. Se você tivesse que se dedicar apenas a uma área de conhecimento, qual delas você escolheria?

- Área de Linguagens e suas Tecnologias: Língua Portuguesa - Artes - Educação Física - Inglês
 Área de Matemática e suas Tecnologias: Matemática
 Área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias: Química - Física - Biologia
 Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: História - Geografia - Sociologia - Filosofia

05. Você está fazendo alguma disciplina eletiva “por obrigação”?

- Sim, porque não tinha mais vaga em outra eletiva da minha preferência
 Sim, por definição da escola
 Não, todas as eletivas que quis fazer, consegui me matricular

06. O que você gostaria de fazer mais durante o tempo em que está na escola?

- Aprofundar conteúdos
 Realizar atividades artísticas e/ou esportivas
 Realizar projetos pessoais na escola
 Tirar dúvidas e realizar a revisão de conteúdo
 Fazer oficinas práticas
 Participar de grupos de discussão, grêmios estudantis etc.
 Desenvolver atividades de pesquisa

07. O que você considera como sendo a principal diferença entre as aulas das eletivas e as aulas das disciplinas da base comum?

- Contato com a Comunidade
 Discussões mais aprofundadas
 Presença de Convidados
 Ter aulas de campo
 Outro: _____

RELAÇÃO COM A CIDADE

08. Que espaços são mais representativos/interessantes de se mostrar a cidade quando se fala de Canindé? (PODE MARCAR ATÉ 3)

- Praça dos Romeiros
 Praça da Basílica
 Praça Tomás Barbosa
 Praça da Melada
 Praça dos Mestres
 Praça Azul
 Praça Bambulúá
 Bares (Boteco do Seu Zeca, Palhoça etc.).
 Churrascarias/Pastelarias/Pizzarias
 Estátua de Canindé
 Espaços Religiosos no geral
 Museu de Canindé
 Zoológico
 Outro: _____

ENSINO DE SOCIOLOGIA

09. Atualmente você tem acesso a conteúdos sociológicos por quais meios? (Pode marcar mais de um).

- Nas aulas semanais
 Na eletiva
 Em outros canais, internet
 Outro: _____

10. Qual destas frases melhor representa sua atual relação com a Sociologia?

- Considero Sociologia como apenas mais uma disciplina
 Considero Sociologia como a minha disciplina favorita
 Considero Sociologia como uma forma de debater sobre assuntos que me interessam
 Considero Sociologia como uma fonte de informação
 Considero a Sociologia importante para o ENEM e vestibulares
 Considero que a Sociologia me proporciona uma visão mais crítica do mundo
 Considero que os conteúdos estão conectados à realidade atual
 Considero a Sociologia difícil de entender
 Considero que a Sociologia ensina conteúdos que são contrários às minhas crenças e valores

ROLÊ SOCIOLÓGICO

11. Qual dos motivos abaixo você considera como o principal para sua participação no Rolê Sociológico?

- Aprender mais sobre Sociologia
 Por causa da Professora que ofertou a eletiva
 Por causa das aulas de campo
 Por causa dos amigos que se inscreveram
 Outro motivo: _____

12. Quais dessas temáticas você achou interessante ser discutida no Rolê Sociológico: (pode marcar mais de um)

- Direito à Cidade
- Violência
- Romaria/Festa de São Francisco
- Pobreza
- Desemprego
- Patrimônio Cultural
- Trabalho
- Praças
- Museus
- Outro: _____

13. Que espaços você visitou pela primeira vez com o Rolê Sociológico? (pode marcar mais de um)

- Praça dos Romeiros
- Praça da Basílica
- Praça Tomás Barbosa
- Praça dos Mestres
- Museu de Canindé
- Biblioteca Municipal Cruz Filho

14. Qual destas frases descreve melhor a sua opinião sobre o “Rolê Sociológico”?

- Considero a proposta interessante
- Foi a escolha mais próxima de algo que eu me interessou
- É onde aprendi de fato Sociologia
- Não representa uma escolha minha/a escola escolheu

15. Sobre o Rolê Sociológico você:

15.1 - Recomendaria a outros/as colegas?

- Sim Não

15.2 - Deveria ser usada nas aulas regulares

- Sim Não

15.3 - É um apoio às aulas de Sociologia

- Sim Não

15.4 Trazer convidados deveria ser algo mais presente nas aulas das disciplinas da base comum?

- Sim Não

15.5 Ter aula de campo deveria ser algo mais presente nas aulas das disciplinas da base comum?

- Sim Não

A seguir estão listadas algumas afirmações e gostaria de saber o quanto você concorda com elas:

16. “Considero que sei muito sobre a história e cultura de Canindé.”

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente

17. “Considero que sei muito sobre os patrimônios culturais de Canindé (museu, praças e personalidades).”

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente

18. “O Rolê Sociológico me ajudou me sentir mais próximo da minha cidade.”

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente

19. “O Rolê Sociológico me ajudou a valorizar mais o lugar onde eu moro.”

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente

Muito obrigada pela participação!

APÊNDICE D – PLANO DE DISCIPLINA ELETIVA MODELO SEDUC

CÓDIGO: CHSA100

UNIDADE CURRICULAR ELETIVA: ROLÊ SOCIOLÓGICO

CARGA-HORÁRIA: 40H/A

OBJETIVOS

- **Objetivo Geral**

Desenvolver o modo sociológico de pensar a partir do entendimento da cidade como espaço fértil para o aprendizado.

- **Objetivos Específicos**

- Apropriar-se dos conceitos desenvolvidos pela para pensar a cidade a partir das teorias de Georg Simmel e José Guilherme Cantor Magnani.
- Identificar as praças como espaços de desenvolvimento de sociabilidade.
- Entender como os diferentes grupos sociais (mulheres, jovens, idosos, LGBTs, pessoas com deficiência) vivenciam os espaços urbanos.
- Identificar os patrimônios presentes na cidade e a importância de sua preservação.

JUSTIFICATIVA

Compreender que sua escola está inserida em um determinado bairro de uma determinada cidade pode ser o ponto de partida para uma rica reflexão sociológica. Assim, aulas sobre a vida urbana embasadas nos conteúdos sociológicos, entendendo a cidade como fenômeno social e como ambiente de aprendizado sociológico podem proporcionar ao estudante o desenvolvimento do modo sociológico de pensar.

OBJETOS DO CONHECIMENTO

- O conceito sociológico de cidade;
- As discussões da Sociologia Urbana sobre a cidade: perspectivas de Georg Simmel e José Guilherme Cantor Magnani;
- Usos e sociabilidades nos espaços públicos: Praças, lazer e juventude.
- Gênero, classe e raça: mobilidade Urbana e direito à cidade.
- Patrimônios da cidade.

OBJETIVOS DA APRENDIZAGEM

- Identificar a partir de suas vivências na cidade, como esta pode ser um espaço de construção de conhecimento e compreensão da realidade social.
- Perceber, a partir de suas vivências na cidade, a importância dos espaços urbanos para a cultura e a sociabilidade dos cidadãos.
- Apropriar-se das reflexões proporcionadas pela Sociologia para compreensão do espaço social em que se está inserido.
- Refletir sobre seu sentimento de pertencimento à comunidade urbana que está inserido.
- Valorizar os espaços urbanos, percebendo-os como importantes para a construção da cultura e memória coletiva.

RECURSOS DIDÁTICOS

- Computador da professora
- Ônibus escolar
- Site Mentimeter
- Quadro
- Lousa
- Pincel
- Celular
- Caderno
- Cartolinas, Lápis de Cor, Canetinhas e Caneta
- Textos didáticos/Livros didáticos

AValiação

- Participação em sala de aula.
- Leitura e realização das atividades propostas.
- Construção da sala temática de modo a formar uma exposição de tudo o que foi produzido na eletiva.
- Construção e apresentação coletiva da proposta de intervenção “Caminhos para a valorização dos espaços urbanos.”

SUGESTÃO DE PRODUTO FINAL/CULMINÂNCIA

- Sala temática com a exposição do que foi produzido ao longo da eletiva.
- Apresentação da proposta de intervenção “Caminhos para a valorização dos espaços urbanos.”

OBSERVAÇÕES

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DA BNCC DESENVOLVIDAS A PARTIR DA ELETIVA

- **Competências (BNCC)**

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA Nº 1

Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA Nº 02

Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão dos processos sociais, políticos, econômicos e culturais geradores de conflito e negociação, desigualdade e igualdade, exclusão e inclusão e de situações que envolvam o exercício arbitrário do poder.

- **Habilidades (BNCC)**

(EM13CHS104) Analisar objetos da cultura material e imaterial como suporte de conhecimentos, valores, crenças e práticas que singularizam diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

(EM13CHS105) Identificar, contextualizar e criticar as tipologias evolutivas (como populações nômades e sedentárias, entre outras) e as oposições dicotômicas (cidade/ campo,

cultura/natureza, civilizados/bárbaros, razão/sensibilidade, material/virtual etc.), explicitando as ambiguidades e a complexidade dos conceitos e dos sujeitos envolvidos em diferentes circunstâncias e processos.

(EM13CHS201) Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais e culturais.

(EM13CHS204) Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.

REFERÊNCIAS DO PLANO

BOMENY, H. *et al.* **Tempos modernos, tempos de sociologia**. 3. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2016.

CASTELS, M. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Guerra, 1998.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2011.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Rev. Br. Ci. Soc.**, [s. l.], v. 19, n. 49, jun. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfvVWbkbgsfQD7ytJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 09 jul. 2022.

MILLS, C. W. **A imaginação sociológica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1959.

OLIVEIRA, L. F. de; COSTA, R. C. R. da. **Sociologia para jovens do século XXI**. 4. ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2016.

SILVA, A. *et al.* **Sociologia em movimento**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2016.

SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). **Mana**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 577-591, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/WfkbJzPmYNdfNWxpyKpcwWj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 jul. 2022.